

# *A duquesa de Langeais*

*Honoré de Balzac*

## **I — A IRMÃ TERESA**

Existe numa velha cidade espanhola, situada em certa ilha do Mediterrâneo, um convento de carmelitas descalças no qual a regra da ordem instituída por Santa Teresa se conservou no rigor da primitiva reforma promovida por essa ilustre mulher. O fato é verdadeiro, por mais extraordinário que pareça. Embora as casas religiosas da península e as do continente tenham sido quase na totalidade destruídas ou arruinadas em consequência da Revolução Francesa e das guerras napoleônicas, a ilha em apreço, seu rico convento e seus pacíficos habitantes se encontraram ao abrigo de perturbações e das espoliações gerais, protegidos como foram pela marinha inglesa.

As tempestades de toda espécie, que agitaram os quinze primeiros anos do século XIX, quebraram-se assim contra aquele rochedo pouco distante da costa da Andaluzia. Se o nome do imperador chegou até aquelas plagas, é duvidoso que seu cortejo fantástico de glórias e as flamejantes majestades de sua vida meteórica tenham sido compreendidos pelas santas mulheres ajoelhadas naquele claustro.

Uma rigidez conventual que coisa alguma alterara recomendava aquele

asilo a todas as memórias do mundo católico. Desse modo, a pureza de sua regra atraía, dos pontos mais afastados da Europa, as tristes mulheres cujas almas, despojadas de todos os laços humanos, suspiravam pelo longo suicídio levado a cabo no seio de Deus. Nenhum convento era aliás mais favorável ao completo alheamento das coisas terrenas, exigido pela vida religiosa.

Entretanto, via-se, no continente, grande número dessas casas, magnificamente construídas de conformidade com a sua destinação: algumas sepultadas ao fundo dos vales mais solitários; outras, suspensas ao alto das montanhas mais escarpadas, ou lançadas à borda de precipícios; por toda parte o homem procurou a poesia do infinito, o solene horror do silêncio; quis, por toda parte, colocar-se mais próximo de Deus; buscou-o nos cimos, no fundo dos abismos, à borda das falésias, e por toda parte o achou.

Mas em nenhum outro lugar se poderiam encontrar reunidas tantas harmonias diversas concorrendo para elevar a alma, nela apagar as impressões mais dolorosas, amortecer-lhe as mais vivas e a fazer as penas da vida um leito mais profundo do que naquele rochedo meio europeu, meio africano.

O mosteiro fora construído na extremidade da ilha, no ponto culminante do rochedo, que, por efeito da grande revolução do globo, é cortado a pique do lado do mar onde apresenta em todos os pontos as arestas vivas de suas escarpas ligeiramente roídas ao nível da água, mas inabordáveis.

O rochedo é protegido de qualquer ataque por perigosos escolhos que se prolongam até longe, e nos quais se quebram as ondas brilhantes do Mediterrâneo.

Só do mar se percebem os quatro corpos do edifício quadrado em cuja forma, altura e aberturas foram minuciosamente observadas as leis monásticas. Do lado da cidade, a igreja esconde inteiramente as sólidas construções do claustro, cujos tetos são recobertos por grandes lajes que

os tornam invulneráveis aos golpes de vento, aos temporais e à ação do sol. A igreja, devido às liberalidades de uma família espanhola, coroa a cidade. A fachada audaz, elegante, empresta grande e bela fisionomia à pequena cidade marítima. Pois não é um espetáculo repleto de todas as sublimidades terrestres o aspecto de uma cidade de telhados comprimidos, dispostos quase todos em anfiteatro diante de lindo porto, e dominados por magnífico frontispício em tríglifo gótico, com campanários, com torrõezinhos, com flechas soltas? A religião dominando a vida e dela oferecendo incessantemente aos homens o fim e os meios, imagem muito espanhola, aliás!

Ponde esta paisagem no Mediterrâneo, sob um céu de fogo; acrescentai-lhe algumas palmeiras, muitas árvores raquíticas, mas vivazes, a misturarem suas verdes frondes agitadas às folhas esculpidas de arquitetura imóvel; vede as franjas do mar branqueando os recifes, contrastando com o azul-safira das águas; admirai as galerias, os terraços construídos no alto de cada casa, onde os habitantes vêm respirar o ar da tarde entre flores, sob as árvores de seus jardinzinhos. No porto, algumas velas. Enfim, na serenidade da noite em começo, ouvi a música dos órgãos, o canto dos ofícios e os sons admiráveis dos sinos em pleno mar. O ruído e a calma em tudo; mas, as mais das vezes, a calma por toda parte.

Interiormente a igreja se dividia em três naves sombrias e misteriosas. Tendo a fúria dos ventos sem dúvida impedido o arquiteto de construir lateralmente os arcobotantes que ornaram em geral as catedrais e entre os quais são abertas as capelas, as paredes que flanqueavam as duas pequenas naves e sustinham a grande não lhe comunicavam luz alguma. Aquelas fortes muralhas apresentavam no exterior o aspecto de suas massas escuras, apoiadas de distância em distância sobre enormes contrafortes.

A nave maior e suas duas pequenas galerias laterais só eram, assim, iluminadas pela rosácea de vitrais coloridos, colocada com arte pasmosa

no alto da fachada, cuja exposição favorável permitira o luxo das rendas de pedra e dos ornatos próprios do estilo inadequadamente chamado gótico.

A maior parte das três naves se destinava aos habitantes da cidade que lá iam ouvir a missa e os ofícios. Diante do coro, havia uma grade por trás da qual pendia um cortinado de numerosas pregas, ligeiramente entreaberto ao centro de modo a não deixar ver mais que o celebrante e o altar. A grade era separada em iguais intervalos por pilares que sustinham uma tribuna interior e os órgãos. A construção, harmonizando-se com os ornamentos da igreja, figura exteriormente, em madeira esculpura, as colunetas das galerias que se apoiavam nos pilares da nave principal. Seria assim impossível a qualquer curioso, bastante ousado para subir à estreita balaustrada dessas galerias, ver mais que as longas janelas octogonais e coloridas que se abriam em panos iguais em torno do altar-mor.

Quando da expedição francesa levada à Espanha para restabelecer a autoridade do rei Fernando VII, depois da tomada de Cádiz, um general francês, vindo à ilha para fazer com que se reconhecesse o governo real, prolongou ali a sua estada com o propósito de ver o convento e encontrou meios de nele se introduzir. A empresa era, decerto, delicada. Mas um homem cheio de paixão, um homem cuja vida não fora mais que, por assim dizer, uma série de poemas em ação, que sempre fizera romances em vez de os escrever, um homem decidido, sobretudo, deveria sentir-se tentado por uma coisa aparentemente impossível.

Abrir legalmente as portas de um convento de mulheres? Só com permissão do papa ou do arcebispo metropolitano. Empregar a astúcia ou a força? Em caso de indiscrição não seria perder a situação, comprometer toda a carreira militar e errar o alvo? O duque de Angoulême estava ainda na Espanha, e de todas as faltas que pudesse cometer um homem apreciado pelo generalíssimo, somente essa não encontraria nele piedade. Mas o general solicitara a missão a fim de satisfazer secreta curiosidade, embora jamais uma curiosidade fosse tão desesperada. Mas essa

derradeira tentativa era um assunto de consciência. A casa dessas carmelitas era o único convento espanhol que escapara às suas pesquisas. Durante a travessia, que não durou mais de uma hora, gravou-se em sua alma um pressentimento favorável à sua expectativa. Depois, embora do convento só tivesse visto as muralhas, e das religiosas nem houvesse vislumbrado as vestes, ele, que só lhes ouvira os cantos litúrgicos, encontrou, sob aquelas muralhas e naqueles cantos, leves indícios que justificavam sua frágil esperança. Enfim, por mais leves que fossem as suspeitas tão bizarramente despertadas, jamais paixão humana se tornara mais violentamente interessada que a curiosidade do general.

É que não há pequenos acontecimentos para o coração; ele aumenta tudo; põe na mesma balança a queda de um império de catorze anos e a queda de uma luva de mulher, e, quase sempre, a luva nele pesa mais que o império. Eis, pois, aqui, os fatos em toda a sua positiva simplicidade. Depois dos fatos virão as emoções.

Uma hora depois de haver o general abordado o ilhote, a autoridade real fora restabelecida. Alguns constitucionalistas espanhóis, que lá se haviam refugiado depois da tomada de Cádiz, embarcaram num navio que o general lhes permitiu fretar para se dirigirem a Londres. Não houve, pois, nem resistência nem reação. E a Restauraçãozinha insular não poderia ficar sem uma missa à qual teriam de assistir as duas companhias enviadas em expedição.

Não conhecendo o rigor da clausura das carmelitas descalças, o general esperara poder obter, na igreja, alguns dados sobre as religiosas encerradas no convento, das quais uma talvez fosse para ele mais amada que a vida e mais preciosa que a honra. Suas esperanças foram de pronto cruelmente desfeitas. A missa foi, na verdade, celebrada com pompa. Em atenção à solenidade, as cortinas que velavam habitualmente o coro foram abertas e deixaram ver as riquezas, os quadros preciosos e os relicários ornados de pedrarias cujo brilho fazia empalidecer os dos numerosos *ex-*

*votos* de ouro e prata colocados pelos marinheiros do porto nas colunas da nave maior. As religiosas se haviam refugiado todas na tribuna do órgão. Entretanto, malgrado esse primeiro desengano, durante a missa em ação de graças, desenrolou-se largamente o drama mais secretamente interessante que jamais fez bater um coração de homem. A irmã que tocava o órgão excitou tão vivo entusiasmo, que nenhum dos militares lamentou ter comparecido à cerimônia. Os próprios soldados encontraram nela prazer, e os oficiais sentiram-se arrebatados. Quanto ao general, permaneceu aparentemente frio e calmo. As sensações que lhes causaram os diferentes trechos executados pela religiosa pertencem ao pequeno número de coisas cuja expressão é interdita à palavra e a torna impotente, mas que, semelhante à morte, a Deus e à eternidade, só se podem apreciar pelo ligeiro ponto de contato que têm com os homens. Por singular acaso, a música do órgão parecia pertencer à escola de Rossini, o compositor que transportou mais paixão humana para a arte musical e cujas obras inspirarão um dia, pelo seu número e extensão, um respeito homérico. Entre as partituras produzidas por esse belo gênio, a religiosa parecia haver estudado mais particularmente a do *Moisés*, sem dúvida porque o sentimento da música sacra nele se exprime no mais alto grau.

Possivelmente esses dois espíritos, um tão gloriosamente europeu, desconhecido o outro, poderiam encontrar-se na intuição da mesma poesia. Essa era a opinião de dois dos oficiais, verdadeiros *dilettanti*, que tinham saudade, na Espanha, do Théâtre Favart.

Por fim, no *Te-Deum* foi impossível não reconhecer uma alma francesa no caráter que de súbito assumiu a música. O triunfo do Rei Cristianíssimo excitava, evidentemente, viva alegria no fundo do coração da religiosa. Decerto, era francesa. Dentro em pouco o amor da pátria surgiu, brotou como um feixe de luz numa réplica de órgãos em que a irmã introduziu motivos que revelaram toda a delicadeza do gosto

parisiense e nos quais se misturavam vagamente os pensamentos de nossas mais belas árias nacionais. Mãos espanholas jamais teriam posto naquela graciosa homenagem às armas vitoriosas o calor que acabou por revelar a origem da musicista.

— A França está então em toda parte? — exclamou um soldado.

O general saíra durante o *Te-Deum*; fora-lhe impossível ouvi-lo. A execução musical lhe denunciava a mulher amada até a loucura e que se sepultara tão profundamente no coração da religião e se escondera tão cuidadosamente aos olhos do mundo, que escapara até então às pesquisas mais obstinadas, especialmente feitas por homens que dispunham de grande poder e duma inteligência superior.

A suspeita despertada no coração do general foi quase justificada pela vaga recordação de uma ária de deliciosa melancolia, a ária do “rio Tejo”, romança francesa cujo prelúdio muitas vezes ouvira em Paris executado pela pessoa que amava, e da qual a religiosa acabava de servir-se para exprimir, em meio da alegria dos triunfadores, as saudades de uma exilada. Terrível sensação! Esperar a ressurreição de um amor perdido, encontrá-lo perdido ainda, entrevê-lo misteriosamente, depois de cinco anos durante os quais a paixão se irritara em vão e crescera pela inutilidade das tentativas feitas para a satisfazer!

Quem, na vida, não esquadrinhou, por uma vez ao menos, todas as suas coisas, seus papéis, sua casa, não interrogou com impaciência a memória, à procura de um objeto precioso, e sentiu o prazer inefável de o encontrar depois de um dia ou dois consumidos em vãs pesquisas; depois de ter esperado e desesperado de encontrá-lo; depois de haver dispendido as mais vivas irritações da alma por essa importante ninharia que quase motivou uma paixão? Pois bem, prolongai essa espécie de raiva por cinco anos; ponde em lugar dessa ninharia uma mulher, um coração, um amor; transportai a paixão para as mais altas regiões do sentimento; suponde, além disto, um homem ardente, um homem de coração e face de leão, um



desses homens de juba que impõem e comunicam aos que os encaram respeitoso terror! Compreendereis então, talvez, a brusca saída do general durante o *Te-Deum*, no momento em que o prelúdio de uma romança, ouvido outrora com delícia por ele, sob tetos dourados, fez vibrar a nave daquela igreja à beira-mar.

Desceu a ladeira que conduzia à igreja e só parou no momento em que os sons graves do órgão deixaram de chegar aos seus ouvidos. Incapaz de pensar outra coisa que não o seu amor, cuja vulcânica erupção lhe queimava o coração, o general francês só se apercebeu do fim do *Te-Deum* no momento em que viu a assistência espanhola descer em ondas. Sentiu que sua conduta ou sua atitude poderiam parecer ridículas e voltou a retomar o seu lugar à frente do cortejo, dizendo ao alcaide e ao governador da cidade que uma súbita indisposição o havia obrigado a sair para tomar ar. Depois, a fim de poder ficar na ilha, cuidou de tirar partido do pretexto dado de início sem outra intenção. Alegando a agravação do seu mal-estar, recusou-se a presidir o jantar oferecido pelas autoridades insulares aos oficiais franceses; pôs-se ao leito e fez escrever ao major-ajudante para anunciar-lhe a indisposição passageira que o forçava a delegar a um coronel o comando das tropas. O expediente tão vulgar, mas tão usado, libertou-o de cuidados durante o tempo necessário ao cumprimento dos seus projetos. Como homem essencialmente católico e monárquico, informou-se da hora dos ofícios e afetou o maior apego às práticas religiosas, devoção que, na Espanha, não surpreenderia ninguém.

Já no dia seguinte, durante a partida dos seus soldados, o general se dirigiu para o convento a fim de assistir às Vésperas. Encontrou a igreja deserta dos habitantes que, não obstante sua devoção, tinham ido ao porto ver o embarque das tropas. O francês, feliz por se encontrar só na igreja, teve o cuidado de fazer retinir pelas abóbadas sonoras o tilintar das esporas; caminhou ruidosamente, tossiu, falou alto consigo mesmo para mostrar às religiosas, e sobretudo à musicista, que, se os franceses

partiam, um ali ficava. O singular aviso teria sido ouvido e compreendido?... O general o acreditou. Ao *Magnificat*, o órgão pareceu dar-lhe resposta que foi trazida pelas vibrações do ar. A alma da religiosa voou para ele nas asas de suas notas e se emocionou com o movimento dos sons. A música rompeu em toda a sua potência, aqueceu a igreja. O canto de alegria, consagrado pela sublime liturgia da cristandade romana para exprimir a exaltação da alma em presença dos esplendores do Deus sempre vivo, tornou-se a expressão de um coração quase aterrorizado pela sua felicidade na presença dos esplendores de um amor perecível que durava ainda e o vinha agitar na tumba religiosa onde se sepultam as mulheres para ressurgirem esposas de Cristo.

O órgão é, decerto, o maior, o mais completo, o mais magnífico dos instrumentos criados pelo gênio humano. É toda uma orquestra a que uma mão hábil tudo pode pedir, pois que ele pode exprimir tudo. Não é, de certa forma, um pedestal sobre o qual pousa a alma para se lançar aos espaços, quando, no seu voo, tenta traçar mil esboços, pintar a vida, percorrer o infinito que separa o céu da terra? Quanto mais um poeta ouve suas gigantescas harmonias, melhor concebe que só as centenas de vozes do coro possam vencer as distâncias que separam os homens ajoelhados do Deus oculto pelos raios deslumbrantes do santuário, e que seja ele, assim, o único intérprete capaz de transmitir ao céu as preces humanas na infinita variação de suas modalidades, na diversidade de suas melancolias, em todos os tons de seus êxtases meditativos, com os ímpetos de seus arrependimentos e as mil fantasias de todas as suas crenças.

Sim, sob essas altas abóbadas, as melodias criadas pelo gênio das coisas sagradas encontram grandezas inauditas de que elas se orlam e fortalecem. Ali, a meia-luz, o silêncio profundo, os cantos que alternam com o trovejar dos órgãos, formam para Deus como que um véu através do qual irradiam seus luminosos atributos. Todas essas sagradas riquezas

pareciam lançadas como um grão de incenso sobre o frágil altar do amor em face do eterno trono de um Deus ciumento e vingativo.

Com efeito, a alegria da religiosa não tinha o caráter de grandeza e de gravidade que deve harmonizar-se com a solenidade do *Magnificat*; deu-lhe ricos, graciosos desenvolvimentos cujos diferentes ritmos acusavam uma alegria humana. Seus motivos tinham o brilho dos gorjeios de uma cantora que procurasse exprimir o amor e seus cantos saltitavam como um passarinho junto à companheira. Depois, por momentos, lançava-se por saltos ao passado para nele doidejar e chorar ao mesmo tempo. Seu compasso variável tinha algo de desordenado como a agitação de uma mulher feliz pelo retorno do amante! Após as fugas flexíveis do delírio e os efeitos maravilhosos daquele reconhecimento fantástico, a alma, que assim falava, recolheu-se.

A musicista, passando do tom maior ao menor, soube informar seu ouvinte de sua situação atual. De súbito contou-lhe as suas longas melancolias e lhe pintou sua lenta doença moral. Havia abolido cada dia um sentimento, reprimido um pensamento cada noite, reduzido gradualmente o coração a cinzas. Depois de algumas doces modulações, a música tomou, de tom em tom, uma cor de profunda tristeza. E logo os ecos derramaram pesares em torrentes. Afinal, repentinamente, as notas altas entoaram um concerto de vozes angélicas como que para anunciar ao amado perdido, mas não esquecido, que a reunião das duas almas só se faria nos céus: comovedora esperança!

Chegou o *Amém*. E não houve nem alegrias nem lágrimas nos ares, nem melancolia, nem pesar. O *Amém* foi um retorno a Deus: esse último acorde foi grave, solene, terrível. A musicista desdobrou nele todos os crepes da religiosa, e, após as últimas percussões dos baixos, que fizeram fremir os ouvintes até os cabelos, pareceu remergulhar na tumba de onde por instantes saíra. Quando cessaram, aos poucos, as vibrações oscilatórias do ar, dir-se-ia que a igreja, até então luminosa, recaíra em profunda

obscuridade.

O general fora rapidamente transportado pelo voo daquele gênio vigoroso e o seguira pelas regiões que acabava de percorrer. Compreendia em toda a sua extensão as imagens do que abundou aquela sinfonia e para ele aqueles acordes iam muito longe. Para ele, como para a freira, aquele poema era o futuro, o presente e o passado. A música, mesmo a de teatro, não é, para as almas ternas e poéticas, para os corações sofredores e magoados, um texto que eles desenvolvem de conformidade com as suas recordações? Se é preciso um coração de poeta para fazer um músico, não é preciso poesia e amor para ouvir e compreender as grandes obras musicais? A Religião, o Amor e a Música não são a tríplice expressão de um mesmo fato, a necessidade de expansão pela qual é solicitada toda alma nobre? Essas três poesias vão diretamente a Deus, que nos desliga de todas as emoções terrenas. Esta santíssima trindade humana participa igualmente das infinitas grandezas de Deus, que nunca imaginamos sem o cercar das chamas do amor, dos sistros de ouro da música, da luz e da harmonia. Não é ele o princípio e o fim de nossas obras?

O francês adivinhou que, naquele deserto, sobre aquele rochedo cercado pelo mar, a religiosa se apoderara da música para nela lançar o excesso de paixão que a devorava. Seria uma homenagem prestada a Deus pelo seu amor ou seria o triunfo do amor sobre Deus? Díficeis questões a resolver. Mas o general não pôde duvidar, decerto, de ter encontrado naquele coração morto para o mundo uma paixão tão ardente como a sua. Concluídas as Vésperas, regressou à casa do alcaide, onde estava hospedado. Tomado das mil alegrias de que é pródiga uma satisfação longamente esperada, penosamente buscada, nada via além dela. Era sempre amado. A solidão aumentara o amor naquele coração, tanto como crescera no seu através das barreiras sucessivamente vencidas, colocadas por aquela mulher entre ambas. Aquela expansão d'alma teve a sua duração natural. Veio-lhe depois o desejo de rever a mulher, de a disputar

a Deus, de lha arrebatá, temerário projeto que agradou àquele homem audaz.

Depois do jantar, acomodou-se para evitar as perguntas, para ficar só, para poder pensar sem perturbações e mergulhou nas mais profundas meditações até a manhã seguinte.

Levantou-se para ir à missa. Compareceu à igreja e colocou-se junto à grade; sua cabeça tocava a cortina que ele desejaria fazer em pedaços, mas não estava só: seu hospedeiro o acompanhava por gentileza, e a menor imprudência poderia comprometer o futuro de sua paixão, arruinar suas novas esperanças. O órgão se fez ouvir, mas não o tocavam as mesmas mãos. A musicista dos dois dias precedentes não dominava já o teclado. Tudo decorreu frio e sem cor para o general. Estaria sua amada dominada pelas mesmas emoções sob as quais quase sucumbia seu vigoroso coração de homem? Teria ela partilhado, compreendido bem o amor fiel e desejado a ponto de estar a morrer no leito de sua cela?

No instante mesmo em que mil reflexões desse gênero acudiam ao espírito do francês, ouviu soar perto dele a voz da criatura que adorava e reconheceu-lhe o timbre claro. Aquela voz, ligeiramente alterada por um tremor que lhe emprestava todas as graças que a tímida pudicícia dá às moças, sobressaía da massa do canto como a de uma *prima donna* na harmonia de um final. Fazia à alma o efeito que produz à vista um filete de ouro ou de prata sobre uma frisa escura.

Era ela, mesmo! Sempre parisiense, não se despojara de sua coqueteria embora houvesse trocado os enfeites da moda pelo véu, pela dura estamena das carmelitas.

Depois de haver assinalado, na véspera, o seu amor, entre os louvores tributados ao Senhor, parecia dizer ao amado: “Sim, sou eu, estou aqui, sempre amante; mas colocada ao abrigo do amor. Ouvir-me-ás, meu amor te envolverá e eu ficarei sob a mortalha marrom deste coro de onde nenhum poder me poderá arrancar. Não me verás”.

“É bem ela!”, pensou o general levantando a cabeça de entre as mãos sob as quais a apoiara, pois não pudera, de momento, sofrer a dilacerante emoção que se elevou como um turbilhão em seu peito quando a voz tão conhecida vibrou sob as arcadas, acompanhada pelo murmúrio das ondas. A tempestade ia lá fora e a calma no santuário. Aquela voz tão rica continuava a desdobrar todos os seus carinhos e chegava como um bálsamo ao coração abrasado do amante, floria no ar que se desejaria aspirar melhor para apreender as emanações duma alma que se exalava com amor nas palavras da prece. O alcaide aproximou-se do seu hóspede e foi encontrá-lo fundido em lágrimas, na Elevação, que foi cantada pela religiosa, e o levou para casa.

Surpreso de ver tanta devoção num militar francês, o alcaide convidara para o jantar o confessor do convento e preveniu o general ao qual notícia alguma jamais dera maior prazer. Durante o jantar o confessor foi objeto das atenções do francês cujo interessado respeito confirmou aos espanhóis a alta opinião que haviam formado de seus sentimentos religiosos. Perguntou gravemente o nome das religiosas, pediu detalhes sobre as rendas do convento e suas riquezas, como que parecendo querer entreter polidamente o bom velho padre com as coisas que mais o deviam preocupar. Indagou, depois, da vida que levavam as santas mulheres. Podiam sair? Podia-se vê-las?

— Senhor — respondeu o venerável eclesiástico —, a regra é severa. Se é necessária a permissão do nosso Santo Padre para que uma mulher chegue a uma casa de São Bruno, aqui há o mesmo rigor. É impossível a um homem entrar num convento de carmelitas descalças, a menos que seja padre e colocado pelo arcebispo a serviço da Casa. Nenhuma religiosa pode sair. Não obstante, a *Grande Santa* (a madre Teresa) deixou muitas vezes sua cela. Só o Visitador e as madres superiores podem permitir a uma religiosa, com a autorização do arcebispo, ver a estranhos, mesmo em caso de doença. A daqui é uma casa-matriz e há conseqüentemente, no

convento, uma madre superiora. Temos, entre outras estrangeiras, uma francesa, a irmã Teresa, a que dirige a música na capela.

— Ah! — exclamou o general, fingindo surpresa —, ela deve ter ficado satisfeita com o triunfo das armas da casa de Bourbon.

— Conte-lhe o objetivo da missa, elas sempre são um nada curiosas.

— Mas a irmã Teresa pode ter interesses na França, talvez queira mandar algum recado, pedir notícias...

— Não o creio; ter-se-ia dirigido a mim para sabê-las.

— Na qualidade de seu compatriota — disse o general —, tenho curiosidade de vê-la... se for possível, se a superiora consentir, se...

— Na grade, mesmo em presença da Reverenda Madre, seria impossível uma entrevista com quem quer que fosse; mas, em favor de um libertador do trono católico e da santa religião, não obstante a severidade da Madre, a regra pode fechar os olhos por um instante — disse o confessor piscando um olho. — Eu falarei.

— Que idade tem a irmã Teresa? — perguntou o general, não ousando interrogar o padre quanto à beleza da religiosa.

— Ela não tem mais idade — respondeu o bom homem com uma simplicidade que fez o general estremecer.

Na manhã do outro dia, o confessor foi anunciar ao francês que a irmã Teresa e a Madre consentiam em recebê-lo na grade do parlatório, antes da hora das Vésperas. Depois da sesta, durante a qual o general devorou o tempo indo caminhar pelo porto, sob o calor mediterrâneo, o padre tornou a procurá-lo e o introduziu no convento; guiou-o por uma galeria que ladeava o cemitério e na qual algumas fontes, muitas árvores verdejantes e múltiplos arcos conservavam uma frescura que harmonizava com o silêncio do local. Chegados ao fim da longa galeria, o padre fez o companheiro entrar para uma sala dividida em duas partes por uma grade coberta por um reposteiro marrom. Do lado, de certo modo reservado ao público, onde o confessor deixou o general, havia, ao longo da parede, um

banco de madeira; algumas cadeiras igualmente de pau estavam colocadas junto à grade. O teto era formado de traves salientes, de carvalho bem conservado e sem nenhum ornamento. A luz só chegava à peça por duas janelas situadas na parte reservada às religiosas, de modo que a pouca luz, mal refletida pela madeira de tons escuros, era apenas suficiente para iluminar o grande crucifixo negro, a estampa de Santa Teresa e um quadro da Virgem, que decoravam as paredes cor de cinza do parlatório. Os sentimentos do general tomaram então, malgrado sua violência, um tom melancólico. Tornou-se calmo, naquele calmo ambiente. Algo de grande como a tumba o dominava sob aqueles frescos tetos. Não era eterno o seu silêncio, profunda a sua paz, infinitas as suas meditações? Depois, a quietude e o pensamento fixo do claustro, esse pensamento que se insinua no ar, no claro-escuro, em tudo, e que não estando traçado em parte alguma mais aumenta através da imaginação a grande frase: *A paz no Senhor*, ali penetram à viva força na menos religiosa das almas.

Os conventos masculinos não se concebem bem; o homem ali parece um fraco; o homem nasceu para agir, para levar uma vida de trabalho à qual se subtrai em sua cela. Mas, num convento de mulheres, quanto vigor viril e comovedora fraqueza! Um homem pode ser levado por mil sentimentos ao fundo de uma abadia, nela se atira como num precipício; a mulher, porém, só é levada até lá por um único sentimento: ela não violenta a sua natureza, pois desposa Deus. Pode-se perguntar aos religiosos: por que não lutastes? Mas a reclusão de uma mulher não é, invariavelmente, uma luta sublime? O general achou aquele parlatório mudo e aquele convento, perdido no mar, cheios dele.

O amor raramente chega à sublimidade; mas o amor fiel, mesmo no seio de Deus, não é algo de sublime e acima do que um homem poderia esperar no século XIX, dados os costumes correntes? As grandezas infinitas da situação podiam influir na alma do general e ele era,



precisamente, bastante elevado para esquecer a política, as honrarias, a Espanha, a sociedade de Paris e elevar-se à altura daquele desfecho grandioso. Aliás, que poderá haver de mais verdadeiramente trágico? Quantos sentimentos, na situação dos dois amantes reunidos no meio do mar, sobre uma rocha de granito, mas separados por uma ideia, por uma barreira intransponível! E o homem se interrogava: “Triunfarei sobre Deus neste coração?”.

Um leve ruído fê-lo estremecer. O reposteiro marrom foi afastado. E ele viu na meia-luz uma mulher de pé, cujo rosto se ocultava pelo prolongamento do véu pregueado sobre a testa. Segundo as regras da ordem, estava vestida com o hábito cuja cor se tornou proverbial. E o visitante não pôde ver os pés nus da religiosa, que lhe teriam revelado sua assustadora magreza; entretanto, não obstante as numerosas pregas das vestes grosseiras que cobriam e não ornavam a mulher, ele adivinhou que as lágrimas, a prece, a paixão, a vida solitária já a haviam dessecado.

A mão enregelada de uma mulher, a da superiora sem dúvida, segurava ainda o reposteiro; e o general, ao examinar a testemunha necessária da palestra, encontrou o olhar negro e profundo de uma velha religiosa, quase centenária, olhar claro e jovem que desmentia as numerosas rugas que sulcavam a face pálida da mulher.

— Senhora duquesa — perguntou com voz grandemente emocionada à religiosa que se mantinha de cabeça baixa —, sua companheira compreende o francês?

— Não há aqui duquesa alguma — respondeu a religiosa. — Está diante da irmã Teresa. A mulher, a que chama de minha companheira, é minha mãe em Deus, minha superiora aqui na terra.

Tais palavras, tão humildemente pronunciadas pela voz que outrora se harmonizava com o luxo e a elegância em que vivera aquela mulher, rainha da moda em Paris, pela boca cuja linguagem fora tão graciosa, tão irônica, tocaram o general como um raio.

— Minha santa mãe só fala o latim e o espanhol — acrescentou. — Não conheço nem uma nem outra. Minha querida Antonieta, desculpa-me com ela.

Ouvindo seu nome pronunciado com doçura por um homem que fora, não há muito, tão duro para com ela, a religiosa experimentou uma viva emoção que os leves tremores do véu, sob o qual a luz dava em cheio, atraíçaram.

— Meu irmão — disse, levantando a manga sob o véu, talvez para enxugar os olhos —, eu me chamo irmã Teresa...

E, voltando-se para a Madre, disse-lhe em espanhol estas palavras que o general compreendeu perfeitamente; ele sabia o bastante para o entender e talvez também para o falar:

— Cara Madre, este cavalheiro lhe apresenta seus respeitos e pede desculpas por não poder ele próprio se colocar a seus pés, pois não sabe nenhuma das duas línguas que a senhora fala...

A velha inclinou a cabeça lentamente, sua fisionomia tomou uma expressão angélica de doçura, realçada, não obstante, pelo sentimento de seu poder e de sua dignidade.

— Conheces este cavalheiro? — perguntou-lhe a Madre, deitando-lhe um olhar perscrutador.

— Sim, minha mãe.

— Volta à tua cela, minha filha! — disse-lhe a superiora em tom imperioso.

O general se ocultou rapidamente por trás do reposteiro, para não deixar adivinhar pelo seu rosto as terríveis emoções que o agitavam; e, na sombra, parecia-lhe ver ainda os olhos verrumantes da superiora. A velha mulher, senhora da frágil e passageira felicidade, cuja conquista tanto custara, lhe fizera medo e ele tremia, ele a quem uma tríplice rajada de canhões jamais assustara. A duquesa, que se dirigia para a porta, voltou.

— Minha mãe — disse com voz horripelmente calma —, este francês é

um dos meus irmãos.

— Fica, então, minha filha! — respondeu a velha, depois de breve pausa.

Este admirável jesuitismo revelava tanto amor e tanta saudade que um homem menos forte que o general teria desfalecido ao experimentar tão vivo prazer entre imensos perigos, para ele totalmente novos. Que valor tinham então as palavras, os olhares, os gestos numa cena em que o amor teria de escapar a olhos de lince e garras de tigre! A irmã Teresa voltou.

— Viu, meu irmão, o que ousei fazer para falar-lhe um momento sobre sua salvação e sobre os votos que minh'alma dirige todos os dias por você ao céu? Cometo um pecado mortal. Menti. Quantos dias de penitências para apagar esta mentira! Mas será sofrer por você. Não sabe, meu irmão, que felicidade é a de amar no céu, de poder confessar os próprios sentimentos depois que a religião os purificou, transportando-os às mais altas regiões e permitindo-nos não mais olhar senão a alma. Se as doutrinas, se o espírito da santa, à qual devemos este asilo, não me houvessem transportado para longe das misérias terrestres e arrebatado para longe da esfera em que ela está, mas, decerto, para além da sociedade, eu não teria tornado a vê-lo. Mas posso vê-lo, ouvi-lo e permanecer calma...

— Pois bem! Antonieta — exclamou o general, interrompendo-a a essas palavras —, consente que eu te veja, tu a quem amo com loucura, perdidamente, como desejaste ser amada por mim.

— Não me chames Antonieta, suplico-te. As lembranças do passado me fazem mal. Não vêes aqui mais que a irmã Teresa, uma criatura confiante na misericórdia divina. E — acrescentou após uma pausa — modera-te, meu irmão. Nossa Madre nos separaria impiedosamente se o teu rosto traísse paixões mundanas ou se teus olhos deixassem cair lágrimas.

O general baixou a cabeça como que para se recolher. Ao levantar os olhos para a grade, percebeu, entre duas barras, o rosto emagrecido, pálido, mas ainda ardente, da religiosa. Sua tez, onde florescia outrora

todos os encantos da juventude, onde a feliz oposição de um branco-mate contrastava com as cores da rosa de Bengala, tomara o tom quente de uma taça de porcelana sob a qual se encerrasse uma luz fraca. A bela cabeleira, de que ela se orgulhava, havia sido cortada. Um véu cingia-lhe a fronte e lhe envolvia o rosto. Seus olhos, rodeados de olheiras pelas austeridades daquela vida, lançavam, por momentos, raios febris, e sua calma habitual não era mais que um disfarce. Não restava, enfim, daquela mulher, senão a alma.

— Ah! Deixarás esta tumba, tu que te tornaste a minha vida! Pertencias-me e não eras livre de entregar-te, nem mesmo a Deus. Não me prometeste tudo sacrificar a uma ordem minha? Agora talvez me aches digno dessa promessa, ao saberes o que fiz por ti. Procurei-te no mundo inteiro. Há cinco anos és o meu pensamento de todos os instantes, a ocupação da minha vida. Meus amigos, e amigos bem poderosos como sabes, ajudaram-me a pesquisar os conventos da França, da Itália, da Espanha, da Sicília, da América. Meu amor aumentava a cada vã pesquisa; fiz, muitas vezes, longas viagens guiado por uma falsa esperança; gastei a minha vida e as mais fortes pulsações do meu coração em torno das negras muralhas de muitos claustros. Não te falo de uma fidelidade sem limites; que seria ela? Nada, em comparação com os desejos infinitos do meu amor. Se foste verdadeira outrora em teus remorsos, não deves hesitar hoje em seguir-me.

— Esqueces que não sou livre.

— O duque está morto — respondeu ele vivamente.

A irmã Teresa enrubesceu.

— Que o céu lhe seja dado — disse ela com viva emoção —, foi generoso comigo. Mas eu não te falava desses laços; um de meus erros foi o de ter desejado quebrá-los, por ti, sem escrúpulos.

— Falas dos teus votos — exclamou o general, franzindo as sobrancelhas. — Não acreditava que alguma coisa pesasse mais em teu

coração que o teu amor. Mas não duvideis, Antonieta, obterei do Santo Padre um rescrito que te desligará do juramento. Irei a Roma, implorarei a todos os poderosos da terra; e, se Deus pudesse descer, eu lhe...

— Não blasfemes!

— Não te inquietes pois com Deus! Ah! Preferiria ouvir que, por mim, franquearias estas paredes; que hoje mesmo te atirarias num barco, ao pé dos rochedos. Iríamos ser felizes não importa onde, no fim do mundo! E, junto a mim, voltarias à vida, à saúde, sob as asas do amor.

— Não fales assim — respondeu a irmã Teresa. — Ignoras o que te tornaste para mim. Amo-te bem mais do que te amei. Peço a Deus diariamente por ti e não te vejo mais com os olhos do corpo. Se conhecesses, Armando, a felicidade de poder entregar-se sem pejo a uma amizade pura que Deus protege! Ignoras como sou feliz em pedir as bênçãos do céu para ti. Não peço nunca por mim: Deus fará de mim o que for de sua vontade. Mas, quanto a ti, eu desejaria, à custa de minha vida eterna, ter alguma certeza de que és feliz neste mundo e de que serás feliz no outro, durante os séculos. Minha vida eterna é tudo o que a desgraça me deixou para te oferecer. Atualmente me encontro envelhecida pelas lágrimas, não sou mais nem jovem nem bela, e desprezarias, aliás, uma religiosa tornada mulher sem que nenhum sentimento, nem mesmo o amor materno, a absolvesse... Que poderias dizer-me para contrabalançar as inúmeras reflexões acumuladas em meu coração há cinco anos e que o mudaram, o fatigaram e amorteceram? Eu o deveria dar menos triste a Deus!

— Que direi? Querida Antonieta! Direi que te amo; que o afeto, o amor, o verdadeiro amor, a felicidade de viver num coração todo nosso, inteiramente nosso, sem reservas, é tão rara e tão difícil de encontrar que duvidei de ti, que te submeti a rudes provas, mas hoje eu te amo com todas as forças de minha alma; se me seguires no meu retiro, não ouvirei outra voz senão a tua, não verei outro rosto senão o teu...

— Silêncio, Armando! Abrevas o único instante durante o qual nos será permitido vermo-nos neste mundo.

— Antonieta, queres seguir-me?

— Mas eu não te deixo! Vivo em teu coração, mas não por interesse de prazer mundano, de vaidade, de gozo egoístico; vivo aqui por ti, pálida e abatida, no seio de Deus! Se Ele é justo, tu serás feliz...

— Frases apenas! Mas e se eu te quero pálida e abatida? E se não posso ser feliz senão possuindo-te? Alegarás sempre deveres diante do teu amante? Ele não estará, então, nunca acima de tudo em teu coração? Há pouco preferias a sociedade a ele; agora é Deus, é a minha salvação. Na irmã Teresa reencontro sempre a duquesa ignorante dos gozos do amor e sempre insensível sob a máscara de sensibilidade. Não me amas, tu nunca me amaste...

— Ah! meu irmão...

— Não queres deixar esta tumba; amas, dizes, a minh'alma? Pois bem, perderás para sempre esta alma, eu me matarei...

— Minha mãe! — exclamou a irmã Teresa em espanhol —, eu lhe menti, este é o homem que eu amo!

Imediatamente o reposteiro caiu. O general, estupefato, ouviu apenas as portas interiores fechando-se com violência.

— Ah! ela me ama ainda! — exclamou, compreendendo quanto havia de sublime no grito da religiosa. — É preciso tirá-la daqui...

O general deixou a ilha, regressou ao quartel-general e, alegando razões de saúde, pediu licença e voltou imediatamente à França.

Eis, agora, a aventura que determinou a situação em que se encontravam os dois personagens desta cena.

## II — O AMOR NA FREGUESIA DE SAINT THOMAS D'AQUIN

O que na França se denomina o Faubourg Saint-Germain não é um bairro,

nem uma seita, nem uma instituição, nem nada que se possa claramente exprimir. A Place Royale, o Faubourg Saint-Honoré, a Chaussée-d'Antin possuem igualmente edifícios onde se respira o ar do Faubourg Saint-Germain. Assim, pois, todo o *faubourg* não está no *faubourg*. Pessoas nascidas muito longe de sua influência podem-no sentir e ingressar naquele mundo, enquanto certas outras que lá nasceram podem dele ser para sempre banidas. Os modos, a fala, numa palavra, a tradição do Faubourg Saint-Germain é, em Paris, há cerca de quarenta anos, o que a Corte era antigamente, o que era o Hôtel Saint-Paul no século xiv, o Louvre no século xv, o Palais de Justice, o Hôtel Rambouillet, a Place Royale no século xvi, depois Versailles nos séculos xvii e xviii. Em todas as fases da história, a Paris da alta classe e da nobreza teve seu centro, como a Paris vulgar terá sempre o seu. Esta singularidade periódica oferece ampla matéria às reflexões daqueles que desejem observar ou pintar as diferentes esferas sociais; e talvez não lhe devemos buscar as causas somente para justificar o caráter desta aventura, mas, também, para servir a graves interesses, mais ativos no futuro que no presente, se é que, todavia, a experiência não é um contrassenso para os partidos, como o é para a juventude.

Os grandes senhores e a gente rica que sempre macaqueou os grandes tiveram, em todas as épocas, suas casas afastadas dos locais muito habitados. Se o duque de Uzès fez construir, no reinado de Luís xiv, o belo palácio à porta do qual pôs a fonte da Rue Montmartre, ato de beneficência que o tornou, mais que suas virtudes, objeto de uma veneração tão popular que o bairro acompanhou em massa o seu féretro, aquele recanto de Paris era então deserto. Mas assim que se demoliram as fortificações, que os charcos situados além dos bulevares se encheram de prédios, a família de Uzès deixou o belo edifício, habitado atualmente por um banqueiro. Posteriormente, a nobreza, comprometida no meio de lojas, abandonou a Place Royale, os arredores do centro parisiense e

passou o rio a fim de respirar à vontade no Faubourg Saint-Germain, onde já muitos palácios se elevavam em torno do edifício construído por Luís XIV para o duque de Maine, o benjamim de seus legitimados. Para as pessoas habituadas aos esplendores da vida, nada há, realmente, de mais ignóbil que o tumulto, a lama, os gritos, o mau cheiro, a estreiteza das ruas populosas. Não estão os costumes de um bairro comercial ou manufactureiro constantemente em desacordo com os hábitos dos grandes? O comércio e o trabalho se deitam no momento em que a aristocracia pensa em jantar; uns se agitam ruidosamente enquanto a outra repousa; seus cálculos não se encontram jamais; uns são a receita, a outra, a despesa. Daí costumes diametralmente opostos. Esta observação nada tem de desdenhosa. Uma aristocracia é, de certo modo, o pensamento de uma sociedade, tal como a burguesia e os proletários são-lhe o organismo e a ação. Daí a necessidade de sedes diferentes para essas forças, e do seu antagonismo resulta uma antipatia aparente que produz a diversidade de movimentos que se empregam, não obstante, para um fim comum.

Essas discordâncias sociais resultam tão logicamente de qualquer carta constitucional, que o liberal mais disposto a lamentá-las como um atentado às sublimes ideias sob as quais os ambiciosos das classes inferiores ocultam os seus desígnios, qualquer deles acharia aliás prodigiosamente ridículo que o príncipe de Montmorency residisse na Rue Saint-Martin, esquina da rua que tem o seu nome, ou que o duque de Fitz James, descendente da família real da Escócia, tivesse seu palácio na Rue Marie Stuart, esquina da Montorgueil. *Sint ut sunt, aut non sint*, estas belas palavras pontificais podem servir de divisa aos Grandes de todos os países. Esse fato, evidente em todas as épocas, e sempre aceito pelo povo, contém em si razões de Estado: é ao mesmo tempo um efeito e uma causa, um princípio e uma lei. As massas têm um bom senso que não abandonam senão quando pessoas de má-fé as



apaixonam. Esse bom senso repousa em verdades de ordem geral, tão verdadeiras em Moscou como em Londres, em Genebra como em Calcutá. Por toda parte desde que se defrontam famílias de fortuna desigual sobre determinado espaço, ver-se-á formarem-se círculos superiores, patriciados, primeira, segunda e terceira camadas sociais.

A igualdade pode ser um *direito*, mas nenhum poder humano poderá convertê-la em *fato*. Será bem útil à felicidade da França popularizar-se nela tal pensamento. Às massas menos inteligentes também se revelam os benefícios da harmonia política. A harmonia é a poesia da ordem e os povos têm viva necessidade de ordem. A concordância das coisas entre si, a unidade, para dizer tudo numa palavra, não é a mais simples expressão da ordem?

A arquitetura, a música, a poesia, tudo na França se apoia, mais que em qualquer outro país, sobre esse princípio, que aliás se encontra escrito no fundo de sua linguagem pura e clara, e a língua será sempre a fórmula infalível de uma nação. Veja-se, por exemplo, o povo adotando aqui as árias mais poéticas, as mais bem moduladas, atendendo-se às ideias mais simples, preferindo os motivos incisivos que contenham maior número de ideias. A França é o único país onde qualquer pequena frase pode fazer uma grande revolução. As massas jamais se revoltaram aqui senão para tentar pôr de acordo os homens, as coisas e os princípios. Ora, nenhuma outra nação sente melhor o pensamento de unidade que deve existir na vida aristocrática, talvez porque nenhuma outra compreendeu melhor as necessidades políticas: a história nunca a encontrará em atraso. A França muitas vezes se engana, mas o faz como uma mulher, por ideias generosas, por sentimentos entusiastas, cujo alcance escapa aos limites do cálculo.

Assim, como primeiro traço característico, o Faubourg Saint-Germain tem o esplendor de seus edifícios, seus grandes jardins, seu silêncio, outrora em harmonia com a magnificência de seus bens territoriais. Esse

espaço posto entre uma classe e toda uma capital não é uma consagração material das distâncias morais que os devem separar? Em todas as criações, a cabeça tem o seu lugar marcado. Se, por acaso, uma nação faz cair a cabeça a seus pés, tarde ou cedo se apercebe de que se suicidou. Como as nações não querem nunca morrer, trabalham então por construir de novo uma cabeça. Quando uma nação não tem mais forças para isso, perece como pereceram Roma, Veneza e tantas outras. A distinção criada pela diferença de costumes entre as outras esferas de atividade social e a esfera superior implica, necessariamente, valor real, capital, para as sumidades aristocráticas.

Desde que em qualquer Estado, seja qual for a forma afetada pelo *governo*, os patrícios faltem às suas condições de completa superioridade, eles se veem sem forças e os povos os derribam logo. O povo quer vê-los sempre como mãos, cabeça e coração; como riqueza, poder e ação; como palavra, inteligência e glória. Sem esse tríplice poder, todo privilégio se esvai. Os povos, como as mulheres, amam a força nos que os governam e o seu amor não existe sem o respeito; não concedem obediência a quem não a imponha. Uma aristocracia subestimada é como um rei ocioso, um marido de saias; é nula antes de ser alguma coisa. Assim, a separação dos grandes, seus costumes arrogantes, numa palavra, os hábitos em geral das classes patrícias são ao mesmo tempo símbolo de um poder real e razões de sua morte, uma vez perdido o poder.

O Faubourg Saint-Germain deixou-se momentaneamente abater por não ter querido reconhecer as obrigações de sua existência que lhe eram ainda fáceis de perpetuar. Devia ter tido o bom senso de ver a tempo, como o viu a aristocracia inglesa, que as instituições têm os seus anos climatéricos, nos quais as mesmas palavras não têm os mesmos significados, em que as ideias tomam outras roupagens e em que as condições da vida política mudam totalmente de forma, sem que o fundo fique essencialmente alterado. Tais ideias exigem desdobramentos que dizem respeito

essencialmente a esta aventura, na qual entram como definição de causas e como explicação dos fatos.

A grandiosidade dos castelos e dos palácios aristocráticos, o luxo de suas minúcias, a suntuosidade constante do mobiliário; o espaço no qual se move sem constrangimento e sem experimentar atritos o feliz proprietário, rico antes de nascer; o hábito de jamais descer ao cálculo dos interesses diários e mesquinhos da existência; o tempo de que dispõe; a instrução superior que pode prematuramente adquirir; enfim as tradições patricias que lhe emprestam as forças sociais e que seus adversários só compensam a poder de estudos, por força de vontade ou por vocações tenazes; tudo deveria elevar a alma do homem que, desde a juventude, possui tais privilégios, imprimindo-lhe o alto respeito de si mesmo, cuja menor consequência é a nobreza de coração em harmonia com a nobreza do nome.

Isso é verdade quanto a algumas famílias. Aqui e ali se encontram no Faubourg Saint-Germain belos caracteres, exceções que provam contra o egoísmo geral que motivou a perda desse mundo à parte. Tais vantagens são inerentes à aristocracia francesa, como de todas as eflorescências patricias que se produzem na superfície das nações, por todo o tempo em que assentarem suas existências sobre o *domínio*, o domínio-solo, como o domínio-dinheiro, única base sólida de uma sociedade regular; mas essas vantagens apenas são conservadas entre os patricios de toda espécie enquanto mantêm as condições pelas quais o povo lhas cede. São espécies de feudos morais, cujo trato envolve obrigações para com o soberano e, aqui, o soberano é, hoje, decerto, o povo.

Os tempos estão mudados, e também as armas.

O cavaleiro a quem era, outrora, suficiente vestir a cota de malha, a couraça, manejar a lança e sustentar o seu pendão deve, atualmente, dar provas de inteligência e ali, onde não era necessária mais que uma grande coragem, é indispensável hoje um grande cérebro. A arte, a ciência e o

dinheiro formam o triângulo social onde se inscreve o escudo do poder e de onde deve sair a moderna aristocracia. Um belo teorema vale um grande nome. Os Rothschild, esses Fugger modernos, são príncipes de fato. Um grande artista é realmente um oligarca, representa todo um século, torna-se quase uma lei. Assim, o dom da palavra, as máquinas de alta pressão do escritor, o gênio do poeta, a constância do comerciante, a vontade do homem de Estado que em si concentra mil qualidades brilhantes, o gládio do general, de todas essas conquistas pessoais feitas por um só sobre toda a sociedade para lhas impor, deve a classe aristocrática esforçar-se por ter hoje o monopólio, como teve outrora o da força material.

Para permanecer à frente de um país não é preciso sempre ser digno de o dirigir; ser-lhe a alma, e o espírito, para fazê-lo mover as mãos? Como conduzir um povo sem ter os poderes que constituem o mando? O que seria o bastão do marechal sem a força intrínseca do capitão que o tem às mãos? O Faubourg Saint-Germain brincou com os bastões pensando que eles eram todo o poder. Havia invertido os termos da proposição que orienta a sua existência. Em lugar de deitar fora as insígnias que chocavam o povo e conservar secretamente sua força, deixou aumentar a força da burguesia, agarrou-se fatalmente às insígnias, e esqueceu, invariavelmente, as leis que lhe impunha a sua fraqueza numérica. Uma aristocracia que se compõe apenas de um milésimo da sociedade deve, hoje em dia, como outrora, multiplicar os seus meios de ação para opor, nas grandes crises, um peso igual ao das massas populares.

Em nossos dias, os meios de ação devem ser forças reais e não recordações históricas. Infelizmente, na França, a nobreza, ainda grávida de sua antiga potência desvanecida, tinha contra si uma espécie de presunção da qual lhe era difícil defender-se. Talvez seja um defeito nacional. O francês, mais que qualquer outro homem, não conclui jamais no que está abaixo dele, sobe do degrau em que está para o degrau

superior: raramente lamenta os infelizes acima dos quais se coloca; geme sempre por ver tanta gente feliz acima dele. E, ainda que tenha demasiado coração, prefere, as mais das vezes, ouvir o seu próprio espírito.

Esse instinto nacional, que faz os franceses andarem sempre para frente, essa vaidade que lhes rói as fortunas e os rege tão absolutamente como o princípio da economia rege os holandeses, domina há três séculos a nobreza, que, neste particular, foi eminentemente francesa. O homem do Faubourg Saint-Germain sempre dispôs de sua superioridade material em favor de sua superioridade intelectual. Tudo na França o convenceu disso, dado que depois do estabelecimento do Faubourg Saint-Germain, revolução aristocrática iniciada no dia em que a monarquia deixou Versailles, ele se apoiou, salvo algumas lacunas, sobre o poder que será sempre na França mais ou menos Faubourg Saint-Germain; daí a sua derrota em 1830. Nessa época, era como que um exército operando sem base. Não aproveitava a paz para se implantar no coração do povo. Pecava por defeito de instrução e por falta total de visão sobre o conjunto de seus interesses. Matava um futuro certo em proveito de um presente duvidoso.

Eis, talvez, a razão dessa falsa política: a distância física e moral, que esses superiores se esforçavam por manter entre si e o resto da nação, teve fatalmente como único resultado, após quarenta anos, o de alimentar na classe alta os sentimentos pessoais, matando o patriotismo de casta. Enquanto a nobreza da França foi grande, rica e poderosa, sabiam os fidalgos, no perigo, escolher chefes e obedecer-lhes. Tornados menores, mostraram-se indisciplinados; e, como no Baixo Império, cada qual queria ser o imperador. Vendo-se todos iguais por sua fraqueza, acreditaram-se todos superiores. Cada família arruinada pela revolução, arruinada pela partilha igual dos bens, só pensou em si mesma, em vez de pensar na grande família aristocrática, e parecia-lhes que, se todos enriquecessem, o partido seria forte. Foi um erro. O dinheiro também não

é mais que um sinal do poder.

Compostas de pessoas que conservavam as altas tradições da boa polidez, da verdadeira elegância, da boa linguagem, da vaidade e do orgulho nobiliárquicos, de acordo com suas existências, ocupações mesquinhas desde que tornadas principais numa vida da qual só deveriam ser acessórias, todas essas famílias tinham um certo valor intrínseco que, vindo à tona, só lhes deixou um valor nominal. Nenhuma dessas famílias teve a coragem de interrogar-se: somos bastante fortes para arcar com o poder? E atiraram-se-lhe em cima como também fizeram em 1830 os advogados.

Em vez de se mostrar protetor como um Grande, o Faubourg Saint-Germain se fez ávido como um *parvenu*. E desde o dia em que se provou à nação mais inteligente do mundo que a nobreza restaurada organizava o poder e o orçamento em seu proveito, ela foi ferida de morte. Quis ser uma aristocracia quando não mais podia ser senão uma oligarquia, dois sistemas bem diferentes, como compreenderá qualquer pessoa assaz hábil para ler atentamente os nomes patronímicos dos lordes da Câmara alta. Decerto, o governo real teve boas intenções; mas esqueceu constantemente que é preciso *fazer o povo tudo querer*, mesmo a sua felicidade, e que a França, mulher caprichosa, quer ser feliz ou espancada a seu gosto. Se tivesse havido muitos duques de Laval, cuja modéstia era digna do nome, o trono do ramo mais velho ter-se-ia tornado tão sólido como o da Casa de Hanôver.

Em 1814, mas sobretudo em 1820, a nobreza de França tinha a dominar a época mais instruída, a burguesia mais aristocrática, o país mais feminino do mundo. O Faubourg Saint-Germain podia muito facilmente conduzir e divertir uma classe média, ébria de distinções, enamorada da arte e da ciência. Mas os mesquinhos condutores dessa grande época de inteligência odiavam todos a arte e a ciência. Não souberam sequer apresentar a religião, de que tinham necessidade, sob cores poéticas que a

fizessem amada. Enquanto Lamartine, La Mennais, Montalembert e alguns outros escritores de talento douravam de poesia, renovavam ou exaltavam as ideias religiosas, todos os que malbaratavam o governo faziam sentir o amargor da religião.

Jamais nação alguma foi mais complacente, ela que era então como uma mulher fatigada que se torna fácil; nunca o poder fez mais tolices: e a França, como a mulher, ama mais os erros. Para se reintegrar, para fundar um grande governo oligárquico, a nobreza do *faubourg* devia esquadrihar-se com boa-fé, a fim de encontrar em si mesma a moeda de Napoleão, desventrar-se para pedir ao profundo de suas entranhas um Richelieu constitucional; e, se tal gênio não estivesse nela, ir procurá-lo até na fria mansarda onde podia estar a ponto de morrer, e o assimilar, como a câmara inglesa dos lordes assimila constantemente os aristocratas de acaso; depois, ordenar a esse homem que fosse implacável, que decepasse os galhos apodrecidos, que podasse a árvore da aristocracia.

Mas, desde logo, o grande sistema do turismo inglês mostrou-se grande demais para cabeças pequenas; sua importação exigia muito tempo aos franceses, para os quais um bom êxito lento equivale a um fiasco. Ademais, longe de observar a política redentora que vai procurar a força lá onde Deus a pôs, essas grandes pequenas criaturas odiavam toda força que não proviesse delas; enfim, longe de rejuvenescer, o Faubourg Saint-Germain se fez velho.

A etiqueta, instituição de segunda necessidade, poderia ter sido mantida se não aparecesse somente nas grandes ocasiões; e a etiqueta tornou-se uma luta cotidiana, e, em lugar de ser uma questão de arte ou de magnificência, tornou-se uma questão de poder.

Se faltou, antes de tudo, ao trono um conselheiro tão grande quanto as circunstâncias eram grandes, à aristocracia faltou, sobretudo, o conhecimento de seus interesses gerais, que tudo poderia suprir.

Ela se deteve diante do casamento do sr. de Talleyrand, o único

homem que teve uma dessas cabeças metálicas em que se forjam de novo os sistemas políticos através dos quais revivem gloriosamente as nações. O *faubourg* mofava dos ministros que não eram gentis-homens e não dava gentis-homens assaz superiores para serem ministros; poderia prestar verdadeiros serviços ao país enobrecendo os juizados de paz, fertilizando o solo, construindo estradas e canais, fazendo-se potência territorial ativa, mas vendia suas terras para jogar na Bolsa. Podia privar a burguesia dos seus homens de ação e de talento, cuja ambição minava o poder, abrindo-lhes as suas fileiras; preferiu combatê-los e sem armas, pois que não possuía senão por tradição o que outrora possuía na realidade.

Para infelicidade dessa nobreza restava-lhe, precisamente, muito de suas diversas fortunas para sustentar sua arrogância. Satisfeita com suas tradições, nenhuma dessas famílias cuidou seriamente de fazer com que seus primogênitos tomassem armas do sarilho que o século XIX atirava à praça pública. A juventude, excluída dos negócios, dançava em casa de Madame, em lugar de continuar em Paris, para influírem os talentos jovens, conscienciosos, inocentes do Império e da República, na obra que os chefes de cada família deveriam começar nos departamentos, neles conquistando o reconhecimento de seus títulos por continuadas gestões em favor dos interesses locais, conformando-se com o espírito do tempo e refundindo a casta segundo o gosto da época.

Concentrada no Faubourg Saint-Germain, onde sobrevivia o espírito das remotas oposições feudais, misturado ao da antiga Corte, a aristocracia, mal unida ao castelo das Tuileries, foi mais fácil de vencer, isolada em um só lugar e tão mal constituída quanto estava na Câmara dos Pares. Espalhada pelo país tornar-se-ia indestrutível; encurralada no seu *faubourg*, arrimada ao castelo, espalhada no orçamento, era suficiente um golpe de machado para cortar o fio de sua vida agonizante, e a figura vulgar de um pequeno advogado avançou para vibrar a machadada.

Não obstante o admirável discurso de Royer-Collard, a



hereditariedade do pariato e do morgadio caiu sob as pasquinadas de um homem que se gabava de ter habilmente disputado algumas cabeças ao carrasco, mas assassinava inabilmente grandes instituições. Encontram-se ali exemplos e ensinamentos para o futuro. Se a oligarquia francesa não tivesse uma vida futura, seria uma triste crueldade martirizá-la depois de morta, e então só deveríamos pensar em seu sarcófago; mas, se o escalpelo dos cirurgiões é duro de sentir, restitui, às vezes, a vida aos moribundos. O Faubourg Saint-Germain, perseguido, poderá encontrar-se mais poderoso do que o era triunfante, se quiser ter um chefe e um sistema.

Torna-se agora fácil resumir este relato semipolítico. Esta falta de largas vistas e este vasto conjunto de pequenos erros; a ânsia de restabelecer as grandes fortunas com as quais todos se preocupavam; a necessidade real de religião para sustentar a política; uma sede de prazeres que prejudicava o espírito religioso e obrigava a hipocrisias; as resistências parciais de alguns espíritos elevados que viam justo e contrariavam as rivalidades da Corte; a nobreza da província, muitas vezes de mais pura cepa que a nobreza da Corte, que, frequentemente ofendida, se afastou; todas essas causas se reuniram para dar ao Faubourg Saint-Germain os costumes mais discordantes. Ele não foi nem compacto em seu sistema, nem conseqüente nos seus atos, nem completamente moral, nem francamente licencioso, nem corrompido nem corruptor; não abandonou inteiramente as questões que o prejudicavam nem adotou as ideias que o teriam salvado. Enfim, por débeis que fossem as pessoas, o partido, não obstante, se armara de todos os grandes princípios que fazem a vida das nações. Ora, para perecer em plena força, o que é preciso ser? Foi difícil na escolha das pessoas apresentadas; teve bom gosto e desprezo elegante; mas sua queda nada teve de brilhante nem de cavalheiresca. A emigração de 89 ainda acusava sentimentos; em 1830, a emigração para o interior só revela interesses.

Alguns homens ilustres nas letras, alguns triunfos tribunícios, o sr. de Talleyrand no Congresso, a conquista da Argélia e vários nomes tornados históricos nos campos de batalha mostram à aristocracia francesa os meios que lhe restam para se nacionalizar e fazer com que se reconheçam ainda os seus títulos, se é que ela se digna ainda de fazer isto.

Nos seres organizados realiza-se um trabalho de harmonia íntima. Um homem, se é preguiçoso, trai a preguiça em cada um dos seus movimentos. Do mesmo modo a fisionomia de uma classe se ajusta ao seu espírito geral, à alma que lhe anima o corpo. Sob a Restauração, a mulher do Faubourg Saint-Germain não ostentava nem a soberba ousadia que as damas da Corte usavam outrora em seus desvios, nem a modesta grandeza das tardias virtudes pelas quais expiavam suas faltas e que espalhavam ao seu redor tão viva luz. Nada teve de bem leviano, nada de bem grave. Suas paixões, salvo algumas exceções, foram hipócritas; transigiu, por assim dizer, com seus gozos. Algumas dessas famílias levaram a vida burguesa da duquesa de Orléans, cujo leito conjugal era tão ridiculamente mostrado aos visitantes do Palais-Royal; apenas duas ou três continuaram os costumes da Regência e inspiravam certo desgosto às mulheres mais hábeis que elas. A nova grande dama não teve influência alguma sobre os costumes; entretanto ela podia muito; podia, em desespero de causa, oferecer o espetáculo imponente das mulheres da aristocracia inglesa; mas hesitou tolamente, entre antigas tradições, foi devota à força e escondeu tudo, mesmo suas boas qualidades.

Nenhuma dessas francesas pôde criar um salão onde as sumidades sociais fossem receber lições de gosto e de elegância. Seus votos, outrora tão decisivos na literatura, essa viva expressão das sociedades, foram completamente nulos. Ora, quando uma literatura não tem um sistema geral, não toma corpo e se dissolve com seu século. E, em qualquer tempo, quando se encontra no seio de uma nação um povo à parte, assim constituído, o historiador nela encontra quase sempre uma figura

principal que resume as virtudes e defeitos da massa à qual pertence: Coligny quanto aos huguenotes, o Coadjutor na Fronda, o marechal de Richelieu ao tempo de Luís xv, Danton no Terror. Essa identidade de fisionomia entre um homem e seu cortejo histórico está na natureza das coisas. Para conduzir um partido não é acaso necessário concordar com suas ideias, para brilhar numa época não é preciso representá-la? Dessa obrigação constante em que se encontra a direção sábia e prudente dos partidos de obedecer aos preconceitos e às loucuras das massas que lhe formam cauda, derivam as ações que certos historiadores reprovam aos chefes de partidos, quando, à distância das terríveis ebulições populares, julgam a frio as paixões mais necessárias à conduta das grandes lutas seculares. O que é verdadeiro na comédia histórica dos séculos é igualmente verdade na esfera mais estreita das cenas parciais do drama nacional chamado *costumes*.

No começo da vida efêmera que o Faubourg Saint-Germain levou durante a Restauração, e à qual, se são verdadeiras as considerações precedentes, não soube ele dar consistência, uma jovem senhora foi, transitoriamente, o tipo mais completo da natureza ao mesmo tempo superior e débil, grande e pequena, de sua casta. Era uma mulher artificialmente instruída, realmente ignorante; cheia de sentimentos elevados, mas sem um pensamento que os coordenasse; que dispendia os mais ricos tesouros da alma em obedecer às conveniências; pronta a afrontar a sociedade, mas hesitante, chegando ao artifício em consequência de seus escrúpulos; tendo mais teimosia que caráter, mais preocupação que entusiasmo, mais cabeça que coração; soberanamente mulher e soberanamente faceira, parisiense acima de tudo, amando as festas e o esplendor; não refletindo ou refletindo tarde demais; de uma imprudência que quase chegava a poesia; insolente de arrebat, mas humilde no fundo do coração; afetando força como um caniço bem reto, mas, como o caniço, pronta a dobrar sob uma mão poderosa; falando

muito da religião, mas não a amando, e não obstante pronta a aceitá-la como uma solução. Como explicar uma criatura verdadeiramente múltipla, suscetível de heroísmo e esquecendo de ser heroica para dizer uma maldade; jovem e suave, menos velha de coração que envelhecida pelas máximas dos que a cercavam e compreendendo sua filosofia egoísta sem a aplicar; tendo todos os vícios do cortesão e todas as nobrezas da mulher adolescente; desconfiando de tudo e, não obstante, deixando-se por vezes levar a crer em tudo?

Não será sempre um retrato inacabado dessa mulher em que os tons mais cintilantes contrastavam, mas produzindo uma confusão poética, porque havia nela uma luz divina, um resplendor de juventude, que dava a seus traços confusos uma espécie de conjunto? A graça lhe dava unidade. Nada nela era artificial. Aquelas paixões, aquelas meias paixões, aquela veleidade de grandeza, aquela realidade de pequenez, aqueles sentimentos frios e aqueles impulsos cálidos eram naturais e dependiam de sua situação tanto quanto da aristocracia à qual pertencia. Compreendia-se por si mesma e se punha orgulhosamente acima da sociedade, sob o escudo de seu nome.

Havia algo do *eu* de Medeia | em sua vida, como na da aristocracia, que morria sem querer nem se recolher ao leito nem estender a mão a qualquer médico político, nem tocar nem ser tocada, tanto se sentia fraca ou já feita pó.

A duquesa de Langeais, era esse o seu nome, estava casada havia quatro anos quando a Restauração se consumou, ou seja, em 1816, época na qual Luís XVIII, esclarecido pela revolução dos Cem Dias compreendeu sua situação e seu século, apesar da gente que o cercava, embora esta triunfasse mais tarde dessa espécie de Luís XI sem machado, quando abatido pela doença. Era a duquesa de Langeais uma Navarreins, família ducal que desde Luís XIV tinha por princípio não abdicar do título nas suas alianças. As moças dessa casa deveriam ter, cedo ou tarde, tal como suas

mães, um tamborete na Corte.

Na idade de dezoito anos, Antonieta de Navarreins saiu do profundo retiro em que vivera para desposar o primogênito do duque de Langeais. As duas famílias viviam então afastadas da sociedade; mas a invasão da França fazia presumir aos monarquistas o retorno dos Bourbon como única conclusão possível às desgraças da guerra. Os duques de Navarreins e de Langeais, fiéis aos Bourbon, haviam resistido nobremente a todas as seduções da glória imperial, e, nas circunstâncias em que se encontravam, quando dessa união, obedeciam, naturalmente, à velha política de suas famílias.

A srta. Antonieta de Navarreins desposou pois, bela e pobre, o marquês de Langeais, cujo pai faleceu meses após esse casamento. Com a volta dos Bourbon, as duas famílias retomaram sua posição, seus cargos, suas dignidades na Corte e reintegraram-se no movimento social, fora do qual até então se haviam conservado. Tornaram-se os mais luminosos expoentes desse novo mundo político.

Naqueles tempos de covardias e de falsas conversões, a consciência pública reconheceu nessas duas famílias a fidelidade sem mancha, a concordância entre a vida privada e o caráter político, aos quais todos os partidos rendem involuntária homenagem. Mas por infelicidade muito comum nas épocas de transição, as pessoas mais puras, aquelas que, pela elevação de suas vistas e sabedoria de seus princípios, teriam feito a França acreditar na generosidade de uma política nova e ousada, foram afastadas dos negócios que caíram em mãos de pessoas interessadas em levar os princípios ao extremo, para dar prova de devotamento. As famílias de Langeais e de Navarreins permaneceram na alta esfera da Corte, condenadas aos deveres da etiqueta, às exprobações e às zombarias do liberalismo, acusadas de se locupletarem de honras e riquezas, enquanto seu patrimônio nada aumentava e as liberalidades da lista civil se consumiam em gastos de representação, necessários a qualquer

monarquia europeia, mesmo que fosse republicana.

Em 1818, o duque de Langeais comandava uma divisão do Exército, e a duquesa tinha, junto a uma das princesas, lugar que a autorizava a residir em Paris, longe do marido, sem escândalo. O duque, aliás além do comando, tinha um cargo na Corte a que frequentava, passando, então, o comando a um substituto. Viviam assim o duque e a duquesa inteiramente separados de coração e de fato, sem o revelarem à sociedade.

Aquele casamento de interesse tivera a sorte bastante comum a esses pactos de família. Os dois caracteres mais antipáticos entre si se haviam defrontado, secretamente magoado, secretamente ferido e desunido para sempre. Depois, cada um deles obedecera à sua natureza e às conveniências. O duque de Langeais, espírito tão metódico como o do cavaleiro de Folard, entregou-se metodicamente aos seus gostos, aos seus prazeres, e deixou a mulher livre para seguir os seus, depois de ter reconhecido nela um espírito eminentemente orgulhoso, um coração frio, uma grande submissão aos usos da sociedade, uma lealdade juvenil, e que, assim, deveria permanecer pura aos olhos dos avós e de uma Corte puritana e religiosa.

Procedeu pois, a frio, como os grandes senhores do século precedente, abandonando a si mesma uma mulher de vinte e dois anos, gravemente ofendida e que tinha em seu caráter uma temível qualidade: a de não perdoar jamais uma ofensa quando toda a sua vaidade de mulher, seu amor-próprio e suas virtudes, talvez, haviam sido desprezadas e ocultamente feridas. Quando um ultraje é público, a mulher gosta de esquecê-lo, pois é uma oportunidade para engrandecer-se; é mulher na sua clemência; mas as mulheres não absolvem jamais as secretas ofensas, porque não amam nem as covardias nem as virtudes nem os amores secretos.

Tal era a posição, desconhecida do mundo, na qual se encontrava a duquesa de Langeais e na qual ela própria não refletia na época das festas

dadas por ocasião do casamento do duque de Berry. A Corte e o Faubourg Saint-Germain saíram então de sua atonia e de sua reserva. Começou ali, realmente, o esplendor inaudito que abusou o governo da Restauração.

A duquesa de Langeais, fosse por cálculo ou por vaidade, não aparecia então jamais na sociedade sem cercar-se de três ou quatro mulheres tão distintas por seu nome como por sua fortuna. Rainha da moda, possuía as suas açafatas, que reproduziam, alhures, as suas maneiras e o seu espírito.

Havia-as escolhido habilmente entre pessoas que não tinham ainda intimidade na Corte nem no coração do Faubourg Saint-Germain e que possuíam, por isso mesmo, a pretensão de lá chegar; simples Dominações que desejavam elevar-se até as proximidades do trono e misturar-se às seráficas potências da alta esfera denominada “o castelinho”. Assim cercada, a duquesa de Langeais se fazia mais forte, dominava melhor, estava mais em segurança. Suas *damas* defendiam-na contra a calúnia e ajudavam-na a representar o detestável papel de mulher da moda. Podia, à vontade, zombar dos homens, das paixões, excitá-las, receber as homenagens de que se alimenta toda natureza feminina e continuar senhora de si mesma.

Em Paris, e na melhor sociedade, a mulher é sempre mulher; vive de incenso, de lisonjas e de honrarias. A mais autêntica beleza, a figura mais admirável, nada é se não se faz admirada: um amante, adulações, são os atestados do seu poder. Que vale um poder desconhecido? Nada. Suponde a mais linda das mulheres sozinha num recanto de salão; estará ali triste. Quando uma dessas criaturas se encontra em meio das magnificências sociais, deseja reinar em todos os corações, na impossibilidade, às vezes, de ser a soberana feliz de um só. Aquelas *toilettes*, aqueles enfeites, aquelas galanterias eram feitas para os mais pobres dos seres que se possam imaginar, para tolos sem espírito, homens cujo mérito consistia numa bonita figura, e pelos quais todas as mulheres se comprometiam

sem proveito, verdadeiros ídolos de madeira dourada, que, embora algumas exceções, não tinham nem os antecedentes dos petimetres do tempo da Fronda nem a grande e sólida bravura dos heróis do Império nem o espírito e os bons modos de seus avós, mas, ainda assim, queriam ser, grátis, qualquer coisa semelhante; que eram valentes como o é a juventude francesa, hábeis, sem dúvida, se tivessem sido postos à prova, e não podiam ser coisa alguma, visto o reinado dos velhos que os conservavam à margem. Foi uma época fria, mesquinha e sem poesia. Possivelmente é necessário muito tempo para que uma restauração se torne monarquia.

Havia dezoito meses que a duquesa de Langeais levava essa vida vazia, exclusivamente tomada pelos bailes, pelas visitas, pelos triunfos sem objeto, pelas paixões efêmeras, nascidas e mortas num sarau. Ao entrar num salão, os olhares se concentravam nela e recolhia palavras de lisonja, expressões apaixonadas que ela encorajava com o gesto ou o olhar e que não podiam jamais ir além da epiderme. Seu tom, seus modos, tudo lhe dava autoridade. Vivia numa espécie de febre de vaidade, de perpétua fruição, que a atordoava. Ia longe demais nas conversas, ouvia tudo e se depravava, por assim dizer, à superfície do coração. Voltando à casa, enrubescia muitas vezes daquilo de que havia rido, da história escandalosa cujos detalhes a haviam ajudado a discutir as teorias do amor, que ela não conhecia, e as sutis distinções da paixão moderna, que hipócritas complacentes comentavam para ela; aliás, as mulheres, sabendo tudo dizer entre elas, perdem com isso mais mulheres do que corrompem os homens.

Houve um momento em que ela compreendeu que a criatura amada era a única cuja beleza, cujo espírito podem ser universalmente reconhecidos. O que prova um marido? Que, mocinha, uma mulher fora ricamente dotada, ou bem-educada, que possuía uma mãe hábil, ou satisfizera as ambições do homem; mas um amante é a proclamação constante de suas



perfeições pessoais.

A duquesa de Langeais aprendera, jovem ainda, que uma mulher pode deixar-se amar ostensivamente sem ser cúmplice do amor, sem o aprovar, sem o contentar senão com os mínimos adiantamentos do amor, e mais de uma sonda lhe revelara os meios de representar essas perigosas comédias. Teve, pois, sua corte, e o número dos que a adoravam ou cortejavam era uma garantia de sua virtude. Era coquete, amável, sedutora até o fim da festa, do baile, da noitada; depois, descido o pano, tornava a achar-se só, fria e indiferente, e, não obstante, revivia no dia seguinte para outras emoções igualmente superficiais.

Havia dois ou três jovens, completamente iludidos, que a amavam verdadeiramente e dos quais ela mofava com perfeita insensibilidade. E murmurava: “Sou amada, ele me ama!”. E essa certeza lhe era suficiente. Semelhante ao avaro satisfeito em saber que seus caprichos podem ser realizados, ela não chegava talvez nem sequer ao desejo.

Certa noite, compareceu à casa de uma amiga íntima, a viscondessa de Fontaine, uma dessas humildes rivais que a odiavam cordialmente e a seguiam sempre, espécie de amizade armada de que cada qual desconfia, cujas confidências são habilmente discretas e por vezes pérfidas. Depois de haver distribuído alguns cumprimentos protetores, afetuosos ou cheios de desdém, com o ar natural da mulher que conhece o valor de seus sorrisos, os olhos dela caíram sobre um homem que lhe era totalmente desconhecido, mas cuja fisionomia larga e grave a surpreendeu. Sentiu, ao vê-lo, emoção bastante parecida com a do medo.

— Querida — perguntou à sra. de Maufrigneuse —, quem é esse recém-chegado?

— Um homem de quem já ouviste, decerto, falar: o marquês de Montriveau.

— Ah! É ele.

Tomou das lunetas e examinou-o impertinentemente, como teria feito

com um retrato, que recebe os olhares sem os devolver.

— Apresenta-mo então, deve ser divertido.

— Ninguém é mais aborrecido nem mais sombrio, minha cara, mas está na moda.

Armando de Montriveau era naquele momento, sem o saber, objeto da curiosidade geral e merecia-a mais que qualquer um desses ídolos passageiros de que Paris tem necessidade e pelos quais se apaixona por alguns dias, a fim de satisfazer a necessidade de admiração e de entusiasmo fictício por que é periodicamente assaltado. Armando de Montriveau era filho único do general de Montriveau, um dos *ci-devant* que serviram nobremente à República e que morrera junto a Joubert, em Novi. O órfão fora colocado pelos cuidados de Bonaparte na escola de Châlons, e posto, como os filhos de outros generais mortos nos campos de batalha, sob a proteção da República Francesa. Ao sair da escola, sem fortuna alguma, entrou para a Artilharia, e não era mais que comandante de batalhão no desastre de Fontainebleau. A arma a que pertencia Armando de Montriveau lhe ofereceu poucas oportunidades de progresso. Em primeiro lugar, o número de oficiais é nela mais limitado que nos outros corpos do Exército; depois, as opiniões liberais e quase republicanas que a Artilharia professava, os temores inspirados ao imperador por um grupo de homens sábios, habituados à reflexão, se opunham à rápida carreira da maior parte deles. Também, contrariamente às leis ordinárias, os oficiais que chegavam ao generalato nem sempre eram os mais notáveis da arma, porque os medíocres causavam poucos receios. A Artilharia formava um corpo à parte no Exército e só nos campos de batalha é que pertencia a Napoleão. A essas causas gerais que podiam explicar o retardamento verificado na carreira de Armando de Montriveau juntavam-se outras inerentes à sua pessoa e ao seu caráter.

Sozinho no mundo, jogado desde os vinte anos através daquela

tempestade de homens, no seio da qual viveu Napoleão, não tendo interesse exterior algum, arriscando-se a morrer todos os dias, habituara-se a apenas existir pela estima própria e pelo sentimento do dever cumprido.

Era habitualmente silencioso como todos os homens tímidos; mas sua timidez não lhe vinha da falta de coragem, era uma espécie de pudor que lhe interditava qualquer manifestação de vaidade. Sua intrepidez nos campos de batalha não era fanfarrona. Via tudo, podia fazer tranquilamente uma advertência aos camaradas e avançar à frente das balas, abaixando-se a propósito, para evitá-las.

Era bom, mas sua reserva fazia-o passar como arrogante e severo. De um rigor matemático em todas as coisas, não admitia nenhuma combinação hipócrita nem com os deveres de um cargo nem com as consequências de um fato. Não se prestava a nada de vergonhoso, não pedia nada para si; era enfim um desses grandes homens desconhecidos, filósofos o bastante para desprezarem a glória, que vivem sem se apegar à vida porque não acham nela nada em que desenvolver sua força ou seus sentimentos em toda a sua extensão. Era respeitado, estimado, mas pouco amado.

Os homens nos permitem elevarmo-nos acima deles, mas não nos perdoam jamais que não desçamos tão baixo quanto eles. Assim, o sentimento que concedem aos grandes caracteres não está isento de um pouco de ódio e de temor. Demasiada honradez é para eles uma censura tácita que não perdoam nem aos vivos nem aos mortos.

Após as despedidas de Fontainebleau, embora nobre e titulado, Montriveau fora posto a meio-soldo. Sua probidade antiga assustou o Ministério da Guerra, onde era conhecida sua ligação aos juramentos prestados à águia imperial. Durante os Cem Dias fora nomeado coronel da guarda e ficou no campo de batalha de Waterloo. Seus ferimentos o retiveram na Bélgica e não se juntou assim ao Exército do Loire; mas o governo real não quis reconhecer-lhe os postos obtidos durante os Cem

Dias e Armando de Montriveau deixou a França.

Levado pelo seu gênio empreendedor, pela acuidade de pensamento que até então os azares da guerra haviam satisfeito, e apaixonado, por sua retidão instintiva, pelos projetos de grande utilidade, o general de Montriveau embarcou com o desígnio de explorar o Alto Egito e as partes desconhecidas da África, sobretudo as regiões do centro que hoje excitam tanto interesse aos sábios.

Sua expedição científica foi longa e infeliz. Recolhera notas preciosas destinadas a resolver os problemas geográficos ou industriais tão ardentemente investigados, e chegara, não sem franquear muitos obstáculos, até o coração da África, quando, por traição, caiu em poder de uma tribo selvagem. Foi despojado de tudo, submetido à escravidão e levado durante dois anos através dos desertos, ameaçado de morte a cada instante, e mais maltratado que um animal com que brincassem crianças desapiedadas. Sua força física e sua constância d'alma permitiram-lhe sofrer todos os horrores do cativeiro, mas esgotou quase toda a energia na evasão, que foi milagrosa.

Atingiu a colônia francesa do Senegal, semimorto, em farrapos e não possuindo mais que informes lembranças. Os imensos sacrifícios da viagem, o estudo dos dialetos da África, suas descobertas e observações, tudo ficou perdido. Um único fato fará compreender seu sofrimento: durante dias, os filhos do xeque da tribo de que era escravo se divertiram a tomar-lhe a cabeça por alvo, em um jogo que consistia em atirar nela, de longe, ossinhos de cavalo de maneira que não caíssem depois no chão.

Montriveau voltou a Paris pela metade do ano de 1818, e ali se viu arruinado, sem protetores e sem os desejar. Morreria vinte vezes antes de solicitar fosse o que fosse, mesmo o reconhecimento de direitos adquiridos.

A adversidade e suas dores haviam-lhe desenvolvido energia mesmo para as pequenas coisas e o hábito de conservar a dignidade de homem em face

dessa entidade moral a que denominamos consciência valorizavam, para ele, até os atos aparentemente mais indiferentes.

Suas relações com os maiores sábios de Paris, porém, e com alguns militares cultos fizeram conhecidos seus méritos e suas aventuras.

As particularidades de seu cativo e de sua evasão, e as de sua viagem, atestavam tanto sangue-frio, espírito e coragem, que ele adquiriu, sem o saber, aquela celebridade passageira de que os salões de Paris são tão pródigos, embora demandem aos artistas, que a pretendam perpetuar, inauditos esforços.

Pelo fim do mesmo ano, sua posição mudou subitamente. De pobre que era, tornou-se rico, ou, pelo menos, teve exteriormente todas as vantagens da riqueza. O governo real que procurava atrair homens de mérito a fim de dar força ao Exército fez então concessões aos antigos oficiais cuja lealdade e caráter reconhecidos oferecessem garantias de fidelidade. O sr. de Montriveau foi restabelecido nos quadros da Guarda Real. Os favores atingiram sucessivamente o marquês de Montriveau sem que ele fizesse o menor pedido. Amigos lhe pouparam as diligências pessoais a que ele se teria recusado.

Depois, contrariamente aos seus hábitos, que de repente se modificaram, frequentou a sociedade onde foi favoravelmente acolhido e por toda parte encontrou testemunhos de alta estima. Parecia haver encontrado uma solução para sua vida; mas nele tudo se passava no íntimo e nada havia de exterior. Afetava assim na sociedade um ar grave e recolhido, silencioso e frio. Obteve muito êxito precisamente porque contrastava fortemente com a massa de fisionomias convencionais que povoam os salões de Paris, onde aquilo era, com efeito, inteiramente novo.

Sua palavra tinha a concisão de linguagem das pessoas solitárias ou dos selvagens. Sua timidez foi tomada como altivez e agradou muito. Era algo de estranho e de grande, e as mulheres tanto mais geralmente se enamoraram daquele caráter original, porquanto escapava às suas astutas

lisonjas, a esse manejo com o qual enganam os homens mais poderosos e corroem os espíritos mais inflexíveis.

O sr. de Montriveau não compreendia coisa alguma dessas macaquices parisienses e sua alma só podia corresponder às sonoras vibrações dos belos sentimentos. Teria sido posto logo de lado, não fossem a poesia que resultava de suas aventuras e de sua vida e os panegiristas que o louvavam sem que o soubesse e sem o triunfo do amor-próprio que aguardava à mulher a quem desse atenção. A curiosidade da duquesa de Langeais era, assim, tão viva quanto natural.

Por acaso, o homem a interessara na véspera, ao ouvir contar uma das cenas que, na viagem do sr. de Montriveau, produziam maior impressão sobre as móveis imaginações femininas. Numa excursão às cabeceiras do Nilo, o sr. de Montriveau tivera com um dos seus guias o debate mais extraordinário que se conhece nos anais das viagens. Havia um deserto a atravessar e só se podia chegar a pé ao lugar que ele queria explorar. Só um dos guias era capaz de o levar até lá. Até então viajante algum pudera penetrar naquela parte da região em que o intrépido oficial presumia dever encontrar-se a solução de muitos problemas científicos. Malgrado as observações feitas pelos velhos da terra e pelo guia, empreendeu a terrível viagem. Armandando-se de toda a coragem, já aguçada pelo prenúncio de horríveis dificuldades a vencer, partiu pela manhã. Depois de haver marchado durante o dia inteiro, deitou-se, à noite, na areia, experimentando uma fadiga estranha causada pela mobilidade do solo, que parecia a cada instante fugir debaixo dele. Não obstante, sabia que teria que se pôr em marcha ao raiar da aurora, pois o guia lhe prometera atingir pelo meio-dia o termo da viagem. A promessa lhe deu coragem, fê-lo encontrar novas forças e, apesar dos sofrimentos, continuou a caminho, maldizendo um pouco a ciência; mas, com vergonha de lamentar-se diante do guia, guardou o segredo de suas penas. Marchara já durante um terço do dia e, sentindo-se esgotado de forças e com os pés sangrando,

perguntou se chegariam em breve. “Dentro de uma hora”, respondeu o guia. Armando encontrou na alma forças para mais uma hora e continuou. A hora se esgotou sem que percebesse, mesmo no horizonte, um horizonte de areia tão vasto como o do alto-mar, as palmeiras e as montanhas cujos cimos deveriam anunciar o fim da viagem. Parou, ameaçou o guia, recusou ir mais longe, exprobrou-lhe tornar-se seu assassino; acusou-o de o haver enganado, e lágrimas de raiva e de cansaço rolaram-lhe pelas faces ardentes; curvava-se sob a dor da caminhada, e a garganta parecia-lhe coagulada pela sede do deserto. O guia, imóvel, ouvia suas queixas com ar irônico, estudando com a aparente indiferença dos orientais os imperceptíveis acidentes daquela areia, quase enegrecida como o ouro brunido. “Enganei-me”, retrucou friamente. “Faz muito tempo que andei por aqui, para que possa reconhecer os traços do caminho; vamos bem, mas será necessário marcharmos ainda duas horas.” “Este homem tem razão”, pensou o sr. de Montriveau. E recomeçou a andar, mal podendo seguir o africano impiedoso ao qual parecia estar ligado por um fio, como o condenado se liga invisivelmente ao carrasco.

Mas as duas horas se passaram e o francês dispendeu as últimas gotas de energia sem avistar no horizonte puro nem palmeiras nem montanhas. Não achou mais nem gritos nem gemidos; deitou-se na areia para morrer; mas o seu olhar teria enchido de terror o homem mais intrépido — parecia anunciar que ele não queria morrer só. O guia, como verdadeiro demônio, respondia-lhe com um olhar calmo, poderoso, e o deixou estendido, tendo o cuidado de se conservar à distância que lhe permitisse escapar ao desespero de sua vítima. O sr. de Montriveau encontrou, enfim, forças para uma última imprecação. O guia aproximou-se dele, olhou-o fixamente, impôs-lhe silêncio e disse: “Não quiseste, apesar de nosso aviso, ir lá aonde te conduzo? Censuras-me por te haver enganado; se eu não o houvesse feito, não terias vindo até aqui. Queres a verdade, ei-la:

temos ainda cinco horas de marcha e não podemos retroceder. Sonda o teu coração, se não tens coragem, aqui está o meu punhal”.

Surpreendido por esta espantosa compreensão da dor e da força humana, o sr. de Montriveau não quis ficar abaixo do bárbaro; e firme no seu orgulho de europeu achou nova dose de coragem e levantou-se para seguir o guia. Esgotadas as cinco horas, o sr. de Montriveau nada percebia ainda e voltou para o guia um olhar mortíço; então, o núbio tomou-o aos ombros, elevou-o alguns pés no ar e fê-lo ver a uma centena de passos um lago, cercado de verdura de admirável floresta, iluminado pelos raios do sol poente. Haviam chegado a pouca distância de uma espécie de imenso banco de granito sob o qual aquela paisagem sublime estava como que sepultada. Armando pensou renascer, e o guia, aquele gigante de inteligência e de coragem, acabou sua obra de devotamento, transportando-o através de veredas quentes e polidas, toscamente traçadas na pedra. E ele via de um lado um inferno de areias e do outro o paraíso terrestre do mais lindo oásis existente naqueles desertos.

A duquesa, já impressionada com o aspecto poético daquele personagem, ficou-o mais ainda ao saber que era o marquês de Montriveau, com quem sonhara durante a noite. Ter-se encontrado com ele nas areias ardentes do deserto, tê-lo tido como companheiro de pesadelo, não era, para uma mulher da sua natureza, um delicioso prenúncio de entretenimento?

Jamais homem algum revelou mais que Armando o caráter na fisionomia e ninguém jamais pôde com melhor motivo atrair os olhares. Sua cabeça grande e quadrada tinha por principal traço característico a enorme e abundante cabeleira negra que lhe cercava o rosto de modo a lembrar perfeitamente o general Kleber, ao qual se parecia pelo vigor da frente, pela conformação do rosto, pela audácia tranquila dos olhos e pela espécie de impetuosidade que exprimiam seus traços incisivos. Era pequeno, largo de busto, musculoso como um leão. Ao caminhar, sua



aparência, o andar, o menor gesto, traía algo de segurança, de força, de imponência, algo de despótico. Parecia saber que nada se podia opor à sua vontade, talvez porque não desejava nada que não fosse justo. Entretanto, semelhante a todas as criaturas realmente fortes, era suave no falar, simples de modos e naturalmente bom. Somente todas essas belas qualidades pareciam desaparecer nas circunstâncias graves em que o homem se tornava implacável nos seus sentimentos, fixo em suas resoluções, terrível nas suas ações. Um observador teria podido ver na comissura de seus lábios uma contração habitual que anunciava propensão para a ironia.

A duquesa de Langeais, sabendo que prêmio transitório exigia a conquista daquele homem, resolveu, durante o breve tempo que a duquesa de Maufrigneuse empregou em ir buscá-lo para lho apresentar, fazê-lo um dos seus adoradores, ceder-lhe passo sobre todos os outros, prendê-lo à sua pessoa e desenvolver para ele toda a sua garridice. Foi uma fantasia, puro capricho de duquesa, com o qual Lope de Vega ou Calderón fez *O cão do jardineiro*. Quis que aquele homem não pertencesse a mulher alguma e nem imaginou pertencer-lhe.

Recebera da natureza as qualidades necessárias para representar os papéis da faceira e sua educação mais as aperfeiçoara. As mulheres tinham razões para invejá-la e os homens para amá-la.

Não faltava à duquesa nada daquilo que pode inspirar o amor, daquilo que o justifica e daquilo que o perpetua. Seu gênero de beleza, seus modos, sua fala, seu porte concorriam para dotá-la de uma faceirice natural que, na mulher, parece ser a consciência do seu poder. Era bem-feita e compassava seus movimentos com excessiva indolência, única afetação que se lhe podia reprovar. Tudo nela se harmonizava, desde o menor gesto até a construção particular das frases, e o ar hipócrita que dava ao olhar. O caráter predominante de sua fisionomia era uma nobreza elegante, que a mobilidade muito francesa do seu todo não destruía. Tal

atitude incessantemente cambiável exercia prodigioso atrativo sobre os homens.

Prometia ser a mais deliciosa das amantes retirado o espartilho e os aprestos de sua representação. Com efeito, todas as alegrias do amor existiam em germe na liberdade de seus olhares expressivos, no carinho de sua voz, na graça de suas palavras. Deixava perceber que havia nela uma nobre cortesã que as crenças religiosas da duquesa em vão desmentiam. Quem se sentasse junto dela, durante um sarau, achá-la-ia ora alegre ora melancólica, sem que parecesse fingir nem a melancolia nem a alegria. Sabia ser, a seu bel-prazer, afável, desdenhosa ou impertinente, ou confiante. Parecia bondosa e o era. Nada na sua situação a forçava a descer à maldade. Havia momentos em que se mostrava ora confiante, ora astuta, ora terna e comovida, ora dura e seca a ponto de partir corações. Mas para bem pintá-la seria necessário acumularem-se todas as antíteses femininas; numa palavra, ela era o que queria ser ou parecer. Suas formas um nada alongadas tinham a graça, algo de fino, de miúdo que lembravam as figuras da Idade Média. Sua tez era pálida, levemente rosada. Ela toda pecava, por assim dizer, por excesso de delicadeza.

Montriveau deixou-se apresentar complacientemente à duquesa de Langeais, que, segundo o hábito das pessoas às quais um gosto refinado faz evitar as banalidades, o acolheu sem cumulá-lo de perguntas nem de cumprimentos, mas com uma espécie de graça respeitosa que devia lisonjear a um homem superior, pois a superioridade supõe no homem um pouco desse tato que faz com que as mulheres adivinhem tudo que é sentimento. Se manifestou alguma curiosidade, foi pelo olhar; se fez elogios, foi pelos modos; desenvolveu o encantamento verbal, o fino desejo de agradar, que sabia mostrar mais do que ninguém.

Toda a sua conversação porém não foi mais que o texto de uma carta em que houvesse necessariamente um pós-escrito no qual fosse exposto o pensamento principal. Quando, após meia hora de palestra insignificante,

na qual só os acentos, os sorrisos, davam valor às palavras, o sr. de Montriveau pareceu querer discretamente retirar-se, a duquesa o reteve com um gesto expressivo.

— Senhor — disse-lhe —, não sei se os poucos instantes durante os quais tive o prazer de palestrar consigo ofereceram ensejo bastante para que me seja permitido convidá-lo a ir à minha casa; tenho receio de que haja demasiado egoísmo em lá querer vê-lo. Se eu for assaz feliz para que a casa lhe agrade, pode encontrar-me sempre à noite, até as dez horas.

Estas frases foram ditas com tal acento de garridice que o sr. de Montriveau não pôde recusar-se a aceitar o convite. Ao voltar para os grupos de homens que se conservavam a alguma distância das senhoras, muitos dos seus amigos o felicitaram meio a sério, meio a gracejar, pelo acolhimento extraordinário que lhe concedera a duquesa de Langeais. Aquela difícil, aquela ilustre conquista estava decididamente feita e a glória a havia reservado para a Artilharia da Guarda. Fácil é imaginar as boas e as más brincadeiras que esse tema, uma vez aceito, sugeriu num desses salões parisienses onde tanto gostam de divertir-se e onde as caçadas têm tão pouca duração que cada qual se apressa a delas tirar todas as variações.

Essas tolices lisonjearam, no íntimo, o general. Do lugar em que se postara, seus olhares se viram atraídos por mil reflexões indecisas para a duquesa; e ele não pôde deixar de confessar a si próprio que, de todas as mulheres cuja beleza seduzira seus olhos, nenhuma lhe oferecera mais deliciosas expressões das virtudes, dos defeitos, das harmonias que a imaginação mais juvenil pudesse desejar, na França, numa amante.

Que homem, qualquer que seja a posição em que a sorte o tenha colocado, não sentiria em sua alma um gozo indefinível ao encontrar na mulher que escolheu, mesmo em sonhos, para ser sua, as tríplices perfeições morais, físicas e sociais que lhe hão de permitir ver sempre nela satisfeitas todas as suas aspirações? Se não é uma causa de amor em

lisonjeira reunião, é, decerto, dos maiores veículos do sentimento. Sem a vaidade, disse um profundo moralista do século passado, o amor é um convalescente. Há, sem dúvida, para o homem como para a mulher, um tesouro de prazeres na superioridade da pessoa amada. Não é muito, para não dizer tudo, saber que o nosso amor-próprio não sofrerá jamais por culpa sua; que ela é assaz nobre para nunca receber as feridas de um olhar de desprezo, assaz rica para ser cercada de um brilho igual ao que cerca até mesmo os reis efêmeros da finança, assaz espirituosa para jamais se ver humilhada por um fino gracejo, e assaz bela para ser rival de todo o seu sexo?

São reflexões que os homens fazem num abrir e fechar de olhos. Mas, se a mulher que os inspira lhes acena ao mesmo tempo, para o futuro de sua paixão nascente, com as mutáveis delícias da graça, a ingenuidade de uma alma virgem, as mil dobras das vestes das faceiras, os perigos do amor, não é de perturbar o coração do homem mais frio? Essa era a situação em que se encontrava no momento o sr. de Montriveau, relativamente à mulher, e o seu passado garantia de qualquer modo a bizarria do fato.

Lançado jovem no tufão das guerras francesas, tendo vivido sempre nos campos de batalha, só conhecia da mulher o que um viajante apressado, que anda de albergue em albergue, pode conhecer de um país. Da sua vida talvez pudesse dizer o que Voltaire dizia da sua aos oitenta anos, e não teria acaso mil tolices de que se arrepender? Na sua idade era tão novo em amor quanto um rapaz que acabasse de ler Faublas às escondidas. Da mulher ele sabia tudo; mas do amor nada sabia; e sua virgindade de sentimentos produzia-lhe assim desejos totalmente novos.

Alguns homens, levados pelos trabalhos a que os condenaram a miséria ou a ambição, a arte ou a ciência, como o sr. de Montriveau fora levado pelo curso da guerra e pelos acontecimentos de sua vida, conhecem essa singular situação e raramente a confessam. Em Paris, todos os homens devem ter amado. Mulher alguma quer aquilo que nenhuma outra quis.

Do temor de ser tomado por um tolo, procedem as mentiras da fatuidade geral na França, onde passar por tolo é não ser do país.

Naquele momento, o sr. de Montriveau foi tomado ao mesmo tempo por violento desejo, desejo acirrado pelo calor dos desertos, e por um movimento de coração cujo ardente aperto ele ainda não conhecia. Tão forte quanto era violento, o homem soube reprimir suas emoções; mas, embora conversando sobre coisas indiferentes, ele se interiorizava e jurava possuir aquela mulher, único pensamento pelo qual ele podia entrar no amor. Seu desejo tornou-se um juramento, feito ao modo dos árabes com os quais vivera, e para os quais um juramento é contrato feito entre eles e todo o seu destino, que subordinam ao êxito da empresa consagrada, e para a qual não contam a própria morte senão como mais um meio de alcançar a finalidade.

Um rapaz teria pensado: “Bem que eu queria ter como amante a duquesa de Langeais!”. Um outro: “Aquele que for amado pela duquesa de Langeais será um felizardo!”. Mas o general dizia a si próprio: “Terei como amante a duquesa de Langeais”. Quando um homem virgem de coração, e para quem o amor se torna uma religião, concebe semelhante pensamento, não sabe em que inferno acaba de pôr os pés.

O marquês de Montriveau fugiu bruscamente do salão e voltou para casa devorado pelos primeiros acessos de sua primeira febre amorosa. Se na idade madura um homem conserva ainda as crenças, as ilusões, a franqueza, a impetuosidade da infância, seu primeiro gesto é, por assim dizer, o de avançar a mão para se apoderar daquilo que deseja; depois, sondada a distância quase impossível de transpor, que o separa dele, é tomado, como as crianças, de uma espécie de espanto ou de impaciência que dá maior valor ao objeto desejado, e treme ou chora.

No dia seguinte, depois das mais tempestuosas reflexões que lhe teriam transtornado a alma, Armando de Montriveau se achou sob o jugo dos seus sentidos, que a pressão de um verdadeiro amor concentrara. Aquela

mulher, tão desembaraçadamente tratada na véspera, tornou-se o mais santo e o mais temido dos poderes. Foi desde então para ele o mundo e a vida. A simples lembrança das mais leves emoções que ela lhe despertara fazia empalidecerem as suas maiores alegrias, as mais vivas dores que até então sentira.

As mais rápidas revoluções só perturbam o interesse do homem enquanto uma paixão lhe subverte os sentimentos. Ora, para aqueles que vivem mais pelo sentimento do que pelo interesse, para aqueles que têm mais alma e sangue que engenho e linfa, um amor real produz uma mudança completa de existência.

Com um só traço, por uma só reflexão, Armando de Montriveau apagou toda a sua vida passada. Depois de se ter interrogado vinte vezes, como uma criança — irei? não irei? —, vestiu-se e foi ao palácio de Langeais pelas oito horas da noite, sendo admitido à presença da mulher, não, mulher não, do ídolo que vira na véspera, em plena luz, tal uma doce e pura mocinha envolta em gaze, rendas e véus.

Chegou impetuosamente para lhe declarar o seu amor, como se se tratasse do primeiro tiro de canhão num campo de batalha. Pobre colegial! Encontrou sua vaporosa sílfide envolta num penhoar de casimira marrom habilmente enfeitado de laçarotes de fitas, languidamente reclinada sobre um divã do obscuro toucador.

A sra. de Langeais não se ergueu, deixando ver apenas a cabeça, com os cabelos em desordem, embora retidos por uma manta. E com a mão que, no claro-escuro produzido pelo trêmulo clarão de uma única vela colocada a distância, pareceu aos olhos de Montriveau branca como se fosse de mármore, fez-lhe sinal para sentar-se dizendo-lhe com voz tão fraca como a luz da peça:

— Se não fosse o senhor, senhor marquês, se se tratasse de um amigo com o qual pudesse agir sem cerimônias, ou de um indiferente que levemente me houvesse interessado, eu não o teria recebido. Aqui, como

me vê, sofro terrivelmente.

Armando pensou consigo: “Vou-me embora”.

— Mas — continuou ela, lançando-lhe um olhar cujo ardor o ingênuo militar atribuiu à febre — não sei se é um pressentimento da bondade de sua visita, cuja solicitude muito me sensibiliza, desde um instante sinto a cabeça liberta de sua tontura.

— Poderei, então, demorar-me um pouco — disse-lhe Montriveau.

— Ah! ficaria bem aborrecida se o visse partir. Já esta manhã pensei que não devia ter-lhe produzido impressão alguma; que, sem dúvida, teria tomado o meu convite como uma dessas frases banais prodigalizadas ao acaso pelas parisienses e perdoei de antemão sua possível ingratidão. Um homem que chega dos desertos não é obrigado a saber quanto nosso *faubourg* é exclusivista em suas amizades.

Essas graciosas palavras, quase murmuradas, caíram uma a uma como que impregnadas do alegre sentimento que parecia ditá-las. A duquesa queria tirar todo o partido possível de sua indisposição, e sua esperteza obteve completo êxito. O pobre militar sofria realmente o falso sofrimento daquela mulher. Tal como Crillon ao ouvir a narrativa da Paixão de Jesus Cristo, estava a ponto de arrancar da espada para combater aquele mal-estar. E como então falar à doente do amor que esta lhe inspirara? Armando começava a compreender que seria ridículo disparar o seu amor à queima-roupa sobre mulher tão superior. Compreendeu num único pensamento todas as delicadezas do sentimento e as exigências da alma. Amar não é, acaso, saber pedir, mendigar, esperar? Aquele amor que o comovia não precisava ser provado?

Ficou, assim, com a língua paralisada, gelado pelas conveniências do nobre *faubourg*, pela majestade da enxaqueca e pela timidez do amor verdadeiro. Nenhum poder do mundo poderia entretanto velar-lhe o olhar no qual relampejavam o calor, o infinito do deserto, olhos calmos como o das panteras sobre os quais as pálpebras só muito raramente baixavam.

Ela gostou imensamente daquele olhar fixo que a banhava de luz e de amor.

— Senhora duquesa — respondeu —, temo exprimir mal a gratidão que me inspira sua bondade. Neste momento só desejo uma coisa: poder dissipar os seus sofrimentos.

— Permita que me livre disto, sinto agora muito calor — disse ela, fazendo saltar com um movimento cheio de graça a almofada que lhe cobria os pés, que se revelaram em toda a sua brancura.

— Madame, na Ásia seus pés valeriam quase dez mil sequins.

— Cumprimento de viajante — observou ela, sorrindo.

A espirituosa criatura empenhou-se em elevar o rude Montriveau a uma conversação cheia de tolices, de lugares-comuns, de coisas sem sentido em que ele manobrou, militarmente falando, como o teria feito o príncipe Carlos às voltas com Napoleão. Divertiu-se maliciosamente em reconhecer a extensão daquela paixão em começo, pelo número de toleimas arrancadas ao estreante que ela enredava passo a passo num labirinto inextricável em que queria deixá-lo com vergonha de si mesmo. Começou por caçoar do homem a quem igualmente se comprazia em fazer esquecer o tempo. O prolongamento de uma primeira visita é quase sempre uma lisonja, mas Armando nem pensou em tal.

O célebre viajante estava já há uma hora naquele toucador a falar de tudo sem dizer nada, sentindo não ser mais que um instrumento com que brincava aquela mulher, quando ela resolveu sentar-se e, pondo ao pescoço a manta que tinha na cabeça, dar-lhe as honras de uma completa cura.

Tocou a campainha para mandar acender as velas. À inação absoluta em que estivera sucederam-se os movimentos mais graciosos. Voltou-se, depois, para Montriveau e disse-lhe em resposta a uma confidência que acabava de arrancar-lhe e que pareceu interessá-la vivamente:

— Quer mofar de mim procurando convencer-me de que nunca amou.



Essa é a grande pretensão dos homens junto a nós. Nós os acreditamos por pura polidez! Então não sabemos a que nos ater nesse caso por nós mesmas? Onde está o homem que não encontrou na vida uma única ocasião de enamorar-se? Gostam de enganar-nos e nós os deixamos fazê-lo, pobres tolas que somos, pois os seus embustes são ainda homenagens prestadas à superioridade dos nossos sentimentos, que são todos pureza.

Esta última frase foi pronunciada num tom cheio de altivez e de orgulho que fez do amante noviço uma bala atirada ao fundo de um abismo e da duquesa um anjo a voar para o seu céu particular.

“Diabo!”, exclamou consigo Armando de Montriveau, “como fazer para declarar a esta criatura selvagem que a amo?”

Ele o havia confessado já vinte vezes, ou melhor, a duquesa já o lera vinte vezes em seus olhares, e via, na paixão daquele homem realmente grande, um divertimento para ela, um interesse para a sua vida sem interesse. Preparava-se já, assim, muito habilmente, para elevar em torno de si mesma uma certa quantidade de redutos que o obrigaria a tomar, antes de permitir-lhe a entrada em seu coração.

Joguete de seus caprichos, Montriveau devia permanecer estacionário enquanto saltava de dificuldade em dificuldade tal como o inseto atormentado por uma criança salta de um dedo para outro pensando avançar, enquanto seu malicioso carrasco o conserva no mesmo ponto. Não obstante, reconheceu a duquesa, com inexprimível felicidade, que aquele homem de caráter não mentia à sua palavra. Armando não havia realmente amado até então. Ia retirar-se descontente consigo mesmo e mais descontente ainda com ela; a duquesa porém via com alegria aquele arrufo que sabia poder dissipar com uma palavra, um olhar, um gesto:

— Virá amanhã à noite? — perguntou. — Vou ao baile, esperá-lo-ei até as dez horas.

Montriveau passou a maior parte do dia seguinte sentado à janela do seu gabinete, ocupado em fumar uma quantidade indeterminável de

charutos. Pôde, assim, esperar a hora de vestir-se para ir ao palácio de Langeais. Faria piedade a quem quer que conhecesse o magnífico valor daquele homem vê-lo tornado tão pequeno, tão trêmulo, saber aquele pensamento, cujos raios podiam abarcar mundos, reduzido às proporções do toucador de uma loureira. Ele próprio porém se sentia tão fraco na sua felicidade que, mesmo para salvar a vida, não teria confiado o seu amor a um amigo íntimo. No pudor que se apodera do homem que ama, não há sempre um pouco de vergonha e não será a sua pequenez que constitui o orgulho da mulher? Não será, enfim, por uma multidão de motivos desse gênero, que as mulheres não confessam, que são levadas quase todas a trair em primeiro lugar o mistério do amor, mistério de que se cansam talvez?

— Cavalheiro — disse-lhe o criado —, a senhora duquesa não pode vê-lo de momento, está fazendo a *toilette* e pede que a espere aqui.

Armando passeou pelo salão estudando o bom gosto dispendido nos menores detalhes. Admirou a sra. de Langeais ao admirar as coisas que dela provinham, traindo-lhe os hábitos, antes que pudesse apreender sua pessoa e suas ideias. Depois de mais ou menos uma hora, a duquesa de Langeais saiu da alcova sem fazer ruído. Montriveau, voltando-se, via-a andando com a leveza de uma sombra e estremeceu. Chegou a ele sem lhe dizer burguesmente: “Como me acha?”. Estava segura de si mesma e seu olhar fixo dizia: “Preparei-me assim para te agradar”. Só uma fada, madrinha de alguma princesa desconhecida, poderia ter disposto em torno do colo daquela criatura faceira a névoa de uma gaze cujas dobras de tons mais vivos deixavam ainda transparecer o brilho de uma pele acetinada. A duquesa estava deslumbrante. O azul-claro do vestido, cujos ornatos se repetiam nas flores do penteado, parecia pela riqueza da cor dar corpo àquelas leves formas tornadas aéreas, pois deslizando com rapidez para Armando fazia voar as duas pontas da *écharpe*, que lhe pendiam aos flancos, e o bravo soldado não pôde deixar de compará-la aos

lindos insetos que volteiam sobre as águas, por entre as flores, com as quais parecem confundir-se.

— Eu o fiz esperar — disse com a voz que as mulheres têm para com os homens a quem desejam agradar.

— Esperaria pacientemente uma eternidade se soubesse que iria encontrar divindade tão bela quanto a senhora; mas não é um cumprimento falar-lhe de sua beleza quando só pode ser sensível à adoração. Deixe-me assim somente beijar sua *écharpe*.

— Ah! — disse ela, com um gesto de orgulho — Eu o estimo bastante para lhe oferecer a minha mão.

E deu-lhe a beijar a mão ainda úmida. Uma mão de mulher, no momento em que sai do banho perfumado, conserva não sei que delicada frescura, que maciez aveludada, cuja impressão cariciosa vai diretamente dos lábios à alma. E, para um homem apaixonado que tem nos sentidos tanta volúpia quanto amor possui no coração, aquele beijo, casto na aparência, pode excitar temíveis tempestades.

— Será que sempre me estenderá assim? — perguntou humildemente o general beijando com respeito aquela mão perigosa.

— Sim; mas pararemos aí — respondeu ela, sorrindo.

Sentou-se e pareceu desajeitada ao pôr as luvas, querendo fazer a pele demasiado justa deslizar ao longo dos dedos e olhar, ao mesmo tempo, para o sr. de Montriveau, que admirava alternativamente a duquesa e a graça dos seus gestos reiterados.

— Ah! foi bom — disse ela — ter sido pontual; amo a pontualidade. Sua Majestade costuma dizer que ela é a polidez dos reis; mas, a meu ver, aqui entre nós, creio que é a mais respeitosa das lisonjas. E não é? Diga-me.

E olhou-o de novo para exprimir-lhe uma amizade enganadora e o viu mudo de felicidade e cheio de ventura por essas ninharias. Ah! A duquesa compreendia às maravilhas seu papel de mulher, sabia exaltar admiravelmente um homem à medida que ele se apequenava,

recompensá-lo com ocas lisonjas a cada passo que dava para descer às pieguices do sentimentalismo.

— Não esquecerá nunca de vir às nove horas?

— Sim, mas irá todas as noites ao baile?

— Que sei eu? — respondeu levantando os ombros com um gesto infantil como que para confessar que era toda caprichos e que um apaixonado devia aceitá-la assim. — Ademais — continuou —, que lhe importa? Será o senhor quem me acompanhará.

— Esta noite — observou ele — será difícil, pois não me vesti convenientemente.

— Parece-me — respondeu ela, encarando-o com altivez — que se alguém terá de sofrer pelo senhor não estar vestido em condições, será decerto eu. Mas saiba, senhor viajante, que o homem cujo braço aceito está sempre acima da moda, ninguém o ousaria criticar. Vejo que não conhece a sociedade e gosto mais que seja assim.

E ela já o lançava nas pequenezas da sociedade, tratando de o iniciar nas vaidades de uma mulher da moda.

“Se ela quer cometer uma tolice por mim”, pensou Armando, “eu seria bem idiota se a impedisse. Ela me ama, sem dúvida, e, na certa, não despreza mais a sociedade que eu próprio; logo, vamos ao baile!”

A duquesa pensava, sem dúvida, que, ao ver o general acompanhá-la ao baile, de botas e gravata preta, pessoa alguma hesitaria em acreditá-lo apaixonadamente enamorado dela.

Feliz por ver a rainha do mundo elegante querer comprometer-se por ele, o general revelou vivacidade, conservando esperanças. Certo de agradar, discorreu sobre as suas ideias e os seus sentimentos, sem experimentar o constrangimento que, na véspera, lhe enregelara o coração. Será que aquela conversação substanciosa, animada, cheia dessas primeiras confidências tão doces de dizer como de ouvir, seduziu a sra. de Langeais, ou teria ela imaginado aquela encantadora faceirice?

Fosse como fosse olhou maliciosamente para a pêndula ao soar meia-noite.

— Ah! O senhor me faz perder o baile! — exclamou exprimindo a surpresa e o despeito de se ter esquecido. Depois, justificou a troca de prazeres com um sorriso que fez saltar o coração de Armando. — Eu havia prometido à sra. de Beauséant — acrescentou. — Todos me esperam.

— Então vá.

— Não, continue — disse ela. — Fico. Suas aventuras no Oriente me encantam. Conte-me, sim, toda a sua vida. Gosto de participar dos sofrimentos de um homem de coração, porque eu os sinto, verdade!

Brincava com a *écharpe*, torcia-a, rasgava-a com movimentos de impaciência que pareciam denunciar um descontentamento íntimo, reflexões profundas.

— Não valemos nada — continuou. — Somos criaturas indignas, egoístas, frívolas. Não sabemos senão nos aborrecer à força de divertimentos. Nenhuma de nós compreende o seu papel na vida. Outrora, na França, as mulheres eram luzes benfeitoras, viviam para consolar os que choram, encorajar as grandes virtudes, recompensar os artistas e animar-lhes a vida com nobres pensamentos. Se a sociedade se tornou tão pequena, a culpa é nossa. O senhor nos faz odiar essa sociedade e as festas. Não, não lhe sacrificio grande coisa.

Acabou por destruir a *écharpe*, como uma criança que brincando com uma flor acaba por arrancar-lhe todas as pétalas; enrolou-a, jogou-a longe e pôde assim mostrar o seu pescoço de cisne. Tocou a sineta.

— Não sairei mais — disse ao criado.

Depois levantou timidamente seus grandes olhos azuis para Armando de modo a fazer-lhe aceitar, pela timidez que eles exprimiam, aquela ordem por uma confissão, por um primeiro, por um grande favor.

— Sofreu bastantes penas — disse, após uma pausa cheia de pensamentos e com o enternecimento que muitas vezes está na voz das

mulheres sem estar em seu coração.

— Não — respondeu Armando. — Até hoje eu não sabia o que era a felicidade.

— Sabe então? — disse ela, baixando os olhos com um ar hipócrita e divertido.

— Para mim, sobretudo, doravante a felicidade consiste em vê-la e ouvi-la... Até então, apenas havia sofrido, e compreendo agora que posso ser infeliz.

— Basta, basta — disse ela —, já é meia-noite, respeitemos as conveniências. Não fui ao baile porque o senhor estava aqui. Não devemos dar o que falar. Adeus. Não sei o que direi, mas a enxaqueca é serviçal e não nos desmente jamais.

— Há baile amanhã?

— Acostumar-se-ia, creio. Pois bem, amanhã também iremos ao baile.

Armando saiu sentindo-se o homem mais feliz do mundo e voltou todas as noites à casa da sra. de Langeais, à hora que, por uma espécie de convenção tácita, lhe fora reservada.

Seria fastidioso e seria para uma multidão de jovens que possuem suas belas recordações uma redundância fazermos marchar esta narrativa passo a passo, tal como marcha o poema dessas conversações em segredo cujo curso avança ou se retarda à vontade de uma mulher, por uma troca de palavras, se o sentimento vai demasiado depressa, por uma queixa sobre os sentimentos, quando as palavras não correspondem mais ao que ela pensa.

Para marcar os progressos deste trabalho de Penélope, talvez fosse necessário nos atermos às expressões materiais do sentimento. Assim, alguns dias após o primeiro encontro da duquesa e Armando de Montriveau, o assíduo general conquistara em plena propriedade o direito de beijar as insaciáveis mãos da amada. Por toda parte em que se via a duquesa de Langeais, via-se inevitavelmente o sr. de Montriveau, a quem

algumas pessoas nomeavam por brincadeira *o ordenança da duquesa*. A posição de Armando já lhe granjeava invejosos, ciumentos e inimigos. A sra. de Langeais atingia a sua finalidade. O marquês se confundia entre os seus numerosos admiradores e servia-lhe para humilhar os que se gabavam de estar em suas boas graças, dando-lhe de público preferência sobre todos.

— Decididamente — dizia a sra. de Sérisy — o sr. de Montriveau é o homem a quem a duquesa mais distingue.

Quem não sabe o que quer dizer em Paris *ser distinguido por uma mulher*? As coisas estavam, assim, perfeitamente em regra. O que outros se compraziam em contar do general fazia-o tão temível que os jovens hábeis abdicaram tacitamente de suas pretensões sobre a duquesa e só continuaram em sua esfera para explorar a importância que ela lhes emprestava, para servirem-se do seu nome, de sua pessoa, para arranjam-se melhor com certas potências de segunda ordem, encantadas em roubar um admirador à sra. de Langeais.

A duquesa tinha olhos muito perspicazes para que não visse essas deserções e traições das quais o seu orgulho não lhe permitia ser vítima. Sabia então, dizia o príncipe de Talleyrand, que a estimava muito, tirar um palmo de vingança com a frase de dois gumes com que farpeava tais núpcias *morganáticas*. Sua desdenhosa ironia não contribuía mediocrementemente para fazê-la temida e passar como criatura excessivamente espirituosa. Consolidava assim sua reputação de virtude divertindo-se com os segredos alheios, sem deixar que ninguém penetrasse nos seus.

Não obstante, ao cabo de dois meses de assiduidade, sentiu, no fundo d'alma, um vago temor ao ver que o sr. de Montriveau nada entendia das finezas da faceirice Faubourg-Saint-Germanesca e levava a sério as brincadeiras parisienses.

— Aquele, minha cara duquesa — dissera-lhe o velho vidama de

Pamiers —, é primo-irmão das águias; a senhora não o conseguirá domesticar, e ele a levará para as suas alturas, se não tiver cautela.

Na noite que se seguiu a essas palavras do astuto velhinho, nas quais a sra. de Langeais temia ver uma profecia, experimentou fazer-se odiar, mostrou-se dura, exigente, nervosa, detestável para Armando, que a desarmou com uma doçura angélica. Conhecia ela tão pouco a profunda bondade dos grandes caracteres, que acabou dominada pelas graciosas zombarias com as quais foram desde logo acolhidas suas queixas. Procurou uma querela e encontrou provas de afeição. E então persistiu.

— Em que — disse-lhe Armando — um homem que a idolatra pode desagradar-lhe?

— Não me desagradou — respondeu fazendo-se repentinamente doce e submissa —, mas por que quer comprometer-me? Não devia ser *mais que um amigo* para mim. Não o sabe? Desejaria ver no senhor o instinto, a delicadeza da verdadeira amizade, para não perder nem a sua estima nem os prazeres que sinto a seu lado.

— Não ser mais que seu *amigo*? — exclamou Montriveau, em cuja cabeça essa terrível palavra produziu choques elétricos. — Na confiança das horas suaves que me concede, adormeço e desperto em seu coração; e hoje, sem motivo, a senhora se diverte gratuitamente em matar as secretas esperanças que me fazem viver. Quer, depois de me fazer prometer tanta constância e de haver mostrado tanto horror às mulheres que só têm caprichos, dar-me a entender que, como todas as mulheres de Paris, tem paixões e não amor? Por que então me pediu a vida e por que a aceitou?

— Fui desarrazoada, meu amigo. Sim, uma mulher não tem razão em deixar-se levar a tais arrebatamentos, quando não pode nem deve recompensá-los.

— Compreendo, foi apenas levemente faceira e...

— Faceira?... Odeio a faceirice. Ser faceira, Armando, é prometer-se a muitos homens e não se dar a nenhum. Dar-se a todos é libertinagem. Isto



é o que eu creio entender de nossos costumes. Mas fazer-se melancólica junto aos humoristas, alegre para os aborrecidos, política com os ambiciosos, ouvir com aparente admiração aos tagarelas, discutir assuntos de guerra com os militares, apaixonar-se pelo bem do país com os filantropos, dar a cada um a sua dose de lisonjas, isso me parece tão necessário como pôr flores nos cabelos, usar diamantes, luvas e vestidos. A conversação é a parte moral da *toilette*, põe-se e tira-se como um chapéu de plumas. Chama a isto faceirice? Mas nunca o tratei como trato a todo mundo. Consigo, meu amigo, sou verdadeira. Não partilhei sempre de suas ideias, e, quando convencida depois de uma discussão, não me viu toda feliz? Enfim, eu o amo, mas somente como o é permitido a uma mulher religiosa e pura. Refleti muito. Sou casada, Armando. Se o modo por que vivo com o sr. de Langeais me deixa livre o coração, as leis, as conveniências tiraram-me o direito de dispor de minha pessoa. Qualquer que seja a categoria em que esteja colocada, uma mulher desonrada se vê expulsa da sociedade, e não conheço ainda exemplo algum de homem que tenha correspondido àquilo a que então o obrigam os nossos sacrifícios. Pior que isso, a ruptura que todos preveem entre a sra. de Beauséant e o sr. d'Ajuda, que, dizem, se casa com a srta. de Rochefide, prova-me que esses mesmos sacrifícios são, quase sempre, as causas do abandono dos homens. Se me amasse sinceramente, cessaria de ver-me durante algum tempo. Pelo senhor, eu me despojaria de toda vaidade; não é alguma coisa? Que não dizem de uma mulher a quem nenhum homem se prende? Ah! é sem coração, sem espírito, sem alma, sem encanto sobretudo. Oh! as faceiras nada me perdoariam, tirar-me-iam até as qualidades que lhes dói encontrar em mim. Restando-me a minha reputação, que me importa ver contestada minha superioridade pelas rivais? Elas não poderão, decerto, herdá-la. Vamos, meu amigo, dê alguma coisa a quem tanto lhe sacrifica. Venha menos frequentemente, eu não o amarei menos.

— Ah! — respondeu Armando com a profunda ironia de um coração

ferido —, o amor, segundo os escrevinhadores, só se alimenta de ilusões! Nada é mais verdadeiro, vejo-o, é preciso que eu imagine ser amado. Mas, veja, há pensamentos como há feridas das quais a gente não se restabelece: a senhora era uma das minhas últimas crenças, e percebo agora que tudo é falso na terra.

Ela se pôs a sorrir.

— Sim — continuou Montriveau com voz alterada —, sua fé católica à qual me quer converter é uma mentira que os homens pregam a si próprios, a esperança é uma mentira que se apoia no futuro, o orgulho é uma mentira que nos logra a nós mesmos, a piedade, a prudência, o terror são cálculos mentirosos. Minha felicidade será, pois, também alguma mentira; devo enganar-me a mim próprio e consentir sempre em dar um luís em troca de um escudo. Se pode tão facilmente dispensar-se de me ver, se não me aceita nem por amigo nem por amante, é que não me ama! E eu, pobre louco, penso assim, sei que é assim, e amo.

— Mas, meu Deus, meu pobre Armando, está a encolerizar-se...

— A encolerizar-me?

— Sim, acredita que tudo está desfeito, quando eu só falo de prudência.

No fundo ela estava encantada com a cólera que refletiam os olhos do seu amado. Ela o atormentava naquele instante, mas também o julgava, notando-lhe as menores alterações da fisionomia. Se o general tivesse tido a infelicidade de mostrar-se generoso sem discussão, como acontece algumas vezes a certas almas cândidas, teria sido banido para sempre, acusado e reconhecido de não saber amar. A maior parte das mulheres querem sentir-se moralmente violadas. Não é uma de suas lisonjas só ceder à força? Armando, porém, não era suficientemente esperto para perceber a cilada habilmente armada pela duquesa. Os homens fortes apaixonados têm tanta infância na alma!

— Se não quer mais que conservar as aparências — disse com ingenuidade —, estou pronto a...

— Conservar as aparências?! — exclamou ela, interrompendo-o — Mas que ideia faz, então, de mim? Já lhe dei o menor direito de pensar que eu possa ser sua?

— Ah, é? De que é que falávamos então? — perguntou Montriveau.

— Mas, senhor, assusta-me. Não, perdão, obrigada — continuou num tom frio —, obrigada, Armando, advertiu-me a tempo de uma imprudência bem involuntária, acredite-o, meu amigo. Sabe sofrer, diz! Eu também saberei sofrer. Cessaremos de nos ver; e, depois, quando um e outro tivermos recuperado um pouco de calma, então sim trataremos de obter uma felicidade aprovada pelo mundo. Sou jovem, Armando; um homem sem delicadeza faria cometer muitas tolices e loucuras a uma mulher de vinte e quatro anos. Mas o senhor! O senhor será meu amigo, prometa-me.

— A mulher de vinte e quatro anos — respondeu ele — sabe calcular. — Sentou-se no divã do toucador e ficou com a cabeça apoiada nas mãos. — Ama-me, senhora? — perguntou, levantando a cabeça e mostrando-lhe uma fisionomia resoluta. — Diga, corajosamente: sim ou não.

A duquesa assustou-se mais com aquela interrogação do que com uma ameaça de morte, expediente vulgar com que pouco se atemorizam as mulheres do século XIX que não mais veem os homens de espada à cinta; mas não há franzir de supercílios, movimento de pálpebras, contrações no olhar, tremores de lábios que transmitam o terror que tão vivamente, tão magneticamente exprimem?

— Ah! — disse ela —, se eu fosse livre, se...

— Eh! É só o seu marido o que a constrange? — exclamou alegremente o general andando a largos passos pelo toucador. — Minha querida Antonieta, possuo um poder mais absoluto que o do autocrata de todas as Rússias. Eu me entendo com a fatalidade; posso, socialmente falando, adiantá-la ou retardá-la segundo a minha fantasia, como se faz com um relógio. Dirigir a fatalidade, em nossa máquina política, não consiste

apenas em conhecer-lhe as engrenagens? Dentro em pouco será livre, lembre-se então da sua promessa.

— Armando! — exclamou ela — Que quer dizer? Meu Deus! Acredita que eu possa ser o prêmio de um crime? Deseja a minha morte? Não tem então sombra de religião? Eu temo a Deus. Embora o sr. de Langeais me tenha dado o direito de odiá-lo, não lhe desejo mal algum.

O marquês de Montriveau, que tamborilava maquinalmente o toque de retirada no mármore da lareira, contentou-se em olhar a duquesa com um ar calmo.

— Meu amigo — continuou ela —, respeite-o. Ele não me ama, não procedeu bem para comigo, mas tenho deveres a cumprir para com ele. Para evitar as desgraças de que o ameaça, que não faria eu? Ouça — continuou após uma pausa —, não lhe falarei mais de separação, continuará a vir como até aqui, dar-lhe-ei sempre a minha frente a beijar; se alguma vez a recusei foi por pura faceirice, na verdade. Mas entendam-nos — disse ao vê-lo aproximar-se. — Permitirá que aumente o número dos meus perseguidores, que possa recebê-los amanhã mais que outrora; quero redobrar de leviandade e desejo tratá-lo muito mal, aparentemente, fingir uma ruptura; virá apenas um pouco menos; e depois...

Dizendo estas palavras, deixou-se tomar pela cintura, parecendo sentir, assim, nos braços de Montriveau, o prazer extraordinário que encontra a maior parte das mulheres nessa pressão em que todos os gozos do amor parecem prometidos; e desejando, sem dúvida, arrancar alguma confiança, elevou-se na ponta dos pés para levar a frente aos lábios ardentes de Armando.

— E — acrescentou Montriveau — não falará mais de seu marido; não deve mais pensar nele.

A sra. de Langeais guardou silêncio.

— Fará, ao menos — disse ela, depois de uma pausa expressiva —, tudo o que eu quiser, sem resmungar, sem ser mau, diga, meu amigo? Não quis

assustar-me? Vamos, confesse. É bom demais para conceber pensamentos criminosos. Terá então segredos que eu não conheça? Como poderá dirigir a sorte?

— No momento em que confirma o dom que me fez do seu coração, sinto-me demasiadamente feliz para bem saber o que responder. Tenho confiança em si, Antonieta; não terei nem suspeitas nem falsos ciúmes. Mas se o acaso a tornar livre, estamos unidos...

— O acaso, Armando — observou ela, fazendo um desses lindos gestos de cabeça que parecem cheios de coisas e que certas mulheres esboçam facilmente tal como uma cantora brinca com a voz —, o puro acaso — continuou. — Fique sabendo: se acontecesse, por culpa sua, alguma desgraça ao sr. de Langeais, eu nunca pertenceria ao senhor.

Separaram-se satisfeitos um com o outro. A duquesa havia feito um pacto que lhe permitia provar à sociedade, por palavras e atos, que o sr. de Montriveau não era seu amante. Quanto a este, a astuta tencionava cansá-lo, não lhe concedendo outros favores além daquelas surpresas das pequenas lutas de que ela regulava o curso à vontade. Sabia tão lindamente revogar no dia seguinte as concessões dadas na véspera, estava tão seriamente determinada a permanecer fisicamente virtuosa, que não via perigo algum nos adiantamentos que só são temíveis para as mulheres apaixonadas.

Enfim, uma duquesa separada do marido ofereceria bem pouco ao amor sacrificando-lhe um casamento anulado há muito tempo. De seu lado Montriveau, felicíssimo por ter obtido a mais vaga das promessas e por haver afastado para sempre as objeções que uma esposa costuma apoiar na fé conjugal para se recusar ao amor, aplaudia-se por ter conquistado mais um pouco de terreno. Durante algum tempo, abusou, assim, dos direitos de usufruto que tão dificilmente lhe haviam sido outorgados.

Mais criança que nunca, o homem se deixava levar a todas as infantilidades que fazem do primeiro amor a flor da vida. Tornava-se

pequenino, expandindo a alma e todas as forças enganosas que lhe comunicava a paixão nas mãos daquela mulher, sobre seus cabelos louros cujos anéis macios beijava, sobre aquela fronte ardente que ele imaginava pura.

Inundada de amor, vencida pelos eflúvios magnéticos de um sentimento tão ardente, a duquesa hesitava em dar início à querela que os devia separar para sempre. Era mais mulher do que acreditava aquela criatura frágil, experimentando conciliar as exigências da religião com as vivazes emoções da vaidade, com as aparências de prazer que as parisienses adoram. Ouvia missa todos os domingos, não faltava a nenhum ofício; e à noite mergulhava nas inebriantes voluptuosidades que proporcionam os desejos sempre reprimidos.

Armando e a sra. de Langeais pareciam-se a esses faquires da Índia que se sentem recompensados de sua castidade pelas tentações que esta lhes dá. E, quem sabe?, a duquesa talvez houvesse acabado por resumir o amor nessas carícias fraternais, que pareceriam sem dúvida inocentes a todo mundo, mas às quais a audácia dos seus pensamentos emprestava excessivas depravações. Como explicar de outro modo o mistério incompreensível de suas perpétuas vacilações?

Propunha-se, todas as manhãs, fechar a porta ao marquês de Montriveau, e, todas as noites, à hora certa, deixava-se encantar por ele. Depois de uma frouxa defesa, ela se fazia menos maldosa; sua palestra tornava-se doce, untuosa; só dois amantes poderiam ser assim.

A duquesa desenvolvia seu espírito mais cintilante, suas garridices mais arrebatadoras; e, ao excitar a alma e os sentidos do seu apaixonado, ela bem que desejaria deixar-se quebrar e torcer por ele, mais tinha o seu *nec plus ultra* de paixão, e ao chegar até aí, zangava-se sempre que ele, dominado pelo próprio impulso, tentava transpor-lhe as barreiras. Mulher alguma ousa recusar-se sem motivo ao amor, nada é mais natural que ceder a ele; mas a sra. de Langeais cercou-se logo de uma segunda linha de

fortificações mais difícil de vencer que a primeira.

Evocou os terrores da religião. Nunca o mais eloquente dos oradores sacros defendeu melhor a causa de Deus; nunca as vinganças do Altíssimo foram tão bem justificadas como pela voz da duquesa. Não empregava nem frases de sermão nem recursos de retórica. Não, tinha um *pathos* todo seu. A mais ardente súplica de Armando respondia com um olhar inundado de lágrimas, com um gesto que pintava terrível plenitude de sentimentos; fazia-o calar pedindo misericórdia: mais uma palavra, que não queria ouvir, ela sucumbiria e a morte lhe parecia preferível a uma felicidade criminosa.

— Não é então nada desobedecer a Deus! — dizia-lhe recuperando a voz enfraquecida pelos combates interiores sobre os quais a linda comediante parecia tomar dificilmente um império passageiro. — Os homens, a terra inteira, eu lhos sacrificaria de boa mente, mas é egoísta pedindo toda a minha vida futura por um momento de prazer! Vamos! vejamos, não é feliz? — acrescentava estendendo-lhe a mão e aparecendo-lhe num *négligé* que oferecia, decerto, ao apaixonado, consolações nas quais sempre ele achava recompensa.

Se, para reter o homem cuja ardente paixão lhe dava emoções inusitadas, ou, por fraqueza, deixava-o roubar um beijo rápido, logo fingia medo, enrubescia e afastava Armando do seu canapé, logo que o canapé se tornava perigoso.

— Seus prazeres são pecados que eu expio, Armando; costumam-me eles penitências e remorsos — exclamava.

Ao ver-se Montriveau a duas cadeiras daquela saia aristocrática, surpreendia-se a blasfemar, maldizia Deus. A duquesa então se agastava.

— Mas, meu amigo — dizia secamente —, não compreendo por que se recusa a crer em Deus, pois que é impossível crer nos homens. Cale-se, não fale mais assim, tem uma alma muito grande para que possa desposar as tolices do liberalismo, que tem a pretensão de matar a Deus.

As discussões teológicas e políticas lhe serviam de duchas para acalmar Montriveau, que não sabia volver ao amor quando ela lhe excitava a cólera, atirando-o a milhares de léguas daquele toucador nas teorias do absolutismo que ela defendia às maravilhas. Poucas mulheres aliás ousam mostrar-se democráticas; ficam então muito em contradição com o seu despotismo em matéria de sentimentos. Mas muitas vezes o general também sacudia a juba, afastava a política, rugia como um leão, batia os flancos, lançava-se sobre a presa e reaparecia terrível de amor à sua amada, incapaz de manter por muito tempo o coração e o pensamento em conflito.

Se aquela mulher se sentia picada por uma fantasia assaz excitante para comprometê-la, sabia fugir ao toucador, deixar o ar carregado de desejos, que ali respirava, para vir para o salão, onde, sentando-se ao piano, cantava as mais deliciosas árias da música moderna, enganando o amor dos sentidos, que, por vezes, não a poupava, mas ao qual tinha a força de vencer. Em tais momentos era sublime aos olhos de Armando: não fingia, era verdadeira, e o pobre amante se acreditava amado. Aquela resistência egoísta fazia com que a tomasse por uma santa e virtuosa criatura, e ele se resignava e falava de amor platônico, ele, o general de artilharia!

Depois de ter brincado muito tempo com a religião no seu interesse pessoal, a sra. de Langeais passou a usá-la no de Armando; quis reconduzi-lo aos sentimentos cristãos, recompondo o *Gênio do cristianismo* para uso dos militares. Montriveau impacientou-se, achou o jugo pesado.

Oh! aí, por espírito de contradição, ela lhe encheu a cabeça de Deus para ver se Deus a desembaraçava do homem que perseguia seus fins com uma constância que começava a assustá-la. Ademais, tinha prazer em prolongar toda discussão que tendesse a eternizar a luta moral depois da qual viria a luta material bem mais perigosa.

Mas se a oposição feita em nome das leis do casamento representa a *época civil* desta guerra sentimental, esta constituiria a *época religiosa* e



teria, como a precedente, uma crise depois da qual seu vigor deveria decrescer. Uma noite, Armando chegou, por acaso, muito cedo e encontrou o padre Gondrand, diretor espiritual da sra. de Langeais, enterrado numa poltrona junto à lareira, como quem está digerindo seu jantar e os lindos pecados da sua penitente. À vista daquele homem de tez fresca e repousada, fronte calma, boca ascética e olhar maliciosamente inquiridor, que possuía no porte verdadeira nobreza eclesiástica e já nas suas vestes o roxo episcopal, escureceu-se singularmente o rosto de Montriveau, que não saudou ninguém e permaneceu silencioso.

Fora do seu amor não faltava discernimento ao general; adivinhou assim, na troca de alguns olhares com o futuro bispo, que era aquele homem o promotor das dificuldades com que se armava contra ele o amor da duquesa.

Um ambicioso padre a embaraçar e retardar a felicidade de um homem da têmpera de um Montriveau? Esse pensamento lhe queimou as faces, crispou-lhe os dedos, fê-lo levantar-se, andar, sapatear; mas voltando ao seu lugar com a intenção de fazer escândalo, um único olhar da duquesa foi suficiente para acalmá-lo.

A sra. de Langeais, sem absolutamente se embaraçar com o negro silêncio do apaixonado, com o qual qualquer outra mulher se sentiria molestada, continuou a conversar muito espirituosamente com o padre Gondrand sobre a necessidade de restabelecer a religião no seu antigo esplendor. Melhor do que o poderia fazer, o padre explicava por que a Igreja devia ser um poder simultaneamente temporal e espiritual, e lamentava que a Câmara dos Pares não possuísse ainda a sua *bancada de bispos*, como a Câmara dos Lordes.

Entretanto, sabendo o padre que a quaresma lhe permitiria tomar sua represália, cedeu o lugar ao general e saiu. A duquesa mal se levantou para prestar ao confessor sua humilde reverência, tanto a intrigava a atitude de Montriveau, e logo se voltou para este.

— Que tem, meu amigo?

— Estou por aqui com o seu padre.

— Por que não tomou um livro? — disse-lhe sem cuidar ser ouvida ou não pelo padre, que fechava a porta.

Montriveau permaneceu mudo um momento, pois a duquesa acompanhara as palavras com um gesto que ainda lhes realçava a profunda impertinência.

— Minha querida Antonieta, agradeço-lhe ter dado ao amor preferência sobre a Igreja; mas por favor, permita que lhe faça uma pergunta.

— Ah! interrogue-me. Gosto disso — continuou. — Não é meu amigo? Posso mostrar-lhe o fundo do meu coração, certa de que nele só verá uma imagem.

— Fala a esse homem do nosso amor?

— Ele é o meu confessor.

— Sabe ele que eu a amo?

— Sr. de Montriveau, não pretenderá, suponho, penetrar os segredos da minha confissão.

— Assim, conhece tal homem as nossas discussões e o meu amor pela senhora...

— Um homem, senhor! Diga “Deus”.

— Deus! Deus! Devo ser o único em seu coração. Mas deixe Deus em paz onde quer que esteja, por amor dele e de mim. Senhora, não irá mais à confissão ou...

— Ou? — disse ela, sorrindo.

— Ou não virei mais aqui.

— Parta, Armando. Adeus. Adeus para sempre.

Levantou-se e se dirigiu para o toucador, sem um único olhar para Montriveau, que ficou de pé, com a mão apoiada a uma cadeira. Quanto tempo permaneceu assim, jamais ele próprio o soube. A alma tem o poder de dilatar, como o de limitar o espaço. Abriu a porta do toucador; estava às

escuras. Uma voz fraca fez-se forte para dizer asperamente:

— Não chamei. Ademais, por que entrou sem ordens? Deixe-me, Suzette.

— Sofres então? — exclamou Montriveau.

— Levante-se, senhor — replicou ela fazendo soar a sineta. — Saia daqui ao menos por um momento.

— A senhora duquesa pede luz — disse ele ao criado, que entrou no toucador para acender as velas.

Ao ficarem sós os amantes, a sra. de Langeais continuou deitada no divã, muda, imóvel, absolutamente como se Montriveau não estivesse ali.

— Querida — disse este com um acento de dor e de bondade sublime —, não tenho razão. Eu não te quereria, decerto, sem religião...

— Felizmente — replicou ela sem o olhar e com voz dura — reconhece a necessidade da consciência. Eu lho agradeço em nome de Deus.

Aqui, o general, abatido pela inclemência daquela mulher que sabia tornar-se, querendo, uma estranha ou uma irmã para ele, deu, em direção à porta, um passo de desespero e ia abandoná-la para sempre sem dizer palavra. Sofria, e a duquesa ria interiormente dos sofrimentos causados por uma tortura moral bem mais cruel do que a antiga tortura judiciária. Mas o homem não era capaz de ir-se. Em todas as espécies de crises a mulher se encontra como que pejada por uma certa quantidade de palavras; e, enquanto não as diz, experimenta a sensação que a vista de uma coisa incompleta provoca. A sra. de Langeais, que não dissera ainda tudo, retomou a palavra.

— Não temos as mesmas convicções, general, sinto muito. Seria horrível para a mulher não crer numa religião que permite amar-se além da tumba. Ponho de parte os sentimentos cristãos, o senhor não os compreende. Deixe-me falar-lhe somente das conveniências. Pretende, sem ver que é preciso fazer-se algo pelo próprio partido, interditar a uma dama da Corte o tabernáculo em véspera da Páscoa? Os liberais não poderão matar, não obstante o seu desejo, o sentimento religioso. A

religião será sempre uma necessidade política. Ousaria governar um povo de racionadores? Napoleão não o ousou e perseguiu os ideólogos. Para impedir os povos de raciocinar, é preciso impor-lhes sentimentos. Aceitemos pois a religião católica com todas as suas consequências. Se queremos que a França vá à missa, não devemos começar por lá irmos nós mesmos? A religião, Armando, é, como vê, o cimento dos princípios conservadores que permitem aos ricos viverem tranquilos. A religião se liga intimamente à propriedade. E decerto é melhor governar os povos com ideias morais do que pelo cadafalso, como nos tempos do Terror, único meio que a sua detestável revolução inventou para se fazer obedecer. O padre e o rei, é o senhor, sou eu, é a princesa minha vizinha; e, numa palavra, todos os interesses personificados das pessoas honestas. Vamos, meu amigo, não quer então ser do nosso partido, o senhor que poderia se lhe tornar o Sila, se tivesse a mínima ambição? Ignoro a política; raciocino por sentimento; sei, não obstante, o suficiente para adivinhar que a sociedade seria destruída se se pusessem a todo momento suas bases em discussão.

— Se a sua Corte, se o seu governo pensam assim, causa-me piedade — disse Montriveau. — A Restauração, madame, deve dizer a si própria como Catarina de Médicis quando acreditou perdida a batalha de Dreux: “Pois bem, iremos à prédica!”. Ora, 1815 é a sua batalha de Dreux. Como o trono daquele tempo, ganharam de fato, mas perderam de direito. O protestantismo político está vitorioso nos espíritos. Se não querem baixar um edito de Nantes; ou se baixando-o o revogarem; se forem um dia acusados e reconhecidos de não mais desejarem a Constituição, que é apenas uma vantagem dada à manutenção dos interesses revolucionários, a revolução ressurgirá terrível e não precisará dar-lhes mais que um golpe; não será ela que há de sair da França; ela aqui é o próprio solo. Os homens se deixam matar, mas não os interesses... Eh! Meu Deus! Que nos importa a França, o trono, a legitimidade, o mundo inteiro? São coisas frívolas

diante da minha felicidade. Que reinem, que sejam derribados, pouco me importa... Onde é que estou?...

— Meu amigo, está no toucador da sra. duquesa de Langeais.

— Não, nada de duquesa, nada de Langeais, estou junto de minha querida Antonieta!

— Quer fazer-me o favor de ficar onde estava? — disse ela rindo e repelindo-o, mas sem violência.

— Nunca me amou, então? — perguntou com raiva que lhe relampejou nos olhos.

— Não, meu amigo.

Aquele não equivalia a um sim.

— Sou um grande tolo — continuou ele beijando a mão da terrível rainha que retornava a ser mulher. — Antonieta — recomeçou ele, apoiando a cabeça nos seus pés —, és por demais terna e casta para contares a nossa felicidade a quem quer que seja.

— Ah! o senhor é um grande louco — disse ela levantando-se com um movimento gracioso, embora vivo.

E, sem acrescentar palavra, correu para o salão.

— Que terá ela? — perguntou o general, que não sabia adivinhar o poder da agitação que sua fronte ardente comunicara eletricamente dos pés à cabeça de sua amada.

Ao chegar, furioso, ao salão, ouviu acordes celestiais. A duquesa estava ao piano. Os cientistas e os poetas que podem ao mesmo tempo compreender e gozar sem que a reflexão perturbe os seus prazeres sentem que o alfabeto e a fraseologia musical são os instrumentos íntimos do musicista, como a madeira e o metal são os do executante. Para eles existe uma música à parte no fundo da dupla expressão dessa sensual linguagem das almas. *Andiamo, mio ben* pode arrancar lágrimas de prazer ou fazer rir de pena, conforme a cantora. Às vezes, aqui e ali, na sociedade, uma jovem expirando sob o peso de uma dor desconhecida, um homem

cuja alma vibra sob os acicates da paixão tomam um tema musical e conversam com o céu ou falam a si próprios através de uma sublime melodia qualquer, espécie de poema perdido. Ora, o general ouvia naquele momento uma dessas poesias tão desconhecidas como o pode ser a queixa solitária de um pássaro, morto sem companheira numa floresta virgem.

— Meu Deus, que está tocando? — perguntou emocionado.

— O prelúdio de uma romança chamada, creio, *Rio Tejo*.

— Eu não sabia o que podia ser uma música para piano — respondeu.

— Ah, meu amigo — disse-lhe, lançando-lhe pela primeira vez um olhar de mulher amorosa —, não sabe também que eu o amo, que me faz sofrer horrivelmente e que devo queixar-me sem me fazer compreender muito, pois de outro modo já seria sua... Mas o senhor não vê nada.

— E não quer fazer-me feliz!

— Armando, eu morreria de dor no dia seguinte.

O general saiu bruscamente; mas, ao encontrar-se na rua, enxugou duas lágrimas que tivera a força de reter.

A religião durou três meses. Expirando esse prazo, a duquesa, enfastiada de suas repetições, entregou Deus de pés e mãos atadas ao amante. Talvez temesse ela, à força de falar na eternidade, perpetuar o amor do general neste mundo e no outro. Para honra dessa mulher, será necessário acreditá-la virgem, mesmo de coração; de outro modo seria horroroso. Ainda bem longe da idade em que o homem e a mulher se encontram ambos muito próximos da vida futura para perderem tempo a discutir seus prazeres, ela estava, sem dúvida, não em seu primeiro amor, mas em seus primeiros gozos. Não podendo comparar o bem e o mal, não tendo passado por sofrimentos que lhe permitissem avaliar os tesouros atirados aos seus pés, brincava com eles. Desconhecendo as resplandecentes delícias da luz, ela se comprazia em permanecer nas trevas. Armando, que começava a entrever aquela bizarra situação, punha esperanças na

primeira palavra da natureza. Pensava, todas as noites, ao sair da casa da sra. de Langeais, que uma mulher não teria aceitado durante sete meses as atenções de um homem e as provas de amor mais ternas e delicadas, não se teria abandonado às exigências superficiais de uma paixão, para iludi-lo no último momento, e esperava pacientemente a estação do sol, convencido de que haveria então de colher-lhe os frutos nas suas primícias.

Compreendera-lhe perfeitamente os escrúpulos de mulher casada e de religiosa. Alegrava-se mesmo com tais combates. Achava a duquesa pudica quando era apenas terrivelmente faceira; e ele não a teria desejado diferente. Gostava, assim, de vê-la levantar obstáculos; pois não triunfava deles, gradualmente? E cada triunfo não aumentava a pequena soma de familiaridades amorosas longamente defendidas, mas concedidas por ela com todas as aparências do amor? Ele, porém, saboreara tanto as ínfimas e progressivas conquistas que são o repasto dos amantes tímidos, que elas se lhe haviam tornado hábitos.

Em matéria de obstáculos, não tinha assim mais que os seus terrores a vencer, pois não via na sua felicidade outro impedimento além dos caprichos daquela que se deixava chamar Antonieta. Resolveu então exigir mais, exigir tudo. Embaraçado como um amante muito moço que não ousa acreditar na diminuição do seu ídolo, hesitou por muito tempo e conheceu as terríveis reações do coração, as vontades firmes que uma palavra aniquila, as decisões tomadas que expiram na soleira de uma porta. Desprezava-se por não ter a coragem de lhe dizer uma palavra e não a dizia. Uma noite, entretanto, através de negra melancolia apresentou a brusca exigência dos seus direitos ilegalmente legítimos. A duquesa não esperou o requisitório do seu escravo para lhe adivinhar o desejo. Um desejo de homem nunca é secreto! Não possuem todas as mulheres a ciência infusa de certas alterações da fisionomia?

— Quê? Quer deixar de ser meu amigo? — disse-lhe interrompendo-o à

primeira palavra, deitando-lhe olhares embelezados por divino rubor que correu como sangue novo sob a sua tez diáfana. — Para recompensar minhas generosidades, quer desonrar-me. Reflita um pouco. Eu já refleti demais; penso constantemente em *nós*. Existe uma proibição feminina à qual não devemos faltar nunca, tal como os homens não devem faltar à honra. Não sei enganar. Se eu lhe pertencesse, não poderia ser de maneira alguma a mulher do sr. de Langeais. Exige o sacrifício de minha posição, de minha categoria, de minha vida a um duvidoso amor que não teve sete meses de paciência. Como! Quer roubar-me a livre disposição de mim mesma! Não, não me fale assim. Não, não diga nada. Eu não quero, eu não posso ouvi-lo.

E a sra. de Langeais tomou a cabeleira nas duas mãos para afastar para trás os tufos de anéis que lhe escaldavam a fronte e pareceu mais animada.

— O senhor vem à casa de uma fraca criatura com cálculos bem delineados, dizendo consigo: “Ela vai me falar do marido durante certo tempo, depois de Deus, depois das consequências inevitáveis do amor; mas usarei, abusarei da influência já conquistada; tornar-me-ei necessário; terei por mim os laços do hábito, os arranjos feitos para o público; enfim, quando a sociedade tiver acabado por aceitar a nossa ligação, serei o senhor dessa mulher”. Seja franco, estes são os seus pensamentos... Ah! Calcula e diz que ama, ufa! Está apaixonado, ah! eu creio! Deseja-me e me quer para amante, eis tudo. Pois bem, não, a *duquesa de Langeais* não descera até lá. Que ingênuas burguesas sejam vítimas de suas falsidades, vá; eu não o serei jamais. Nada me assegura o seu amor. Fala da minha beleza; posso me tornar feia em seis meses, como a princesa minha vizinha. Está encantado com o meu espírito, com a minha graça; meu Deus, há de acostumar-se com eles como se acostumaría ao prazer. Não se habituou aos favores que tive a fraqueza de lhe conceder? Perdida, um dia não me dará outra razão da sua mudança,



além das palavras decisivas: não amo mais. Nobreza, fortuna, honra, toda a duquesa de Langeais mergulhará numa esperança iludida. Terei filhos que atestarão a minha vergonha e... Mas — continuou, esboçando um gesto de impaciência — estou sendo demasiado condescendente em explicar o que sabe melhor do que eu. Vamos! Fiquemos por aqui. Sou felicíssima em poder quebrar os laços que acredita tão fortes. Há então algo de heroico em vir ao palácio de Langeais passar alguns instantes, todas as noites, junto a uma mulher cuja garrulice lhe agradou e com a qual se divertiu como com um brinquedo? Mas vários jovens presumidos aqui vêm, das três às cinco, tão regularmente como o senhor à noite, e esses são bem mais generosos. Caço de deles, suportam muito calmamente as minhas bizarras, minhas impertinências, e me fazem rir, enquanto o senhor, a quem concedo o mais precioso tesouro de minha alma, quer perder-me e me causa mil aborrecimentos. Cale-se, basta — disse ao vê-lo prestes a falar —, não tem nem coração nem alma nem delicadeza. Sei o que quer dizer-me. Pois bem, sim. Prefiro passar a seus olhos como uma mulher fria, insensível, sem compaixão, sem coração mesmo, a passar, aos olhos da sociedade, por uma mulher vulgar, a ser condenada às penas eternas, depois de ser condenada a seus pretendidos prazeres, que acabarão certamente por cansá-lo... O seu amor egoísta não vale tantos sacrifícios.

Estas palavras representam imperfeitamente as que pronunciou a duquesa com a prolixidade de um realejo. E pôde falar por muito tempo; o pobre Armando só opunha, como resposta àquela torrente de notas aflautadas, um silêncio cheio de horríveis pensamentos.

Pela primeira vez entrevia a faceirice daquela mulher e adivinhava, instintivamente, que o amor devotado, o amor compartilhado não calcula, não raciocina assim numa verdadeira mulher. E experimentava uma espécie de vergonha, lembrando-se de ter feito involuntariamente os cálculos cujos odiosos pensamentos lhe eram reprovados. Examinando-se

com angélica boa-fé, só encontrava, de fato, egoísmo nas suas palavras, nas suas ideias, nas respostas concebidas e não expressas. Achou-se sem razão e, no seu desespero, teve ímpetos de precipitar-se pela janela. O *eu* o matava. Que dizer, realmente, a uma mulher que não crê no amor? “Deixe-me provar quanto a amo.” Sempre o *eu*.

Montriveau não sabia, como em tais circunstâncias o sabem os heróis de toucador, imitar o rude lógico, a caminhar diante dos pirronistas que negavam o movimento. Àquele homem audacioso faltava, precisamente, a audácia habitual nos amantes que conhecem as fórmulas da álgebra feminina. Se tantas mulheres, mesmo as mais virtuosas, são presas das pessoas hábeis no amor, às quais o vulgo dá um nome pouco lisonjeiro, talvez seja porque eles são grandes *experimentadores*, e porque o amor quer, não obstante sua deliciosa poesia de sentimento, um pouco mais de geometria do que se imagina. Ora, a duquesa e Montriveau pareciam-se nesse ponto, pois eram igualmente inexperientes no amor.

Ela conhecia-lhe muito pouco a teoria e ignorava-lhe a prática, nada sentia e refletia sobre tudo. Montriveau conhecia pouco a prática, ignorava a teoria e sentia demais para refletir. Ambos sofriam pois a infelicidade dessa situação bizarra.

Naquele momento supremo, as miríades de pensamentos do homem poderiam se resumir neste: “Deixe-se possuir”, frase horrivelmente egoísta para uma mulher a quem essas palavras não traziam lembrança alguma e não revelavam nenhuma imagem. Não obstante, era preciso responder. E, embora tivesse o sangue açoitado por frases em forma de flechas, bem agudas, bem frias, bem aceradas para atirar-lhe uma a uma, Montriveau tinha de esconder a própria cólera, para não perder tudo por uma extravagância.

— Senhora duquesa, desespero-me por não ter Deus inventado para a mulher outro modo de confirmar o dom de seu coração senão acrescentando-lhe o de sua pessoa. O alto preço em que a estimo mostra-

me que não devo avaliá-la em menos. Se me concede sua alma e todos os seus sentimentos, como me afirma, que importa o resto? Ademais, se minha felicidade lhe é tão penoso sacrifício, não falemos mais dela. Perdoará apenas a um homem de coração o sentimento de humilhação ao ver-se tomado por um fraldiqueiro.

O tom da última frase teria, talvez, assustado a outras mulheres; mas, quando uma dessas porta-saias se põe acima de tudo, deixando-se divinizar, nenhum poder terreno sabe ser orgulhoso como ela.

— Senhor marquês, eu me desespero por Deus não ter inventado para o homem modo mais nobre de confirmar o dom do seu coração que a manifestação de desejos prodigiosamente vulgares. Se ao darmos nossa pessoa nos tornamos escravas, o homem a nada se obriga ao nos aceitar. Quem me garante ser sempre amada? O amor que eu empregasse a cada instante, para melhor o prender, seria talvez uma das razões para ser abandonada. Não quero tornar-me uma segunda edição da sra. de Beauséant. Sabe-se nunca o que vos retém junto a nós? Nossa constante frieza é o segredo da constante paixão de alguns dentre vós; para outros é preciso um devotamento perpétuo, uma adoração de todos os momentos; a estes a doçura, àqueles o despotismo. Mulher alguma pôde ainda decifrar os vossos corações.

Houve uma pausa depois da qual ela mudou de tom.

— Enfim, meu amigo, não pode impedir uma mulher de estremecer a esta pergunta: “Serei sempre amada?”. Por duras que sejam, as minhas palavras são ditadas pelo temor de o perder. Meu Deus! Não sou eu, meu caro, quem fala; é a razão: e como se encontra ela numa criatura tão louca como eu? Na verdade não sei.

Ouvir esta resposta começada com a mais acerba ironia e terminada com os acentos mais melodiosos de que uma mulher já se serviu para pintar o amor em toda a sua ingenuidade não era ir, num momento, do martírio ao céu? Montriveau empalideceu e, pela primeira vez na vida, caiu aos pés de

uma mulher. Beijou-lhe a barra do vestido, os pés, os joelhos; mas, para honra do Faubourg Saint-Germain, é necessário que não se revelem os mistérios de seus toucadores, onde se queria tudo do amor, menos o que pudesse provar amor.

— Antonieta querida — exclamou Montriveau no delírio em que o mergulhara o abandono da duquesa que se acreditou generosa em se deixar adorar —, sim, tens razão, não quero que conserves dúvidas. Neste momento eu também temo ser abandonado pelo anjo de minha vida e desejaria inventar para nós laços indissolúveis.

— Ah! — disse ela baixinho —, tu vês, eu tinha razão.

— Deixa-me concluir — continuou Armando —, vou numa só palavra dissipar todos os teus temores. Ouve, se eu te abandonasse, morreria mil mortes. Sê toda minha, dar-te-ei o direito de matar-me sem te trair. Escreverei eu próprio uma carta na qual declararei certos motivos que me constrangiriam a matar-me; porei nela, enfim, minhas últimas disposições. Possuirás esse testamento que legitimará minha morte e poderás assim vingar-te sem nada teres a temer nem de Deus nem dos homens.

— Tenho lá necessidade de tal carta? Se eu houvesse perdido o teu amor, que faria da vida? Se eu te quisesse matar, não saberia seguir-te? Não; agradeço-te a ideia, mas não quero a carta. Pois não poderia eu crer que me serias fiel apenas por medo e o perigo da infidelidade não poderia ser um atrativo para quem entrega assim a sua vida? Armando, o que eu peço é apenas difícil de fazer.

— E que é que queres?

— Tua obediência e minha liberdade.

— Meu Deus — exclamou ele —, sou uma criança.

— Uma criança voluntariosa e mimada demais — disse ela acariciando a espessa cabeleira daquela cabeça que conservava entre os joelhos. — Oh! Sim, bem mais amado do que pensa e entretanto cada vez mais

desobediente. Por que não ficar assim? Por que não sacrificar desejos que me ofendem? Por que não aceitar aquilo que concedo, se é tudo o que eu posso honestamente outorgar? Não é feliz?

— Sim! sim — disse ele —, sou feliz quando não tenho dúvidas. Antonieta, no amor, duvidar não é morrer?

E ele se mostrou de logo o que era e o que são todos os homens sob o ardor dos desejos, eloquente, insinuante. Depois de haver saboreado os prazeres permitidos sem dúvida por um secreto e jesuítico ucasse, a duquesa experimentou aquelas emoções cerebrais cujo hábito lhe tornara o amor de Armando tão necessário quanto lhe eram a sociedade, o baile e a ópera. Ver-se adorada por um homem cuja superioridade, cujo caráter inspiravam medo, fazer dele uma criança, brincar, como Popeia, com um Nero; muitas mulheres, como as esposas de Henrique VIII, pagaram com todo o sangue de suas veias essa perigosa felicidade. E, pressentimento bizarro!, entregando-lhe os lindos cabelos nitidamente louros, nos quais ele gostava de mergulhar os dedos, sentindo a mão pequena daquele homem verdadeiramente grande a acariciá-la, brincando ela própria com os tufo negros da sua cabeleira, naquele toucador onde reinava, a duquesa dizia consigo: “Este homem é capaz de matar-me, se perceber que me divirto com ele”.

O marquês de Montriveau ficou até as duas horas da madrugada junto da amada, que, desde então, não lhe pareceu nem duquesa nem uma Navarreins: Antonieta havia levado o disfarce até parecer mulher. Durante aquela deliciosa noitada, o mais doce prefácio que jamais uma parisiense traçara àquilo que a sociedade chama *uma falta*, foi permitido ao general nela ver, não obstante as denguiques do fingido pudor, toda a beleza de uma mocinha. Pôde ele assim pensar, com alguma razão, que suas tantas questiúnculas caprichosas formavam os véus de que se revestia uma alma celestial, e que seria necessário levantá-los um a um, como aos que envolviam a sua adorável pessoa. A duquesa foi para ele a mais simples, a

mais ingênua das amantes e ele achou-a a mulher dos seus sonhos.

Partiu felicíssimo por tê-la levado a lhe dar tantas provas de amor que lhe parecia impossível não ser dali em diante para ela um secreto esposo cuja escolha era aprovada por Deus. Com esse pensamento, com a candura dos que sentem todas as obrigações do amor saboreando-lhe os prazeres, Armando voltou para casa, lentamente. Seguiu pelo cais para ver o maior espaço possível de céu como que desejando alargar o firmamento e a natureza por se encontrar com o coração inflado. Seus pulmões lhe pareciam inspirar mais ar que na véspera. Caminhando, ele se interrogava e prometia a si mesmo amar tão religiosamente aquela mulher, que ela pudesse encontrar todos os dias uma absolvição de suas faltas sociais numa felicidade constante. Doces agitações de uma vida plena!

Os homens que têm forças bastantes para colorir a alma de um sentimento único sentem infinitos gozos ao contemplar, de relance, uma vida invariavelmente ardente, tal como certos religiosos podem contemplar a luz divina em seus êxtases. Sem a crença na sua perpetuidade, o amor nada seria; a constância o engrandece. Foi assim que, deixando-se avassalar por sua felicidade, Montriveau compreendeu a paixão.

“Somos um do outro para sempre!” Este pensamento era para ele um talismã que realizava todas as aspirações da sua vida. Não indagava da possibilidade de a duquesa mudar, nem se o amor duraria; não, tinha fé, uma das virtudes sem as quais não há vida futura cristã, mas que é talvez mais necessária ainda à sociedade. Pela primeira vez concebia a vida pelos sentimentos, ele que não havia vivido senão pela ação mais exorbitante das forças humanas, o devotamento quase material do soldado.

No dia seguinte o sr. de Montriveau dirigiu-se cedo ao Faubourg Saint-Germain. Tinha uma reunião numa casa vizinha do palácio de Langeais, para onde, concluídos os negócios, se encaminhou como que para a própria casa.

O general ia então na companhia de um homem pelo qual parecia sentir certa aversão ao encontrá-lo nos salões. Era ele o marquês de Ronquerolles, cuja reputação se tornara grande nos toucadores de Paris, homem de espírito, de talento, homem de coragem, sobretudo, e que ditava leis a toda a mocidade de Paris; um gentil-homem cujos êxitos e experiência eram igualmente invejados e ao qual não faltava nem a fortuna nem o bom nascimento, que acrescentam em Paris tanto lustro às qualidades das criaturas em moda.

— Aonde vais? — perguntou o sr. de Ronquerolles a Montriveau.

— À casa da sra. de Langeais. Ah! é verdade, esquecia que te deixaste prender por seu visco. Perdes junto dela um amor que podias bem melhor empregar alhures. Eu poderia indicar-te de momento dez mulheres que valem mil vezes mais que essa cortesã titulada que faz com a cabeça o que outras mulheres mais francas fazem...

— Que dizes, meu caro? — interrompeu Armando. — A duquesa é um anjo de candura.

Ronquerolles desatou a rir.

— Já que chegamos aí, meu caro, devo esclarecer-te. Uma só palavra! Entre nós, ela não terá consequências. A duquesa te pertence? Nesse caso nada tenho a dizer. Vamos, faze-me esta confiança. Trata-se de não perderes o teu tempo, pretendendo enxertar tua bela alma numa natureza ingrata que fará abortar as esperanças da tua cultura.

Depois de Armando ter feito ingenuamente um relato da situação no qual mencionou minuciosamente os direitos que havia tão penosamente obtido, Ronquerolles explodiu num frouxo de riso tão cruel que a qualquer outro teria custado a vida. Mas ao ver de que modo esses dois seres se olhavam e se falavam, sozinhos junto a um muro, tão longe dos homens como poderiam estar no meio de um deserto, era fácil presumir que uma amizade sem limites os unia e que nenhum interesse humano os poderia indispor.

— Meu caro Armando, por que não me disseste que te enredavas com a duquesa? Ter-te-ia dado alguns conselhos que te haveriam permitido levar a cabo essa intriga. Aprende que as mulheres do nosso bairro gostam, como todas as outras, de se banharem no amor; mas querem possuir sem ser possuídas. Elas transigiram com a natureza. A jurisprudência da paróquia lhes permite quase tudo, menos o pecado positivo. As gulodices com que te regala tua linda duquesa são pecados veniais de que ela se lava nas águas da penitência. Mas, se tiveres a impertinência de querer seriamente o grande pecado mortal ao qual deves naturalmente dar a mais alta importância, verás com que profundo desdém a porta do toucador e do palácio te serão incontinentemente fechadas. A terna Antonieta esquecerá logo tudo, serás menos que zero para ela. Teus beijos, meu caro amigo, seriam apagados com a indiferença que uma mulher emprega nas coisas de sua *toilette*. A duquesa passaria uma esponja nas faces para tirá-los como faz para tirar-lhes o *rouge*. Conhecemos bem essa espécie de mulheres, a parisiense pura. Já viste nas ruas uma costureirinha andando



a passos miúdos? Sua cabeça vale uma tela: lindo chapéu, faces frescas, cabelos garridos, sorriso fino. O resto é simplesmente descuidado. Não é bem esse o retrato? Eis aí a parisiense: ela sabe que só a cabeça será vista; para a cabeça pois todos os cuidados, os enfeites, as vaidades. Pois bem, tua duquesa é toda cabeça, não sente senão pela cabeça, tem um coração na cabeça, uma voz na cabeça, é apetitosa pela cabeça. Costumamos chamar essa pobre coisa de uma Laís intelectual. Brinca contigo como uma criança. Se duvidas, podes ter a prova esta tarde, esta manhã, agora mesmo. Sobe até lá, experimenta pedir, exigir imperiosamente o que te recusa; ainda mesmo que te comportes como o falecido marechal de Richelieu, — será indeferido.

Armando estava aniquilado.

— Será que a desejas a ponto de te haveres tornado tolo?

— Quero-a a qualquer preço — exclamou Montriveau, desesperado.

— Pois bem, ouve. Sê tão implacável quanto ela, trata de a humilhar, de espicaçar a sua vaidade; de interessar-lhe não o coração, não a alma, mas os nervos e a linfa dessa mulher ao mesmo tempo nervosa e linfática. Se conseguires despertar-lhe um desejo, estarás salvo. Mas põe de lado tuas belas ideias de criança. Se cederes tendo-a presa em tuas garras de águia, se recuares, se uma das tuas sobrancelhas mover-se, se ela puder pensar ainda em dominar-te, deslizará de tuas unhas como um peixe e escapará para nunca mais se deixar prender. Sê inflexível como a lei. Não tenhas mais piedade que o carrasco. Bate. Quando tiveres batido, bate ainda. Bate sempre como se manejaesses o cnute. As duquesas são duras, meu caro Armando, e certas naturezas de mulher só se enternecem sob os golpes; é o sofrimento que lhes empresta coração, e é obra de caridade bater-lhes. Bate-lhe pois sem cessar. Ah! quando a dor houver abrandado aqueles nervos, amolecido aquelas fibras que acreditas doces e suaves, fará bater-lhe o coração seco, que, com esse jogo, retomará elasticidade; quando o cérebro houver cedido, a paixão talvez penetre nas molas metálicas

daquela máquina de lágrimas, de boas maneiras, de desmaio, de frases derretidas; e verás o mais magnífico dos incêndios se todavia a lareira pegar fogo. Aquele sistema de aço feminino terá o rubro do ferro na forja!, um calor mais durável que qualquer outro e tal incandescência talvez se torne amor. Não obstante, duvido. E a duquesa valerá tantas penas? Aqui entre nós, bem que ela precisaria ser previamente formada por um homem como eu: eu a faria uma mulher encantadora; ela é de raça; entretanto, vocês dois permanecerão sempre no ABC do amor. Mas tu amas e não partilharás neste momento minhas ideias sobre o assunto... Sejam felizes, meus filhos — acrescentou Ronquerolles, depois de uma pausa. — Pronunciei-me em favor das mulheres fáceis; ao menos são ternas, amam ao natural e não põem condimentos sociais. Meu pobre rapaz, uma mulher que negaceia, que só quer inspirar amor? Eh, mas é preciso ter-se uma como a um cavalo de luxo; ver no combate do confessorário contra o canapé, do branco contra o preto, da rainha contra o bispo, dos escrúpulos contra o prazer, uma partida de xadrez muito divertida. Um homem, por menos esperto que seja, sabendo o jogo, dá o *mate* em três lances, facilmente. Se eu assediasse uma mulher desse gênero, teria por alvo...

E disse uma palavra ao ouvido de Armando, deixando-o bruscamente para não ouvir a resposta.

Quanto a Montriveau, saltou de um ímpeto para o jardim do palácio de Langeais, subiu aos aposentos da duquesa e, sem se anunciar, penetrou em sua alcova.

— Mas isto não se faz, Armando — observou ela, fechando às pressas o penhoar —, o senhor é um homem abominável. Vamos, deixe-me, peço-lhe. Saia, saia logo. Espere-me no salão. Vá.

— Anjo querido — disse-lhe ele —, um esposo não tem então privilégio algum?

— É coisa de detestável mau gosto, senhor, seja para um esposo, seja

para um marido, surpreender assim a sua mulher.

Armando chegou-se a ela, tomou-a, apertou-a nos braços:

— Perdoa, minha querida Antonieta, mas mil suspeitas cruéis me trabalham o coração.

— Suspeitas, ora essa!

— Suposições quase justificadas. Se me amasses, estarias assim a ralhar-me? Não estarias contente de me ver? Não terias palpitante o coração? Pois eu, que não sou mulher, experimento íntimo sobressalto ao som de tua voz. O desejo de te saltar ao pescoço, quantas vezes me assaltou num baile.

— Ah! se você suspeita por eu não lhe ter saltado ao pescoço diante de todo o mundo, acho que serei suspeitada toda a vida; mas, perto do senhor, Otelo não passa de uma criança!

— Ali! — exclamou ele —, não sou amado.

— Pelo menos, neste momento, convenhamos que não é amável.

— Então ainda estou por te agradar?

— Ah! penso que sim. Vamos — acrescentou com um arzinho imperativo —, saia, deixe-me. Não sou o senhor: desejo agradar-lhe sempre.

Jamais mulher alguma soube, melhor que a sra. de Langeais, pôr tanta graça numa impertinência; e não será isto duplicar-lhe o efeito? Não é para tornar furioso o homem mais frio? Naquele instante, seus olhos, o som de sua voz, sua atitude demonstraram a perfeita liberdade que nunca se encontra na mulher amorosa em presença daquele cuja simples vista deveria fazê-la palpitar. Posto de sobreaviso pelo marquês de Ronquerolles e ajudado pela rápida introspecção de que momentaneamente são dotadas pela paixão as criaturas menos sagazes, mas que se encontra tão completa nos homens fortes, Armando adivinhou a terrível verdade que o desembaraço da duquesa revelava e o seu coração inflou numa borrasca como um lago prestes a extravasar.

— Se falavas sinceramente ontem, querida Antonieta, sê minha —

exclamou. — Eu a quero...

— Em primeiro lugar — respondeu, repelindo-o com força e calma ao vê-lo adiantar-se —, não me comprometa. Minha criada poderá ouvi-lo. Respeite-me, peço-lhe. Sua familiaridade é muito interessante à noite, em meu toucador; mas aqui, absolutamente. Depois, o que significa seu “eu quero”? Ninguém me disse ainda tal frase. A mim ela me parece ridícula, perfeitamente ridícula.

— Não cederás nada nesse ponto?

— Oh! Chama de ponto a livre disposição de nós mesmos: um ponto capital, com efeito; e me permitirá ser, nesse ponto, completamente senhora de mim.

— E se, confiando em tuas promessas, eu o exigisse?

— Ah! O senhor me provaria que fui tola em fazer-lhe a menor promessa, mas não serei tão tola que a sustente e lhe pedirei que me deixe em paz.

Montriveau empalideceu, quis avançar; a duquesa tocou a sineta e, ao aparecer a criada de quarto, disse, a sorrir, com graça escarninha:

— Tenha a bondade de volver quando eu estiver apresentável.

Armando de Montriveau sentiu então a dureza daquela mulher fria e cortante como o aço, e seu esmagador desprezo. Num momento quebrara ela os laços que só eram fortes para o apaixonado. Lera a duquesa na frente de Armando as exigências secretas daquela visita e julgara chegada a oportunidade de fazer sentir àquele soldado imperial que as duquesas bem podiam se prestar ao amor, mas a ele não se entregavam, e que sua conquista era bem mais difícil que a da Europa.

— Senhora — disse Armando —, não tenho tempo de esperar. Sou, a senhora o disse, uma criança mimada. Quando eu quiser seriamente aquilo de que há pouco falávamos, eu o terei.

— O senhor o terá? — disse ela com ar altivo em que se misturava a surpresa.

— Eu o terei.

— É? Dar-me-á muito prazer em exigí-lo. Pela curiosidade do fato, ficarei encantada em ver como o senhor se arranjará...

— Estou satisfeito — respondeu Montriveau, rindo de modo a atemorizar a duquesa — por ter dado um interesse à sua vida. Permita que venha buscá-la para o baile desta noite?

— Mil agradecimentos. O sr. de Marsay o antecedeu, prometi.

Montriveau saudou gravemente e retirou-se.

“Ronquerolles tem razão”, pensou, “vamos agora jogar uma partida de xadrez.”

A partir daí escondeu suas emoções sob completa calma. Homem algum é suficientemente forte para poder suportar as mutações que fazem a alma passar rapidamente do maior bem a desgraças supremas. Não sentira ele a vida feliz senão para melhor avaliar o vazio de sua existência anterior! Foi uma tempestade horrível; mas sabia sofrer e recebeu o assalto dos pensamentos tumultuosos como um rochedo de granito recebe as vagas do oceano enfurecido.

“Nada pude dizer-lhe; em sua presença falta-me espírito. Ela não sabe até que ponto é vil e desprezível. Ninguém ousou ainda pôr essa criatura em face dela mesma. Sem dúvida iludiu muitos homens, mas a todos vingarei.”

Pela primeira vez decerto, num coração de homem, o amor e a vingança se misturaram tão completamente que seria impossível ao próprio Montriveau saber qual ganharia, se o amor, se a vingança. Foi naquela noite ao baile onde devia estar a duquesa de Langeais e quase desesperou de aguardar aquela mulher à qual se viu tentado a atribuir algo de demoníaco: mostrou-se para ele graciosa e cheia de amáveis sorrisos, não desejando, sem dúvida, deixar parecer à sociedade que se comprometera com o sr. de Montriveau.

Um arrufo mútuo trairia o amor. Mas nada mudando em suas maneiras, enquanto o marquês se mostrava sombrio e magoado, não era prova de

que Armando nada obtivera dela? A sociedade sabe bem adivinhar a infelicidade dos homens desdenhados e não a confunde absolutamente com as indisposições que certas mulheres ordenam que os amantes finjam na esperança de esconder o mútuo amor.

Todos mofavam de Montriveau, que, não tendo consultado seu cornaca, permaneceu pensativo e sofredor, quando o sr. de Ronquerolles lhe teria prescrito possivelmente que procurasse comprometer a duquesa, respondendo aos seus falsos gestos de amizade com demonstrações apaixonadas. Armando de Montriveau deixou o baile, com horror da natureza humana e mal acreditando ainda em tão completa perversidade.

“Se não há cadafalsos para semelhantes crimes”, dizia-se, contemplando o assoalho luminoso dos salões em que dançavam, falavam e riam as mulheres mais sedutoras de Paris, “eu te pegarei pela nuca, duquesa, e te farei experimentar um ferro mais afiado que o da guilhotina. Aço contra aço, veremos que coração será mais cortante”.

### **III — A MULHER VERDADEIRA**

Durante uma semana, mais ou menos, a sra. de Langeais esperou rever o marquês de Montriveau, mas Armando se contentou em mandar todas as manhãs seu cartão ao palácio de Langeais. Cada vez que o cartão era entregue à duquesa, ela não podia deixar de estremecer, assaltada por pensamentos sinistros mas indistintos como um pressentimento de desgraça. Ao ler-lhe o nome, parecia-lhe algumas vezes sentir nos cabelos a mão poderosa daquele homem implacável; de outras, prognosticava-lhe ele vinganças que seu móvel espírito representava atozes. Ela o havia estudado muito bem para que não o temesse. Seria assassinada? Aquele homem de pescoço de touro iria estripá-la, lançando-a para trás por cima da cabeça? Pisá-la-ia aos pés? Quando, onde, como a assaltaria? Fá-la-ia sofrer muito, e que gênero de suplício imaginaria impor-lhe? Arrependia-

se. A certas horas, se ele aparecesse, ter-se-ia atirado a seus braços com completo abandono. Todas as noites, ao adormecer, revia a fisionomia de Montriveau sob aspecto diferente. Às vezes o seu sorriso amargo; de outras, a contração jupiteriana de suas sobrancelhas, o seu olhar de leão, ou qualquer altivo movimento de ombros, que o faziam parecer terrível. Noutra dia o cartão se lhe afigurava coberto de sangue. Vivia agitada por aquele nome, mais do que o fora pelo amante fogoso, obstinado e exigente. E suas apreensões tornavam-se maiores no silêncio; via-se obrigada a preparar-se, sem auxílio alheio, para uma luta horrorosa de que lhe não era permitido falar.

Aquela alma altaneira e dura era mais sensível às titilações do ódio do que, antes, às carícias do amor. Ah! se o general tivesse podido vê-la nos momentos em que se acumulavam as rugas entre as suas sobrancelhas, mergulhada em amargas reflexões, no fundo daquele toucador onde saboreara tantas alegrias, talvez tivesse concebido grandes esperanças. Não é a altivez um dos sentimentos humanos que só podem gerar nobres ações? Embora a sra. de Langeais guardasse o segredo de seus pensamentos, era permitido supor que o sr. de Montriveau não lhe fosse mais indiferente. Não é uma imensa conquista para o homem ocupar o pensamento de uma mulher? Nela, necessariamente, deveria haver então um progresso, num sentido ou noutra.

Ponde uma criatura feminina sob as patas de um cavalo furioso, em face de qualquer animal terrível; cairá, certamente, de joelhos e esperará a morte; mas se o animal amansar, se não a matar de todo, ela amará o cavalo, o leão, o touro, falar-lhe-á calmamente. A duquesa se sentia sob as patas do leão: tremia, mas não odiava. As duas criaturas, tão singularmente colocadas em face uma da outra, encontraram-se por três vezes, durante aquela semana, na sociedade.

Em todas elas, a duquesa recebera de Armando, como resposta a perguntas faceiras, cumprimentos respeitosos e sorrisos cheios de ironia

tão cruel que confirmavam todos os temores inspirados de manhã pelo cartão de visita. A vida não é senão aquilo que dela fazem os nossos sentimentos e os sentimentos haviam cavado abismos entre aqueles dois seres.

A condessa de Sérisy, irmã de Ronquerolles, daria, no começo da semana seguinte, um grande baile ao qual deveria comparecer a sra. de Langeais. A primeira figura que se deparou à duquesa, ao chegar, foi a de Armando. Armando a esperava desta vez, ou pelo menos ela o pensou. Trocaram um olhar. Um suor frio brotou repentinamente dos poros da mulher.

Acreditara Montriveau capaz de alguma vingança inaudita proporcionada à sua importância: tal vingança fora achada, estava próxima, aquecia-se, fervia. Os olhos do amante iludido lançavam-lhe fulgores de raio e seu rosto resplandecia de ódio feliz. Também, malgrado a vontade que tinha a duquesa de exprimir frieza e impertinência, seu olhar se conservou tristonho. Foi colocar-se junto da condessa de Sérisy, que não pôde conter-se:

— Que tens, minha querida Antonieta? Estás de fazer medo.

— Uma contradança me fará bem — respondeu dando a mão a um jovem que se dirigia a ela.

A sra. de Langeais pôs-se a valsar com uma espécie de furor e arrebatamento que redobrou a gravidade do olhar de Montriveau, que permanecia de pé, à frente dos que se entretinham a ver os que dançavam. Cada vez que a amante passava diante dele, seus olhos mergulhavam naquela cabeça que rodopiava, como os de um tigre em sua presa. Terminada a valsa, foi a duquesa sentar-se ao lado da condessa sem que o marquês afastasse dela os olhos, embora palestrasse com um desconhecido.

— Senhor — dizia-lhe —, uma das coisas que mais me chocaram nessa viagem...

A duquesa era toda ouvidos.



— ... foi a frase que o guarda de Westminster pronuncia ao mostrar-nos o machado com que, dizem, um homem mascarado cortou a cabeça de Carlos I, em memória do rei que a disse a um curioso.

— Que disse ele? — perguntou a sra. de Sérisy.

— *Não toque no machado* — respondeu Montriveau num tom de voz em que havia ameaça.

— Na verdade, senhor marquês — disse a duquesa de Langeais —, contempla meu pescoço com ar tão melodramático, repetindo essa velha história, conhecida de quantos vão a Londres, que me parece vê-lo de machado em punho.

Estas últimas palavras foram pronunciadas a rir, embora um suor frio inundasse a duquesa.

— Mas esta história é, nesta circunstância, muito nova — respondeu ele.

— Como? Peço-lhe, por obséquio, que me explique...

— É que, madame, a senhora tocou no machado...

— Que arrebatadora profecia! — retrucou ela sorrindo, com afetada graça. — E quando deve cair a minha cabeça?

— Não desejo ver rolar sua linda cabeça, madame. Temo apenas para si uma grande desgraça. Se lhos cortassem, não lamentaria esses cabelos tão deliciosamente louros, de que tira tão bom partido?...

— Mas há pessoas às quais as mulheres gostam de fazer tais sacrifícios e às vezes até a homens que não lhes sabem desculpar um movimento de humor.

— De acordo. Então, se, repentinamente, por um processo químico, um gracejador lhe roubasse a beleza, reduzindo-a a cem anos, quando não tem para nós mais que dezoito?

— Mas, senhor — disse ela, interrompendo-o —, a varíola é a nossa batalha de Waterloo. Após ela conhecemos os que nos amam de verdade.

— Não lamentaria esse adorável rosto que...

— Ah! muitíssimo; não porém por mim, mas por aquele de quem era ele a alegria. Entretanto, se eu fosse sinceramente amada, sempre, muito, que me importaria a beleza? Que dizes, Clara?

— Que é uma especulação perigosa — respondeu a sra. de Sérisy.

— Poder-se-ia perguntar a sua majestade o rei dos feiticeiros — continuou a sra. de Langeais — quando foi que cometi a falta de tocar no machado, eu que ainda não fui a Londres?

— *Non so!* — disse ele, deixando escapar um riso de mofa.

— E quando começará o suplício?

Montriveau tirou friamente o relógio, e verificou a hora com uma convicção realmente assustadora:

— Não findará a noite sem que lhe aconteça uma horrível desgraça...

— Não sou uma criança que se possa facilmente espavorir, ou melhor, sou uma criança que não conhece o perigo — disse a duquesa — e que vai dançar sem medo à borda do abismo.

— Estou encantado, senhora, por ver na senhora tanto caráter — retrucou ele ao vê-la tomar lugar numa quadrilha.

Não obstante seu aparente desdém pelas negras predições de Armando, a duquesa fora invadida por verdadeiro terror. A opressão moral e quase física sob que a mantinha o amante apenas cessou quando ele deixou o baile. Mas, depois de ter gozado por um momento o prazer de respirar à vontade, surpreendeu-se a ter saudades das emoções do medo, tanto a natureza feminina é ávida de sensações extremas.

Aquela saudade não era amor, mas pertencia, sem dúvida, aos sentimentos que o preparam. Depois, como se a duquesa sentisse de novo o efeito que o sr. de Montriveau lhe fazia experimentar, lembrou-se do ar de convicção com que ele vira as horas e, tomada de pavor, retirou-se.

Era, mais ou menos, meia-noite. Aquele, dentre os seus criados, que a esperava ajudou-a a pôr a peliça e caminhou à sua frente para fazer avançar a carruagem; tomando nela assento, caiu numa cisma muito

natural, provocada pela predição do sr. de Montriveau. Chegada ao seu pátio, entrou num vestíbulo quase igual ao de seu palácio, mas, de repente, não reconheceu a sua escadaria; e, no momento em que se voltava para chamar os criados, vários homens a assaltaram rapidamente, meteram-lhe um lenço na boca, amarraram-lhe as mãos e os pés e a transportaram. Ela se pôs a gritar.

— Madame, temos ordem de matá-la, se gritar — disse-lhe um deles ao ouvido.

O pavor da duquesa foi tão grande que ela não pôde jamais compreender por onde nem como foi transportada. Quando recuperou os sentidos encontrou-se de pés e mãos atadas com cordões de seda, deitada sobre o canapé de um quarto de solteiro. Não pôde reter um grito ao encontrar os olhos de Armando de Montriveau, que, tranquilamente sentado numa poltrona e envolto no seu chambre, fumava um charuto.

— Não grite, senhora duquesa — disse ele, tirando friamente o charuto da boca —, estou com dor de cabeça. Vou, aliás, desatá-la. Mas ouça bem o que tenho a honra de dizer-lhe. — Desatou delicadamente os cordões que apertavam os pés da duquesa. — Para que serviriam seus gritos? Ninguém os pode ouvir. A senhora é muito bem-educada para fazer caretas inúteis. Se não se conservar quieta, se desejar lutar comigo, eu lhe atarei de novo pés e mãos. Creio que, tudo bem considerado, há de respeitar-se o suficiente para permanecer nesse canapé, como se estivesse em sua casa, no seu; fria ainda, se quiser... Fez-me derramar sobre esse canapé muito pranto que eu escondia a todos os olhos.

Enquanto Montriveau falava, a duquesa deitou em torno esse olhar de mulher, olhar furtivo que sabe ver tudo mesmo parecendo distraído. Gostou muito daquele quarto bastante semelhante à cela de um monge. A alma e o pensamento do homem ali pairavam. Nenhum ornamento alterava a pintura gris das paredes nuas. Por terra havia um tapete verde. Um canapé preto, uma mesa coberta de papéis, duas poltronas; a cômoda

ornada com um despertador, um leito muito baixo, sobre o qual estava estendida uma colcha vermelha bordada com uma grega preta, anunciavam pelo arranjo os hábitos de uma vida reduzida à mais simples expressão. Um tríplice castiçal posto sobre a lareira lembrava, pela forma egípcia, a imensidade dos desertos pelos quais o homem errara por tanto tempo. Ao lado do leito, entre os pés deste, que enormes patas de esfinge deixavam adivinhar sob as pregas do estofado, e uma das paredes laterais da alcova, via-se uma porta oculta por um reposteiro verde com franjas vermelhas e negras, que grossas argolas fixavam a uma lança.

A porta pela qual haviam entrado os desconhecidos tinha uma guarnição semelhante, mas levantada por uma braçadeira. No último olhar que a duquesa lançou aos reposteiros para os comparar, percebeu que a porta próxima ao leito estava aberta e que clarões avermelhados produzidos na outra peça se desenhavam sob as franjas inferiores. Sua curiosidade viu-se naturalmente excitada por aquela luz triste, que apenas lhe permitiu distinguir nas trevas algumas formas bizarras; em tal momento, porém, não pensou que o perigo poderia vir-lhe dali e quis satisfazer um interesse mais ardente.

— Senhor, é indiscrição perguntar-lhe que pretende fazer de mim? — disse com impertinência e ironia ferinas.

Pensava a duquesa ter adivinhado um amor excessivo nas palavras de Montriveau. Ademais, para raptar uma mulher não é necessário adorá-la?

— Nada absolutamente, madame — respondeu soprando com graça a última baforada. — Está aqui por pouco tempo. Quero primeiro explicar-lhe o que a senhora é e o que sou eu. Quando se enrosca sobre o divã do seu toucador, não encontro palavras para as minhas ideias. Além disso, em sua casa, ao menor pensamento que lhe desagrade, puxa o cordão da sineta, grita bem alto e põe o seu amante à porta como se fosse o último dos miseráveis. Aqui, tenho o espírito livre. Aqui, ninguém pode lançar-me à porta. Aqui, será minha vítima por alguns instantes e terá a extrema

bondade de ouvir-me. Nada tema. Não a raptei para lhe dirigir injúrias, para obter por violência o que não soube merecer, o que não quis outorgar-me graciosamente. Isso seria uma indignidade. A senhora, talvez, conceba a violação; eu não a concebo.

Lançou, com um movimento brusco, o charuto ao fogo.

— Madame, o fumo sem dúvida a incomoda?

Imediatamente levantou-se, tomou na lareira uma caçoula aquecida e queimou perfumes, purificando o ar. O espanto da duquesa só se podia comparar à sua humilhação. Estava em poder daquele homem e aquele homem não queria abusar do seu poder. Seus olhos, não há muito flamejantes de amor, via-os calmos e fixos como estrelas. Estremeceu. E o terror que Armando lhe inspirava aumentou por uma dessas sensações petrificantes, análogas às agitações sem movimento, sentidas nos pesadelos. Permaneceu paralisada pelo terror, acreditando ver o clarão por trás do reposteiro aumentar de intensidade sob o sopro de um fole. Repentinamente os reflexos se fizeram mais vivos e iluminaram três pessoas mascaradas. A visão horrível se desvaneceu tão rapidamente que ela a tomou por ilusão de óptica.

— Madame — continuou Armando contemplando-a com desdenhosa frieza —, um minuto, um só me bastará para atingi-la em todos os momentos de sua vida, única eternidade de que posso dispor. Não sou Deus. Ouça-me bem — disse, fazendo uma pausa para dar solenidade às palavras. — O amor corresponderá sempre aos seus anelos; a senhora tem sobre os homens um poder sem limites; mas lembre-se de que um dia chamou o amor: ele veio puro e cândido, tanto quanto o pode ser neste mundo; tão respeitoso quão violento; carinhoso como o amor de uma mulher devotada ou como o de uma mãe pelo filho; tão grande, enfim, que era uma loucura. Zombou desse amor, cometeu um crime. O direito de toda mulher é recusar-se a um amor a que não pode corresponder. O homem que ama sem fazer-se amado não deveria ser lamentado e não tem

o direito de lamentar-se. Mas, senhora duquesa, atrair a si, com fingido sentimento, um infeliz privado de toda afeição, fazer-lhe entrever a ventura em toda a sua plenitude, para lha arrebatá-lo, roubar-lhe o seu futuro de felicidade; matá-lo não apenas hoje, mas na eternidade de sua vida, envenenando-lhe todas as suas horas e todos os seus pensamentos, eis o que eu denomino um espantoso crime!

— Senhor...

— Não posso ainda permitir-lhe que me responda. Ouça-me, pois, ainda. Tenho, aliás, direitos sobre a senhora; mas não quero mais que os do juiz sobre o criminoso, a fim de despertar sua consciência. Se não tivesse mais consciência, eu não a censuraria; mas é tão jovem! Apraz-me pensar que deve sentir ainda a vida do coração. Se eu a acredito bastante depravada para cometer um crime não punido pelas leis, não a tenho por tão degradada que não compreenda o alcance de minhas palavras. Reconheço.

Naquele momento, a duquesa ouviu o ruído surdo de um fole, com o qual os desconhecidos que acabava de entrever atiçavam, sem dúvida, o fogo cujo clarão se projetou na cortina; mas o olhar fulgurante de Montriveau a obrigou a permanecer palpitante e de olhos fixos à sua frente. Qualquer que fosse a sua curiosidade, o fogo das palavras de Armando interessava mais que a voz daquele fogo misterioso.

— Madame — disse ele após uma pausa —, quando, em Paris, o carrasco deve pôr a mão num pobre assassino, ele o deita sobre uma prancha onde a lei quer que o assassino seja estendido para que lhe cortem a cabeça... Sabe, os jornais previnem disso os ricos e os pobres, a fim de avisar a uns que podem dormir tranquilos, e a outros que se cuidem para viver. Pois bem, a senhora, que é religiosa, até mesmo um pouco devota, mandaria rezar missas por tal homem: é da família; mas é do ramo mais antigo, do que pode reinar em paz, existir feliz e sem cuidados. Levado pela miséria ou pela cólera, seu irmão de galés apenas matou um homem; e a senhora?

A senhora matou a felicidade de um homem, sua vida mais bela, suas crenças mais caras. O outro, muito ingenuamente, esperou sua vítima; matou-a a contragosto, de medo; mas a senhora?... A senhora acumulou todas as atrocidades da fraqueza contra a força inocente; amansou o coração de sua vítima para melhor o devorar; cevou-o de carícias, não omitindo nenhuma das que o podiam fazer supor, sonhar, desejar as delícias do amor. Pediu-lhe mil sacrifícios para recusá-los todos. Fez-lhe ver bem a luz antes de lhe vazar os olhos. Admirável coragem! Tais infâmias são um luxo que não pode ser compreendido por essas burguesas de que zomba. Elas sabem dar-se e perdoar; sabem amar e sofrer. Fazem-nos pequenos pela grandeza de sua dedicação. À medida que se sobe na sociedade, encontra-se mais lama do que a que havia embaixo; é apenas mais dura e dourada. Sim, para encontrar-se a perfeição na ignomínia, é preciso uma boa educação, um grande nome, uma mulher bonita, uma duquesa. Para cair abaixo de tudo é preciso estar acima de tudo. Digo-lhe mal o que penso, sofro ainda demais pelas feridas que me fez; mas não pense que me lamento! Não. Minhas palavras não exprimem esperança pessoal alguma, não contêm nenhuma amargura; saiba, madame, e bem, que eu a perdoo e este perdão é tão completo que não lamentará ter vindo buscá-lo contra a vontade... Apenas poderia abusar de outros corações tão jovens como o meu e devo poupar outras dores. Inspirou-me assim um pensamento de justiça. Expie sua culpa aqui na terra, Deus talvez a perdoe; são os meus votos; mas Ele é implacável, e, antes, a castigará.

A essas palavras os olhos da mulher abatida, desfeita, se encheram de lágrimas.

— Por que chora? Permaneça fiel à sua natureza. Não contemplou sem emoção as torturas do coração que dilacerava? Basta, senhora, console-se. Eu não posso mais sofrer. Outros lhe dirão que a senhora lhes deu a vida, eu só posso dizer, com delícia, que me deu o nada. Talvez adivinhe que já

não me pertenço, que devo viver para os meus amigos, que terei de sofrer assim a gelidez da morte e os pesares da vida ao mesmo tempo. Teria tanta bondade? Seria como os tigres do deserto que rasgam a chaga para depois lambê-la?

A duquesa fundia-se em lágrimas.

— Poupe-me seu pranto, senhora. Se eu nele acreditasse seria apenas para desconfiar. É ou não é um dos seus artifícios? Depois dos tantos que empregou, como pensar que possa haver nele algo de sincero? Nada que me venha da senhora tem mais o poder de comover-me. E está dito tudo.

A sra. de Langeais levantou-se com um movimento cheio ao mesmo tempo de nobreza e humildade.

— Tem o direito de me tratar duramente — disse estendendo ao marquês uma mão que ele não tomou. — Suas palavras não são suficientemente duras e eu mereço esta punição.

— Eu puni-la, senhora! Mas punir não é amar? Não espere de mim qualquer coisa que se pareça com um sentimento. Poderia fazer-me, em causa própria, acusador e juiz, promotor e carrasco; mas não. Cumprirei daqui a pouco um dever e não absolutamente um desejo de vingança. A mais cruel das vinganças é, a meu ver, o desprezo de uma vingança possível. E quem sabe? Serei talvez o ministro de seus prazeres. Doravante, vestindo elegantemente a triste libré com que a sociedade reveste os criminosos, talvez seja forçada a ter a sua probidade. E, então, há de amar!

A duquesa ouvia com uma submissão que não era mais representada nem faceiramente calculada; e só tomou a palavra depois de um intervalo de silêncio.

— Armando — disse —, penso que, resistindo ao amor, eu obedecia a todos os pudores da mulher, e não seria do senhor que esperaria tais recriminações. Arma-se de todas as minhas fraquezas para transformá-las em crimes. Então não imaginou que eu pudesse ser levada além dos meus deveres, pelas curiosidades todas do amor, e no dia seguinte me visse



aflita e desolada por ter ido longe demais? Ai de mim! Era pecar por ignorância. E havia, juro-lhe, tanta boa-fé em meus erros como nos meus remorsos. Minhas durezas traíam mais amor que as minhas complacências. Além disto, de que se queixa? O dom do meu coração não lhe bastou, exigiu brutalmente minha pessoa...

— Brutalmente! — exclamou o sr. de Montriveau. Mas pensou consigo mesmo: “Se me deixo levar à disputa de palavras, estou perdido”.

— Sim, chegou à minha casa como à de uma dessas mulheres de má fama, sem respeito, sem nenhuma das atenções do amor. Não tinha eu o direito de refletir? Pois bem! Refleti. A inconveniência da sua conduta é desculpável, era o amor o seu princípio; permita-me acreditá-lo e justificá-lo perante mim mesma. Pois bem, Armando, no próprio instante, esta noite, em que me predizia uma desgraça, eu acreditava em nossa felicidade. Sim, tinha confiança nesse caráter nobre e altivo de que me deu tantas provas... E eu me sentia toda tua — acrescentou inclinando-se para o ouvido de Montriveau. — Sim, sentia não sei que desejo de tornar feliz um homem tão violentamente castigado pela adversidade. Senhor por senhor, queria um grande homem. Quanto mais alta me sentia, mais queria descer. Confiante em ti, via uma vida inteira de amor no instante em que me mostravas a morte. A força não existe sem bondade. És, meu amigo, muito forte para te fazeres mau para uma pobre mulher que te ama. Se errei, não posso obter perdão? Não posso reparar meus erros? O arrependimento é a graça do amor e eu quero ser bem graciosa para ti. Por que só eu não poderia ter, como todas as outras mulheres, as incertezas, os temores, a timidez, que é tão natural experimentar-se quando se trata de toda nossa vida, e de laços que os homens quebram tão facilmente? Essas burguesas às quais me comparas dão-se, mas resistem. Pois bem! Eu resisti, mas eis-me aqui... Meu Deus! Ele não me ouve! — exclamou, interrompendo-se. Torceu as mãos gritando: — Mas eu te amo! Eu sou tua!

Caiu de joelhos aos pés de Armando.

— Tua, tua, meu único senhor!

— Senhora — disse Armando, tentando erguê-la. — Antonieta não pode salvar a duquesa de Langeais. Não creio mais nem numa nem noutra. A senhora se entregaria hoje para se recusar amanhã. Poder algum do céu ou da terra me garantirá a submissa fidelidade de seu amor. Seu possível penhor é o passado; e nós não temos passado.

Naquele instante, brilhou tão vivamente um clarão que a duquesa não pôde deixar de voltar-se para a porta e viu desta vez nitidamente os três homens mascarados.

— Armando — observou ela —, eu não desejaria menosprezá-lo. Mas que fazem aqui esses homens? Que prepara contra mim?

— Aqueles homens serão tão discretos quanto eu sobre o que se vai passar aqui. Não deve ver neles mais que os meus braços e o meu coração. Um deles é cirurgião...

— Um cirurgião? Meu amigo, a incerteza é a mais cruel das dores. Fale-me, diga-me se deseja a minha vida: eu a darei, não me será tirada.

— Não me compreendeu então? Não lhe falei de justiça? Vou explicar — acrescentou friamente, tomando um pedaço de ferro que estava em cima da mesa — para que cessem as suas apreensões o que decidi a seu respeito.

Mostrou-lhe uma cruz de Lorena adaptada à ponta de uma haste de aço.

— Dois dos meus amigos aquecem ao rubro, neste instante, uma cruz cujo modelo é este. Nós a aplicaremos aí, entre os dois olhos, para que não lhe seja possível ocultá-la com alguns diamantes e fugir assim às interrogações do mundo. Terá, assim, na fronte a marca infamante que se aplica na espádua dos seus irmãos os forçados. O sofrimento é pequeno, mas eu temia alguma crise nervosa ou uma resistência...

— Resistência?! — disse ela batendo as mãos de alegria —, não, não, quisera ver aqui neste instante a terra inteira. Ah! meu Armando, marca, marca depressa a tua criatura como uma mísera coisa tua! Exigias um

penhor do meu afeto. Mas eis aí todos num só. Ah! Só vejo clemência e perdão, só felicidade eterna em tua vingança... Quando tiveres marcado assim uma mulher como tua, quando possúres uma alma escrava portadora de tua marca vermelha, não a poderás abandonar, serás meu para sempre. Isolando-me do mundo, tomarás a teu cargo a minha felicidade, sob pena de seres um covarde, e eu te sei nobre, grande! Mas a mulher que ama se marca por si mesma. Venham, senhores, entrem e marquem, marquem a duquesa de Langeais. Ela pertence ao marquês de Montriveau. Entrem depressa, minha fronte arde mais que o seu ferro!

Armando voltara-se rapidamente para não ver a duquesa ajoelhada, palpitante. Disse uma palavra que fez com que desaparecessem os seus três amigos. As mulheres habituadas à vida dos salões conhecem os jogos de espelhos. E a duquesa, interessada em ler o coração de Armando, era toda olhos. Montriveau, que não desconfiava do espelho, deixou correr duas lágrimas rapidamente enxugadas. Todo o futuro da duquesa estava naquelas duas lágrimas. Ao voltar-se para erguer a sra. de Langeais, encontrou-a de pé; ela se julgava amada.

E foi palpitante que ela ouviu Montriveau dizer-lhe, com a firmeza que tão bem sabia ostentar, mesmo quando ela zombava dele:

— Perdoo-lhe, senhora. Pode acreditar-me, esta cena será como se nunca houvesse acontecido. Mas aqui diremos adeus. Prefiro pensar que foi franca em suas faceirices, no seu canapé, e franca aqui em suas efusões. Adeus. Não tenho mais confiança. A senhora me atormentaria sempre, seria sempre duquesa, e... mas adeus, não nos entenderemos nunca. Que deseja agora? — perguntou tomando ares de mestre de cerimônias. — Voltar para casa ou retornar ao baile da sra. de Sérisy? Fiz todo o possível para conservar sua reputação intata. Nem os seus criados nem a sociedade podem saber coisa alguma do que se passou entre nós neste quarto de hora. Os seus criados pensam que está no baile; o seu carro não deixou o pátio da sra. de Sérisy; o seu *coupé* se encontra igualmente no de seu

palácio. Onde deseja estar?

— Qual é o seu conselho, Armando?

— Não existe mais Armando, senhora duquesa. Somos estranhos um ao outro.

— Conduza-me então ao baile — disse ela curiosa de pôr à prova mais uma vez o poder de Armando. — Restitua ao inferno da sociedade a criatura que lá sofria e que lá deve continuar a sofrer, já que para ela não há mais felicidade. Oh! meu amigo, eu o amo; entretanto, como amam as burguesas. Amo-o a ponto de saltar-lhe ao pescoço em pleno baile, diante de todo o mundo, se o quiser. Esse mundo horrível não me corrompeu. Sou jovem e acabo de rejuvenescer ainda mais. Sim, sou uma criança pequenina; acabas de me criar. Oh! não me expulses do meu Éden!

Armando fez um gesto.

— Ah! Se tenho de sair, deixa-me levar daqui alguma coisa, um nada!, isto, para pôr esta noite sobre o meu coração — disse ela apoderando-se de um barrete de Armando, que meteu no seio. — Não — continuou —, não sou desse mundo de mulheres depravadas; não o conheces e portanto não me podes julgar; sabe-o pois! Há ali as que se dão por dinheiro e as que são sensíveis aos presentes; tudo ali é infame. Ah! eu quisera ser uma simples burguesa, uma operária, se gostas mais das mulheres que estejam abaixo de ti do que de uma mulher na qual a dedicação se alia às grandezas humanas. Ah! meu Armando, há, entre nós, nobres, grandes, castas, puras mulheres, e elas são então deliciosas. Desejaria possuir todas as nobrezas para sacrificá-las todas a ti, a infelicidade me fez duquesa; quisera ter nascido junto ao trono; não faltaria nada para sacrificar-te. Seria uma *grisette* para ti, rainha para os outros.

Ele ouvia, a umedecer os charutos.

— Quando quiser partir — disse — previna...

— Mas eu quero ficar...

— Isso é outra coisa!

— Vês, este estava mal preparado! — exclamou, apoderando-se do charuto e devorando o que os lábios de Armando nele haviam deixado.

— Eras capaz de fumar? — perguntou.

— Oh! O que não faria eu para te agradar!

— Pois bem, retire-se, madame.

— Obedeço — disse ela, chorando.

— É preciso vendar-lhe os olhos para que não veja o caminho.

— Estou pronta, Armando — disse ela atando as pontas de um lenço.

— Vê?

— Não.

Ele se pôs silenciosamente de joelhos.

— Ah! Eu te ouço — disse ela deixando escapar um gesto cheio de gentileza, acreditando que o fingido vigor ia cessar.

Ele fez menção de beijar-lhe os lábios e ela avançou.

— Está vendo, senhora.

— Mas sou um nada curiosa.

— Engana-me sempre!

— Oh! — disse ela, com o furor da grandeza posta em dúvida —, tire-me o lenço e conduza-me, senhor, não abrirei os olhos.

Armando, certo da proibidade cujo grito ouvira, guiou a duquesa, que, fiel à sua palavra, se fez nobremente cega; mas levando-a paternalmente pela mão, já para fazê-la subir, já para obrigá-la a descer, Montriveau estudava as vivas palpitações que agitavam o coração daquela mulher tão prontamente tomada de um amor verdadeiro. A sra. de Langeais, feliz de poder-lhe assim falar, comprazeu-se em dizer-lhe tudo, ele porém permaneceu inflexível; e, quando a mão da duquesa interrogava, a sua permanecia muda. Afinal, depois de caminharem juntos por algum tempo, Armando disse-lhe que avançasse, ela deu alguns passos e percebeu que ele impedia que o seu vestido roçasse as paredes de uma abertura sem dúvida estreita. A sra. de Langeais sentiu-se comovida por tal

cuidado, que trazia ainda um pouco de amor, mas esse foi como que o adeus de Montriveau, que a deixou sem dizer palavra.

Sentindo-se numa atmosfera tépida, a duquesa abriu os olhos. Estava só diante da lareira do toucador da condessa de Sérisy. Seu primeiro movimento foi o de corrigir a desordem da *toilette*; rapidamente reajustou o vestido e restabeleceu a poesia do penteado.

— Oh! minha querida Antonieta, nós te procurávamos por toda parte — disse a condessa, abrindo a porta do *boudoir*.

— Vim respirar aqui um pouco; fazia, nos salões, um calor insuportável.

— Pensávamos que tivesses saído; mas meu irmão Ronquerolles me disse que teus criados estavam à espera.

— Estou aniquilada, minha querida, deixa-me repousar um momento aqui.

A duquesa sentou-se no divã.

— Que tens? Estás toda trêmula.

O marquês de Ronquerolles entrou.

— Receio, madame, que lhe aconteça qualquer acidente. Acabo de ver seu cocheiro completamente embriagado.

A duquesa não respondeu; contemplava a lareira, os espelhos, procurando traços de sua passagem; sentia uma sensação extraordinária ao ver-se em meio das alegrias do baile depois da terrível cena que acabava de dar outro curso à sua vida. Pôs-se a tremer violentamente.

— Tenho os nervos desfeitos pela predição que há pouco me fez o sr. de Montriveau. Embora não passe de brincadeira, vou ver se o machado de Londres não me vem perturbar o sono. Adeus, pois, minha cara. Adeus, senhor marquês.

Atravessou os salões onde a fizeram parar cumprimentadores que lhe inspiraram piedade. Achou pequena a sociedade de que era rainha, ela que se sentia tão humilhada e tão pequena. O que eram, aliás, os homens diante daquele a quem amava verdadeiramente e cujo caráter retomara as

proporções gigantescas, momentaneamente diminuídas por ela, mas que agora ela talvez aumentasse desmesuradamente?

Ao avistar o criado que a tinha acompanhado, percebeu que dormia a sono solto.

— Você não saiu daqui? — perguntou.

— Não, senhora.

Subindo para a carruagem, viu que, realmente, o cocheiro estava num estado de embriaguez que lhe teria causado medo, noutras circunstâncias. Mas os grandes abalos da vida tiram ao medo seus motivos vulgares. Chegou aliás sem acidente à casa; mas viu-se ali mudada, presa de sentimentos totalmente novos. Para ela não havia mais que um homem no mundo, isto é, que só para ele desejava dali por diante ter algum valor. Se os fisiologistas podem prontamente definir o amor baseados nas leis da natureza, os moralistas veem-se bem embaraçados em o explicar quando querem considerá-lo em todo o desenvolvimento que lhe deu a sociedade. Não obstante, existe, malgrado as heresias das mil seitas que dividem a igreja amorosa, uma linha reta e nítida que separa claramente suas doutrinas, uma linha que as discussões jamais poderão curvar e cuja aplicação inflexível explica a crise na qual, como quase todas as mulheres, mergulhara a duquesa de Langeais: não amava ainda; estava apaixonada.

O amor e a paixão são dois diferentes estados d'alma que os poetas e a gente mundana, os filósofos e os tolos confundem continuamente. O amor importa uma mutualidade de sentimentos, uma certeza de gozos que coisa alguma pode alterar, uma troca muito constante de prazeres, uma completa e excessiva aderência de corações que não exclui o ciúme. A posse é então um meio e não um fim; uma infidelidade faz sofrer, mas não separa; a alma não se vê nem mais nem menos ansiosa ou inquieta, sente-se invariavelmente feliz; o desejo, enfim, espalhado por um sopro divino de uma ponta a outra da imensidade do tempo, tinge-nos todo ele de uma só cor, a vida é azul como o céu puro.

A paixão é o pressentimento do amor e do seu infinito ao qual aspiram todas as almas sofredoras. A paixão é uma esperança que pode ser iludida. Paixão significa ao mesmo tempo sofrimento e transição; a paixão cessa quando morre a esperança.

Homens e mulheres podem, sem se desonrarem, conceber múltiplas paixões; é tão natural a gente lançar-se à busca da felicidade! Mas só há um amor na vida. Todas as discussões, verbais ou escritas, sustentadas sobre os sentimentos, podem, assim, ser resumidas em duas perguntas: É uma paixão? É amor?

O amor não existe sem o conhecimento íntimo dos prazeres que o perpetuam; portanto a duquesa estava sob o jugo de uma paixão, experimentava assim as angústias devoradoras, os cálculos involuntários, os enervantes desejos, tudo enfim quanto exprime a palavra *paixão*: sofria. Em meio da confusão que lhe ia na alma, encontravam-se turbilhões movidos por sua vaidade, por seu amor-próprio, por seu orgulho, ou por sua altivez. Todas essas variações do egoísmo se conjugam. Ela dissera a um homem: “Eu te amo, sou tua!”. Poderia a duquesa de Langeais ter proferido em vão semelhantes palavras? Tinha ou de ser amada ou de abdicar de sua posição social.

Sentindo afinal a solidão do leito voluptuoso, onde a volúpia não pusera ainda os pés aquecidos, rolava nele, retorcia-se, a repetir: “Quero ser amada!”. E a confiança que ainda tinha em si dava-lhe esperanças de o conseguir. A duquesa sentia-se melindrada, a parisiense vaidosa via-se humilhada, a verdadeira mulher entrevia a felicidade, e sua imaginação, vingando o tempo perdido pela natureza, se comprazia em flambá-la nas chamas inextinguíveis do prazer. Atingia quase as sensações do amor, pois, na dúvida de ser amada, que a apunhalava, sentia-se feliz em dizer-se a si mesma: “Eu o amo!”. A sociedade e Deus, tinha vontade de calcá-los aos pés. Montriveau era agora a sua religião. Passou o dia seguinte num estado de estupor moral a que se juntavam perturbações físicas que coisa



alguma poderia exprimir. Destruiu tantas cartas quantas escreveu e formulou mil suposições impossíveis. À hora em que, até pouco, Montriveau costumava aparecer, convenceu-se de que ele viria e dispôs-se com prazer a esperá-lo. Sua vida concentrou-se toda no ouvido. Fechava por vezes os olhos e se esforçava por ouvir através do espaço. Desejava ter o poder de suprimir todos os obstáculos que se interpunham entre ela e o amante a fim de obter o silêncio absoluto que permite perceber ruídos a enormes distâncias. Naquele recolhimento, o tique-taque da pêndula lhe pareceu odioso, era uma espécie de lenga-lenga sinistra que ela fez parar. Soou meia-noite no salão.

“Meu Deus!”, pensou, “vê-lo aqui, seria a felicidade... E ele aqui vinha, não há muito, atraído pelo desejo. Sua voz enchia este toucador. E agora, nada.”

Ao lembrar-se das cenas de faceirice que havia representado, e que haviam afastado Armando, lágrimas de desespero rolaram de seus olhos por muito tempo.

— Senhora duquesa — disse-lhe a criada de quarto —, talvez não saiba que são duas horas da madrugada; pensei que estivesse indisposta.

— Sim, vou deitar-me; mas lembre-se, Suzette — acrescentou a sra. de Langeais enxugando as lágrimas —, que não deve entrar jamais aqui sem ser chamada; não lho direi outra vez.

Durante uma semana foi a duquesa a todas as casas em que esperava encontrar o sr. de Montriveau. Contrariamente aos seus hábitos, chegava cedo e retirava-se tarde; não dançava mais, jogava. Tentativas inúteis! Não conseguiu rever Armando, cujo nome não ousava pronunciar. Não obstante, uma noite, num momento de desesperança, disse à sra. de Sérésy, tão descuidadosamente quanto lhe era possível fingir:

— Não estarás estremeada com o sr. de Montriveau? Não o vejo mais em tua casa.

— Achas que ele não vai mais lá? — perguntou a condessa a rir. — Não é

visto aliás em parte alguma; ocupa-se, sem dúvida, com alguma mulher.

— Pensei — retrucou a duquesa com doçura — que o marquês de Ronquerolles fosse um dos seus amigos.

— Nunca ouvi meu irmão dizer que o conhece.

A sra. de Langeais nada respondeu. A sra. de Sérisy acreditou poder então criticar a discreta amizade que a amargara por tanto tempo e retomou a palavra.

— Lamentas então esse triste personagem? Ouvi dizer dele coisas monstruosas; ferido, não volta jamais, não perdoa nunca; amado, quer algemar. A tudo que eu objetava a seu respeito, um dos que o elevam às nuvens respondia sempre com uma frase: *Ele sabe amar!* Não cessam de me repetir: Montriveau deixaria tudo por um amigo, é uma alma imensa. Ora! a sociedade não pede almas tão grandes. Os homens de tal caráter ficam muito bem em casa; que lá permaneçam e nos deixem com as nossas boas pequenezas. Que dizes, Antonieta?

Não obstante o seu traquejo social, a duquesa pareceu agitada, mas respondeu tão naturalmente que enganou a amiga:

— Estou aborrecida por não o ver, tinha-lhe muito interesse e lhe votava sincera amizade. Posso parecer-te ridícula, querida, mas amo as grandes almas. Entregar-se a um tolo não é confessar claramente que não se tem senão sentidos?

A sra. de Sérisy nunca *distinguirá* senão a criaturas vulgares e era então amada por um belo homem, o marquês d'Aiglemont.

A condessa, acreditai, abreviou a visita.

A sra. de Langeais, vendo uma esperança no desaparecimento de Armando, escreveu-lhe, a seguir, uma carta muito doce e humilde, que lho deveria restituir, se a amava ainda. Mandou-a pelo criado a quem perguntou, quando de volta, se a havia entregue ao próprio Montriveau. E diante da afirmativa não pôde conter um movimento de alegria. Armando estava em Paris, permanecia só, encerrado em casa, sem frequentar a

sociedade! Ela era amada pois! Esperou o dia inteiro uma resposta e a resposta não veio. Entre as crises, que ressurgiam na impaciência, Antonieta justificava a si mesma a demora: Armando estava atrapalhado, a resposta viria pelo correio; mas, à noite, não pôde mais iludir-se. Sucederam-se momentos terríveis, sofrimentos agradáveis, palpitações arrasadoras, excessos de coração desses que consomem a vida. De manhã mandou à casa de Armando procurar a resposta.

— O senhor marquês mandou dizer que virá à casa da senhora duquesa — respondeu Juliano.

Afastou-se para não deixar perceber sua alegria e foi cair no canapé para nele saborear as primeiras emoções.

— Ele virá! — Este pensamento lhe dilacerava a alma. Infelizes, com efeito, aqueles para quem a espera não é a mais horrível das tempestades e a fecundação dos mais doces prazeres; não têm eles a chama que desperta a imagem das coisas e duplica a natureza prendendo-nos tanto à essência pura dos objetos como à sua realidade? No amor, esperar não é acaso esboçar uma esperança certa, entregar-se ao flagelo terrível da paixão, sentir-se feliz com os desencantos da verdade? Emanação constante de força e de desejos, a espera não será para a alma humana o que são para certas flores suas exalações perfumadas? Deixamos logo as cores brilhantes e estéreis do coreópsis ou das tulipas e voltamos a aspirar incessantemente os deliciosos odores da flor de laranjeira ou da *volkaméria*, duas flores que suas pátrias compararam involuntariamente a jovens noivas cheias de amor, belas de seu passado e belas de seu futuro.

A duquesa aprendeu os prazeres de sua nova vida sentindo com uma espécie de embriaguez as flagelações do amor; e, mudando de sentimentos, achou outros destinos e melhor sentido nas coisas da vida. Precipitando-se para o seu toucador, compreendeu o que é a busca de um enfeite e os cuidados corporais mais minuciosos, quando dirigidos pelo amor e não pela vaidade; e os seus aprestos ajudaram-na a suportar a

lentidão do tempo. Terminada a *toilette*, recaiu na agitação excessiva, nos estremecimentos nervosos dessa terrível potência que põe em fermentação todas as ideias e que não é mais, talvez, que uma doença cujos sofrimentos a gente ama. A duquesa ficou pronta às duas horas da tarde e o marquês de Montriveau às onze e meia da noite não chegara ainda. Explicar as angústias daquela mulher, que era filha mimada da civilização, seria querer demonstrar quanta poesia pode o coração concentrar num pensamento; seria pretender pesar a força evolada da alma pelo som de uma campainha, ou avaliar o que gasta da vida o abatimento causado por uma carruagem cujo rodar continuou, sem se deter.

— Estará ele a zombar de mim? — pensou ao ouvir bater meia-noite.

Empalideceu, seus dentes entrebateram, e ela torcia as mãos andando por aquele toucador, onde, não há muito, pensava, ele surgia sem necessidade de chamá-lo. Mas resignou-se. Não o havia ela feito empalidecer e vacilar sob as setas aguçadas de sua ironia? A sra. de Langeais compreendeu o horror do destino das mulheres, que, privadas de todos os meios de ação que os homens possuem, só podem esperar, quando amam. Comparecer diante do amado é um erro que poucos homens sabem perdoar. A maior parte deles vê uma degradação nessa celestial concessão; Armando, porém, possuía uma grande alma e devia fazer parte do pequeno número de homens que sabe tomar por eterno amor um tal excesso de amor.

— Pois bem, irei! — dizia ela voltando-se no leito sem poder conciliar o sono —, irei a ele e lhe estenderei a mão sem me fatigar de estendê-la. Um homem invulgar vê em cada passo que dê uma mulher para ele promessas de amor e de constância. Sim, os anjos têm de descer dos céus para chegarem aos homens e quero ser para ele um anjo.

Pela manhã escreveu um desses bilhetes em que excele o espírito das dez mil Sévigné que Paris conta atualmente. Entretanto, para saber queixar-

se sem se rebaixar, voar a plena força de suas duas asas sem se arrastar humildemente, ralhar sem ofender, revoltar-se com graça, perdoar sem comprometer a dignidade pessoal, dizer muito sem nada confessar, era preciso ser a duquesa de Langeais e, para escrever tão delicioso bilhete, ter sido educada pela sra. princesa de Blamont-Chauvry. Juliano partiu. Juliano era, como todos os criados de quarto, a vítima das marchas e contramarchas do amor.

— Que lhe respondeu o sr. de Montriveau? — perguntou tão indiferentemente quanto pôde, ao vir Juliano prestar-lhe contas da incumbência.

— O senhor marquês me mandou dizer à senhora duquesa que está bem.

Terrível reação da alma sobre si mesma! Esconder diante de testemunhas curiosas a pergunta do coração, e nem sequer murmurar, ver-se forçada ao silêncio. Uma das mil dores do rico!

Durante vinte e dois dias, a sra. de Langeais escreveu ao sr. de Montriveau sem obter resposta. Acabara por dizer-se doente para ser dispensada de seus deveres, quer junto à princesa, de quem era dama, quer dos deveres relativos à sociedade. Recebia apenas o pai, duque de Navarreins; a tia, princesa de Blamont-Chauvry; o velho vidama de Pamiers; o tio-avô materno, e o tio do marido, duque de Grandlieu.

Essas pessoas acreditavam na moléstia da sra. de Langeais, ao vê-la dia a dia mais abatida, mais pálida, mais magra. Os vagos ardores de um amor real, as irritações do orgulho ferido, as constantes agulhoadas do único desprezo que a poderia atingir, sua ânsia de prazeres eternamente desejados e perpetuamente traídos, todas as suas forças, enfim, inutilmente excitadas, minavam sua dupla natureza. Pagava as dívidas vencidas de sua vida truncada.

Saiu, afinal, um dia, para assistir a um desfile no qual deveria achar-se o sr. de Montriveau. Alojada no balcão das Tuileries com a família real, a

duquesa teve uma dessas festas de que a alma guarda indelével lembrança. Surgiu sublime de langor e todos os olhos a saudaram com admiração. Trocou alguns olhares com Montriveau, cuja presença a fazia tão linda. O general desfilou, quase a seus pés, todo o esplendor do fardamento militar, cujo efeito nas imaginações femininas é confessado até pelas criaturas mais puritanas. Para uma mulher apaixonada, que não via o amado havia dois meses, aquele rápido momento deveria ter-se assemelhado à fase do sonho em que, fugitivamente, nossa vista abarca uma paisagem sem horizonte! Só as mulheres e os jovens poderão imaginar a avidez delirante que os olhos da duquesa exprimiram. Pois se há homens que experimentaram, durante a juventude, no paroxismo de suas primeiras paixões, tais fenômenos nervosos, mais tarde os esquecem tão completamente que chegam a negar esses luxuriantes êxtases, único nome possível dessas intuições magníficas.

O êxtase religioso é a loucura do pensamento liberto de seus laços materiais; no êxtase amoroso, porém, confundem-se, unem-se, se comprimem as forças de nossas duas naturezas. Quando uma mulher se vê sob o domínio das furiosas tiranias, sob as quais se curvava a duquesa de Langeais, as resoluções definitivas se sucedem tão rapidamente que é impossível o seu controle. Os pensamentos nascem então um dos outros e percorrem a alma como as nuvens levadas pelo vento, sobre um fundo cinzento que vela o sol.

A partir daí os fatos dizem tudo. Eis, pois, os fatos.

No dia seguinte ao da parada, a sra. de Langeais mandou sua carruagem e seus pajens postarem-se à porta do marquês de Montriveau, das oito da manhã às três da tarde. Armando residia na Rue de Seine, a poucos passos da Câmara dos Pares, onde, naquele dia, havia sessão. Mas muito antes que os pares se dirigissem a seu palácio, várias pessoas perceberam a carruagem e a libré da duquesa. Um jovem oficial desprezado pela sra. de Langeais e recolhido pela sra. de Sérisy, o barão de Maulincour, foi o

primeiro a reconhecer a equipagem. Foi imediatamente contar à amante, em segredo, aquela estranha loucura. Sem tardar, a notícia foi como que telegraficamente levada ao conhecimento de todas as esferas do Faubourg Saint-Germain, chegou ao castelo, ao Eliseu-Bourbon, tornou-se o assunto do dia, o motivo de todas as palestras, do meio-dia até à noite.

As mulheres, quase todas, negavam o fato, mas de modo a fazer com que fosse acreditado; os homens aceitavam-no, testemunhando à sra. de Langeais o mais indulgente interesse.

— Esse selvagem Montriveau tem um coração de bronze; exigiu, decerto, esse escândalo — diziam alguns, atribuindo a culpa a Armando.

— Ora — dizem outros —, a sra. de Langeais cometeu a mais nobre das imprudências! Renunciar, diante de Paris inteira, por seu amante, à sociedade, à sua classe, à sua fortuna, à consideração geral, é um golpe de Estado feminino, belo como a punhalada desse cabeleireiro que tanto emocionou Canning no tribunal. Nenhuma das mulheres que censuram a duquesa seria capaz dessa confissão digna da antiguidade. A sra. de Langeais é uma mulher heroica em expor-se assim francamente. Agora não poderá amar senão Montriveau. Não há certa grandeza na mulher que declara: só terei uma paixão?

— Que será, então, da sociedade, se todos honram assim o vício, sem respeito à virtude? — observou a mulher do procurador-geral, a condessa de Grandville.

Enquanto o castelo, o *faubourg*, a Chaussée-d'Antin se entretinham com o naufrágio daquela aristocrática virtude; enquanto jovens apressados galopavam para ver com os próprios olhos a carruagem na Rue de Seine e verificar se a duquesa estava realmente em casa do sr. de Montriveau, ela jazia palpitante no interior do seu toucador. Armando, que não dormira em casa, passeava nas Tuileries com o sr. de Marsay. Depois, os fidalgos parentes da sra. de Langeais se visitavam uns aos outros, marcando encontro em casa dela para a repreender e providenciar quanto aos meios

de acabar com o escândalo causado por sua conduta.

Às três horas, pois, o duque de Navarreins, o vidama de Pamiers, a velha princesa de Blamont-Chauvry e o duque de Grandlieu encontravam-se reunidos no salão da sra. de Langeais e a esperavam. A eles, como a muitos curiosos, a criadagem afirmara que a senhora havia saído. A duquesa não excetuara ninguém da proibição.

Os quatro personagens, ilustres nas esferas da qual o Almanaque de Gotha consagra anualmente as revoluções e pretensões hereditárias, exigem um rápido esboço sem o qual ficaria incompleto este quadro social.

A princesa de Blamont-Chauvry era, no mundo feminino, a ruína mais poética do reinado de Luís xv, para cujo epíteto contribuía com a sua parte, quando de sua bela juventude, dizia-se. De seus antigos encantos, só lhe restava um nariz notavelmente saliente, delgado, recurvo como uma espada turca e ornamento principal de um rosto semelhante a uma velha luva branca; alguns cabelos crespos e empoados; chinelos de salto alto, touca de rendas de folhos, mitenes pretas e perfeito convencimento. Mas, para fazer-lhe inteira justiça, é preciso acrescentar que fazia alta ideia de seus destroços que, à noite, se decotava, punha luvas de canhão comprido e pintava ainda as faces com o clássico *rouge* de Martin. Havia em suas rugas uma amabilidade perigosa, um brilho prodigioso no olhar, uma dignidade profunda em toda a sua pessoa; tinha na língua um espírito de tríplice dardo e na cabeça uma memória infalível, que faziam dessa velha senhora verdadeira potência. No pergaminho do seu cérebro havia todo um arquivo nobiliárquico e conhecia as alianças das casa principescas, ducais e condaís da Europa, a ponto de saber onde se achavam os últimos colaterais de Carlos Magno. Desse modo, nenhuma usurpação de título poderia escapar-lhe. Os moços que desejavam ser apreciados, os ambiciosos, as jovens damas lhe prestavam constante homenagem. Seu salão tinha autoridade no Faubourg Saint-Germain. As palavras desse



Talleyrand feminino valiam como sentenças. Muitas pessoas iam pedir-lhe conselhos sobre a etiqueta ou os usos, ou receber lições de bom gosto. Velha alguma sabia como ela usar a tabaqueira; ao sentar-se ou ao cruzar as pernas, fazia movimentos de saia de tal precisão, de tal graça, que eram o desespero das moças mais elegantes. A voz se conservara “de cabeça” durante dois terços de sua vida, mas não pudera evitar que descesse às membranas do nariz, coisa que a fazia estranhamente significativa. Da sua grande fortuna lhe restavam cento e cinquenta mil libras em matas, generosamente restituídas por Napoleão. Assim, pessoa e bens, tudo nela era considerável.

Essa curiosa antiguidade se colocara numa poltrona junto à lareira e palestrava com o vidama de Pamiers, outra ruína contemporânea. O velho senhor, antigo comendador da Ordem de Malta, era um homem alto, comprido, delgado, cujo colarinho, sempre apertado de modo a manter-lhe a cabeça levantada, lhe comprimia as faces, que transbordavam ligeiramente sobre a gravata, atitude cheia de suficiência em certas pessoas, mas nele justificada por um espírito voltairiano. Seus olhos à flor da cara pareciam ver tudo e efetivamente tudo viam. Punha algodão nos ouvidos. Enfim, sua pessoa oferecia no conjunto um perfeito modelo de linhas aristocráticas, linhas breves e delicadas, flexíveis e agradáveis, que, semelhantes às da serpente, podiam à vontade curvar-se, endireitar-se, tornar-se maleáveis ou rígidas.

O duque de Navarreins passeava de um lado para outro pelo salão, com o duque de Grandlieu. Ambos regulavam cinquenta e cinco anos ainda verdes; eram gordos, baixos, bem nutridos, a tez algo vermelha, os olhos cansados, o lábio inferior já pendente. Não fosse o tom delicado da linguagem de ambos, a afável polidez de seus modos, a sua calma, que podia repentinamente tornar-se impertinência, um observador superficial poderia tomá-los por banqueiros. Mas qualquer equívoco teria de cessar ao ouvir-se-lhes a palestra, armada de precauções para aqueles a quem

temem, seca ou ociosa para com os iguais, pérfida para com os inferiores, que os cortesãos e os homens de Estado sabem dominar com verbosas delicadezas ou ferir com uma palavra inesperada.

Tais eram os representantes daquela alta nobreza que desejava morrer ou permanecer intata, que merecia tantos elogios como censuras, e seria imperfeitamente julgada até que um poeta a mostrasse feliz por obedecer ao rei, expirando sob o machado de Richelieu e desprezando a guilhotina de 89 como uma suja vingança.

Os quatro personagens se distinguiam pela voz aguda, em perfeita harmonia com as suas ideias e o seu porte. A mais perfeita igualdade reinava, aliás, entre eles. O hábito, que haviam tomado na Corte, de esconder suas emoções os impedia, sem dúvida, de manifestar a contrariedade que lhes causava o despropósito de sua jovem parenta.

Para impedir os críticos de taxarem de puerilidade o começo da cena seguinte, talvez seja necessário relembrar aqui que, encontrando-se Locke na companhia de grandes fidalgos ingleses, famosos por seu espírito, distintos por suas maneiras e sua importância política, se divertiu maldosamente em estenografar as suas palestras por um processo particular e os fez dar boas gargalhadas, lendo-as a fim de saber deles próprios o que se poderia delas concluir. Com efeito, as altas classes *sociais* têm em todos os países sua algaravia lantejoulada que, lavada nas bateias literárias ou filosóficas, deixa muito pouco ouro no fundo. Em todas as camadas sociais, salvo nalguns salões parisienses, o observador encontra os mesmos ridículos, apenas diferenciados pela transparência ou pela espessura do verniz. Assim, as conversações substanciais constituem exceção, e é a toleima a diversão habitual dos diferentes círculos mundanos.

Se forçosamente se fala muito nas altas esferas, pouco se pensa. Pensar cansa, e os ricos gostam de ver a vida correr sem grandes esforços. É pois comparando o fundo do espírito nas diversas camadas, a partir do garoto

de Paris até o par de França, que o observador compreende a frase do sr. de Talleyrand: *As maneiras são tudo*, tradução elegante deste axioma judiciário: *A forma supre o fundo*. Aos olhos do poeta, a vantagem ficará com as classes inferiores, que nunca deixam de dar um rude tom de poesia aos seus pensamentos. Esta observação fará com que se compreenda também a infertilidade dos salões, seu vazio, sua pouca profundidade e a repugnância que as pessoas superiores experimentam na prática do mau comércio de ali trocar pensamentos.

O duque parou de súbito, como se lhe houvesse acudido uma ideia luminosa, e disse ao vizinho:

— Vende então o Thornthon?

— Não; está doente. Tenho muito medo de perdê-lo e ficaria desolado se tal acontecesse. É um excelente cavalo para a caça. Sabe como vai a condessa de Marigny?

— Não, não fui lá esta manhã. Ia sair para vê-la quando o senhor me veio falar de Antonieta. Ontem, porém, estava muito mal; desesperavam, e ministraram-lhe...

— A morte dela vai alterar a posição do seu primo...

— Em nada, ela fez sua partilha em vida e reservara-se uma pensão que era paga pela sobrinha, sra. de Soulanges, à qual dera suas terras de Guébriant, como renda vitalícia.

— Será uma grande perda para a sociedade. Era uma boa senhora. Sua família terá a menos uma pessoa cujos conselhos e experiência eram de peso. Diga-se aqui entre nós, ela era o chefe da família. O filho, Marigny, é um homem amável; tem trato, sabe conversar. É agradável, muito agradável; oh! como agradável, nada se pode dizer; mas... não tem o senso da conduta. Veja! é extraordinário, mas é muito fino. Outro dia, jantava no Círculo com todos os ricos da Chaussée-d'Antin e o seu tio (que lá vai sempre jogar sua partida) o viu. Admirado de o encontrar ali, perguntou-lhe se pertencia ao Círculo: "Sim, não frequento mais a sociedade, vivo

com os banqueiros”. Sabe por quê? — perguntou o marquês endereçando ao duque um fino sorriso.

— Não.

— Está apaixonado por uma recém-casada, aquela pequena sra. Keller, | filha de Gondreville, uma mulher que, dizem, está muito em moda naquele meio.

— Mas Antonieta não se molesta, ao que parece — observou o velho vidama.

— O afeto que consagro a essa mulherzinha me obriga neste momento a um singular passatempo — respondeu-lhe a princesa, pondo no bolso a tabaqueira.

— Cara tia — disse o duque, parando —, estou desesperado. Só mesmo um homem de Bonaparte seria capaz de exigir de uma mulher correta semelhantes inconveniências. Aqui entre nós, Antonieta poderia escolher melhor.

— Meu caro — respondeu a princesa —, os Montriveau são antigos e muito bem aparentados com toda a alta nobreza da Borgonha. Se os Rivaudoult d’Arschoot, do ramo Dulmen, se acabassem na Galícia, os Montriveau sucederiam a eles nos títulos de Arschoot; herdá-los-iam pelo bisavô.

— Está certa disso?

— Sei melhor do que o sabia o pai do general, que eu via frequentemente e a quem comuniquei tal coisa.

— Embora cavalheiro de alta classe, não lhe deu importância; era um enciclopedista. Mas o irmão aproveitou bem a emigração. Ouvi dizer que os parentes do norte foram corretíssimos com ele...

— Sim, decerto. O conde de Montriveau faleceu em Petersburgo, onde o encontrei — observou o vidama. — Era um homem enorme que tinha incrível paixão pelas ostras.

— Quantas comia, então? — perguntou o duque de Grandlieu.

— Dez dúzias diariamente.

— Sem consequências?

— Absolutamente.

— Oh! mas é extraordinário! Esse gosto não lhe trouxe nem a pedra nem a gota, nenhum incômodo?

— Não, conservou-se muito bem, morreu num acidente.

— Num acidente! A natureza lhe aconselhava a comer ostras: eram-lhe provavelmente necessárias; pois, até certo ponto, os nossos gostos predominantes são condições de nossa existência.

— Sou da sua opinião — disse a princesa, sorrindo.

— Madame interpreta sempre maliciosamente as coisas — observou o marquês.

— Desejo somente fazer notar que tais coisas seriam muito mal compreendidas por uma moça — respondeu ela.

Interrompeu-se para dizer:

— Mas a minha sobrinha! a minha sobrinha!

— Cara tia — disse o sr. de Navarreins —, não posso acreditar ainda que ela tenha ido à casa do sr. de Montriveau.

— Ora! — exclamou a princesa.

— Qual é a sua opinião, vidama? — perguntou o marquês.

— Se a duquesa fosse ingênua, eu acreditaria...

— Mas uma mulher que ama torna-se ingênua, meu pobre vidama. Está ficando velho?

— Enfim, que fazer? — perguntou o duque.

— Se a minha querida sobrinha for sensata — respondeu a princesa —, irá esta noite à Corte, pois, por felicidade, estamos numa segunda-feira, dia de recepção; providenciar-se-ia em bem rodeá-la, para desmentir esse boato ridículo. Há mil meios de explicar as coisas; e, se o marquês de Montriveau é um gentil-homem, a tudo se prestará. Faremos voltar à razão essas crianças...

— Mas é difícil vencer o sr. de Montriveau, querida tia. É um aluno de Bonaparte e tem posição. Como então! é um dos senhores do dia, tem um comando importante na Guarda, onde é muito útil. Não possui a menor ambição. À primeira palavra que lhe desagrada, é homem para dizer ao rei: “Eis o meu pedido de demissão, deixai-me em paz”.

— Que pensará ele então?

— Nada de bom.

— Na verdade — disse a princesa —, o rei continua o que sempre foi, um jacobino flordelisado.

— Oh! um tanto moderado — disse o vidama.

— Não, eu o conheço de longa data. O homem que dizia à mulher no dia em que ela assistia ao primeiro grande banquete: “Eis os nossos criados!”, mostrando-lhe a Corte, não podia ser senão um grande celerado. Revejo no rei, perfeitamente, a Monsieur. | O mau irmão que votava tão mal na sua bancada da Assembleia Constituinte deve pactuar com os liberais, deixá-los falar e discutir. Esse filósofo tartufo será, assim, tão perigoso para o irmão mais moço quanto foi para o mais velho, pois não sei se o seu sucessor poderá safar-se das dificuldades que se apraz em criar-lhe esse grande homem de pouco espírito; ele aliás o execra e sentir-se-á feliz se puder dizer ao morrer: “Ele não reinará por muito tempo”.

— Minha tia, é o rei, tenho a honra de o servir, e...

— Mas, meu caro, seu cargo lhe tira a possibilidade de falar francamente! Afinal, o senhor é de tão boa cepa quanto os Bourbon. Se os Guise tivessem tido um pouco mais de energia, Sua Majestade seria hoje um pobre-diabo. Eu me vou a tempo deste mundo, a nobreza está morta. Sim, tudo está perdido para vós, meus filhos — continuou, olhando para o vidama. — Então a conduta de minha sobrinha era para ocupar a cidade? Ela não tem razão, não a aprovo, um escândalo inútil é um erro; duvido ainda, aliás, dessa falta às conveniências; eu a criei e sei que...

Nesse momento a duquesa saiu do toucador. Reconhecera a voz da tia e

ouvira pronunciar o nome de Montriveau. Vestia um *déshabillé* matinal e, quando apareceu, o duque de Grandlieu, que olhava descuidosamente pela vidraça, via regressar a carruagem da sobrinha sem ela.

— Minha querida filha — disse-lhe o duque tomando-lhe a cabeça entre as mãos e beijando-a na fronte —, não sabes então o que se passa?

— Que acontece de extraordinário, papai?

— Pois toda Paris te acredita em casa de Montriveau.

— Minha querida Antonieta, não saíste, não foi? — disse a princesa, estendendo-lhe a mão, que a duquesa beijou com respeitoso afeto.

— Não, querida mamãe, não saí. Mas — acrescentou voltando-se para cumprimentar o vidama e o marquês — quis que toda Paris pensasse que eu estava em casa de Montriveau.

O duque levantou as mãos para o céu, bateu-as com desespero e cruzou os braços.

— Mas não sabes o que vai resultar dessa loucura? — perguntou por fim.

A velha princesa levantara-se subitamente e encarou a duquesa, que corou e baixou os olhos; a sra. de Chauvry atraiu-a docemente para si e disse-lhe:

— Deixa-me beijar-te, meu anjinho. — E beijou-lhe a fronte muito afetosamente, apertou-lhe a mão e continuou, sorrindo: — Não estamos mais no tempo dos Valois, querida. Comprometeste teu marido, tua situação na sociedade; entretanto vamos providenciar para tudo reparar.

— Mas, titia, eu não quero reparar coisa alguma. Desejo que Paris inteira saiba ou diga que estive até agora em casa de Montriveau. Destruir essa suposição, por falsa que seja, é prejudicar-me extraordinariamente.

— Minha filha, queres então perder-te e afligir tua família?

— Meu pai, minha família, sacrificando-me aos seus interesses, condenou-me, sem o querer, a irreparáveis desgraças. Poderá censurar-me por eu procurar lenitivos a isso, mas, decerto, há de lamentar-me.

— E passe a gente mil trabalhos para assegurar o futuro das filhas! —

murmurou o sr. de Navarreins ao vidama.

— Queridinha — disse a princesa, sacudindo os grãos de rapé caídos sobre o vestido —, sê feliz se puderes. Não se trata de perturbar tua felicidade, mas de pô-la de acordo com os costumes. Nós todos sabemos que o casamento é uma instituição defeituosa, atenuada pelo amor. Mas havia necessidade de, tomando um amante, preparar-lhe o leito no Carroussel? Vamos, tem um pouco de juízo, ouve-nos.

— Estou ouvindo.

— Senhora duquesa — disse o duque de Grandlieu —, se os tios fossem obrigados a guardar as sobrinhas, teriam uma função social. A sociedade lhes deveria recompensas, honras, emolumentos, como dá aos servidores do rei. Não estou pois aqui para falar de meu sobrinho, mas dos interesses da senhora. Calculemos um pouco. Se quer fazer escândalo, eu conheço o rapaz, até nem gosto dele. Langeais é muito avaro, diabolicamente egoísta; separar-se-á da senhora, embolsará sua fortuna, a deixará pobre e, conseqüentemente, sem consideração. As cem mil libras de rendas que a senhora ultimamente herdou de sua tia-avó materna passarão a pagar os prazeres das amantes dele. E a senhora ficará algemada, garroteada pelas leis, obrigada a dizer *amém* a tais arranjos. E se Montriveau a abandona! Meu Deus, querida sobrinha, não nos encolerizemos, nenhum homem a abandonará jovem e bela; entretanto, vimos tantas mulheres lindas abandonadas, mesmo entre as princesas, que me permitirá uma suposição quase impossível, creio eu; e, então, que será da senhora sem marido? Trate, pois, dos seus interesses, como cuida da sua beleza, que é, antes de tudo, a salvaguarda da mulher, tal como o é um marido. Mas, admitindo que seja sempre amada e venturosa, que não suceda nenhum acontecimento desagradável, se, por felicidade ou desgraça, tiver filhos? Que nome lhes dará? O de Montriveau? Mesmo assim, não herdarão toda a fortuna do pai. A senhora há de querer dar-lhes toda a sua e o pai há de querer fazer o mesmo. Por Deus! nada é mais natural. Mas a lei estará



contra a senhora e ele! Quantos processos não se veem, promovidos pelos herdeiros legítimos contra os filhos do amor. São propostos em todos os tribunais do mundo. Terão de recorrer a um *fideicomisso*: se a pessoa em que depositaram confiança os enganar, a justiça humana nada terá com isso, mas os seus filhos ficarão arruinados. Escolha bem! Veja em que perplexidade está. De qualquer modo, seus filhos serão sacrificados às fantasias de seu coração e privados de sua condição social. Meu Deus, enquanto forem pequenos, serão encantadores, mas, um dia, os reprovarão por ter a senhora cuidado mais de si mesma do que deles. Sabemos bem tudo isso, nós os velhos fidalgos. As crianças se tornam homens, e os homens são ingratos. Pois não ouvi então o jovem Horn, na Alemanha, dizer, depois de um jantar: “Se minha mãe tivesse sido uma mulher honesta, eu seria príncipe-reinante”. Mas passamos a vida a ouvir esse *se* da plebe, e foi ele que fez a Revolução. Quando os homens não podem culpar nem o pai nem a mãe de sua má sorte, culpam a Deus. Em suma, minha querida filha, estamos aqui para a esclarecer. E eu sintetizo numa frase aquilo em que deve meditar: Uma mulher não deve jamais fornecer razões ao marido.

— Meu tio, eu calculei enquanto não amava. Como o senhor, só via interesses onde para mim não há mais que sentimentos — disse a duquesa.

— Mas, queridinha, a vida é francamente uma mistura de sentimentos e interesses — replicou o vidama —; e, para ser feliz, sobretudo na posição em que está, é preciso tratar de fazer concordarem os sentimentos e os interesses. Que uma costureirinha faça o amor segundo sua fantasia, concebe-se; mas a senhora tem uma bela fortuna, uma família, um título, um lugar na Corte e não deve atirá-los pela janela. Para tudo conciliar, que vimos pedir-lhe? Que contorne habilmente a lei das conveniências, em vez de a violar. E, meu Deus! Vou fazer oitenta anos dentro em pouco, e não me lembro de ter encontrado, em nenhum regime, um amor que valesse o

preço que quer pagar pelo desse feliz mortal.

A duquesa impôs silêncio ao vidama com um olhar; e, se Montriveau tivesse podido vê-la, tudo lhe perdoaria...

— Isto seria de belo efeito no teatro — disse o duque de Grandlieu —, mas nada significa quando se trata de seus bens parafernais, de sua posição e de sua independência. Não é agradecida, cara sobrinha. Não achará, no entanto, muitas famílias em que os parentes sejam bastante corajosos para levar os ensinamentos da experiência e fazer ouvir a voz da razão a jovens cabeças loucas. Renuncie à salvação em dois minutos, se lhe apraz condenar-se às penas eternas; de acordo! Mas reflita bem quando se trata de renunciar às suas rendas. Não conheço confessor que nos absolva da miséria. Julgo-me no direito de lhe falar assim, pois, se se perder, só eu lhe poderei oferecer asilo. Sou quase tio de Langeais e só eu teria razão, negando razão a ele.

— Minha filha — disse o duque de Navarreins, como que despertando de dolorosa meditação —, já que falas em sentimentos, permite-me que te observe que uma mulher que usa o teu nome se deve a sentimentos diferentes dos da gente comum. Queres então dar ganho de causa aos liberais, a esses jesuítas de Robespierre que se esforçam por infamar a nobreza? Há certas coisas que uma Navarreins não pode fazer sem faltar a toda sua linhagem. Não serás, assim, a única desonrada.

— Vamos — disse a princesa —, lá vem a desonra. Não façam, meus filhos, tanto barulho sobre o percurso de uma carruagem vazia e deixem-me a sós com Antonieta. Venham os três jantar comigo. Encarrego-me de arranjar convenientemente as coisas. Não entendem nada disto; os homens põem logo acidez nas palavras. E eu não quero vê-los zangados com a minha filha querida. Por favor, saiam.

Os três fidalgos adivinharam, sem dúvida, as intenções da princesa e despediram-se das parentas. O sr. de Navarreins beijou a fronte da filha, dizendo-lhe:

— Vamos, criança querida, sê sensata. Se quiseres, ainda é tempo.

— Será que não se poderia encontrar na família um bom rapaz que desafiasse a esse Montriveau? — perguntou o vidama, descendo a escada.

— Minha joia — chamou a princesa, fazendo sinal à sobrinha para sentar-se num tamborete junto a ela, ao ficarem sós —, não sei de nada mais caluniado neste mundo vil do que Deus e o século XVIII, pois, rememorando as coisas da minha mocidade, não me lembro de uma só duquesa que haja calcado aos pés as conveniências como acabas de fazer. Os romancistas e os escrevinhadores desonraram o reinado de Luís XV, não os creia. A Dubarry, minha cara, bem valia a viúva Scarron,<sup>[151]</sup> e, além disso, era melhor pessoa. No meu tempo, uma mulher sabia guardar dignidade em meio às suas galanterias. As indiscrições nos perderam. Daí vem todo o mal. Os filósofos, esse pessoal sem importância que metíamos em nossos salões, tiveram a inconveniência e a ingratidão, em paga das nossas bondades, de fazer o inventário de nossos corações, de nos criticar em conjunto e em detalhe, e deblaterar contra o século. O povo, que está muito mal colocado para julgar o que quer que seja, viu o fundo das coisas, sem lhes ver a forma. Mas, naquele tempo, meu coração, os homens e as mulheres foram tão notáveis como nas outras épocas da monarquia. Nenhum dos Werther, de vocês, nenhuma das suas notabilidades, como se diz, nenhum de seus homens de luvas amarelas e calças que só servem para lhes ocultar a magreza das pernas, atravessaria a Europa, disfarçado em mascate, para ir meter-se, com risco da vida e afrontando os punhais do duque de Módena, no toucador da filha do Regente. Nenhum dos seus tisiquinhos de luneta de madrepérola se ocultaria, como Lauzun, durante seis semanas, em um armário, para dar coragem à sua amante, quando esta estava para fazer-se mãe. Havia mais paixão no dedo mindinho do sr. Jaucourt que em toda essa raça de discutidores que deixam as mulheres pelos parágrafos! Onde encontrar um desses pajens que se deixam abater a machado e enterrar sob um

soalho, para beijar o dedo enluvado de uma Konigsmarck? Hoje, na verdade, parece que os papéis estão trocados, e que as mulheres devem dedicar-se aos homens. Tais senhores valem menos e têm-se em maior estima. Acredita-me, minha querida, todas essas aventuras que se tornaram públicas e de que se armam hoje para assassinar o nosso bom Luís xv eram a princípio secretas. Sem uma corja de poetastros, de rimadores, de moralistas, que se metiam com nossas criadas e escreviam calúnias, nossa época teria literariamente bons costumes. Eu justifico o século e não os seus extremos. Talvez tenha havido cem mulheres de qualidade perdidas; mas os pândegos puseram milhares, como fazem os jornalistas quando avaliam o número de mortos do partido contrário. Aliás, não sei o que a Revolução e o Império nos podem censurar: que aqueles tempos foram licenciosos, sem espírito, grosseiros — qual! tudo isso me revolta. São os lugares excusos da nossa história. Tal preâmbulo, minha querida filha — continuou ela, após uma pausa —, é para dizer-te que, se Montriveau te agrada, és bem senhora de amá-lo à tua vontade, e tanto quanto puderes. Quanto a mim, eu sei, por experiência (a menos que te encerrem num convento, mas hoje não se encerra mais ninguém), que tu farás o que bem te agrada; e é o que eu teria feito na tua idade. Apenas, minha joia, eu não teria abdicado do direito de fazer duques de Langeais. Assim, pois, comporta-te decentemente. O vidama tem razão, nenhum homem vale um só dos sacrifícios pelos quais somos bastante loucas para pagar o seu amor. Faze de maneira, se um dia tiveres a desgraça de arrependerte, com que possas continuar esposa do sr. de Langeais. Quando fores velha hás de sentir-te melhor assistindo à missa na Corte do que num convento da província. Eis a questão. Uma imprudência é uma pensão, uma vida errante é ficar à mercê do amante; é o aborrecimento causado pelas impertinências das mulheres que valem menos do que tu, exatamente por terem sido ignobilmente espertas. Cem vezes melhor seria ires à casa de Montriveau, à noite, de fiacre, disfarçada, do que

enviar-lhe a tua carruagem em pleno dia. Tu és uma tolinha, minha querida filha. Tua carruagem lisonjeou a vaidade dele, mas tua pessoa lhe teria conquistado o coração. Eu te disse o que é justo e verdadeiro, mas não te quero mal pelo teu procedimento. Tu estás dois séculos atrasada, com a tua falsa grandeza. Vamos, deixa-nos arranjar os teus assuntos, dizer que Montriveau embriagou os teus criados, para satisfazer o seu amor-próprio e comprometer-te...

— Em nome do Céu, minha tia — exclamou a duquesa, erguendo-se —, não o calunie!

— Oh! querida filha — disse a princesa, cujos olhos se animaram —, eu queria ver-te com ilusões que não te fossem funestas, mas toda ilusão deve cessar. Tu me enternecerias, se não fosse a minha idade. Vamos, não causes incômodos a ninguém, nem a ele nem a nós. Encarrego-me de contentar a todo o mundo, mas promete-me que não te permitirás de ora em diante um único passo sem me consultares. Conta-me tudo, que eu talvez consiga guiar-te bem.

— Prometo, minha tia...

— Que me dirás tudo...

— Sim, tudo, tudo o que se possa dizer.

— Mas, meu coração, é exatamente o que não se pode dizer que eu quero saber. Entendamo-nos bem. Vamos, deixa-me apoiar meus lábios secos sobre a tua bela frente. Não, deixa-me fazer, eu te proíbo que beijes os meus ossos. Os velhos têm uma polidez toda sua... Vamos, conduze-me até o meu carro — concluiu ao beijar a sobrinha.

— Minha tia, posso então ir à casa dele, disfarçada?

— Naturalmente, isso se poderá sempre negar — disse a velha.

A duquesa só percebera claramente isso, em todo o sermão que lhe acabava de fazer a princesa. Ao ver a sra. de Chauvry sentar-se a um canto da carruagem, a duquesa lhe dirigiu gracioso adeus e subiu as escadas, feliz.

— Minha presença lhe teria conquistado o coração; minha tia tem razão. Um homem não deve recusar uma mulher bonita, se esta souber oferecer-se.

À noite, nos círculos da duquesa de Berry, o duque de Navarreins, o vidama de Pamiers, o sr. de Marsay, o duque de Grandlieu e o sr. de Maufrigneuse desmentiram vitoriosamente os boatos caluniosos que corriam sobre a duquesa de Langeais. E tantos oficiais, tantas pessoas atestaram ter visto Montriveau passeando pelas Tuileries durante a manhã, que a confusa história foi levada à conta do acaso, que aceita tudo quanto se lhe atribui. Desse modo, no dia seguinte, a reputação da duquesa se tornou, não obstante o estacionamento de sua carruagem, clara e sem manchas, como o elmo de Mambrino depois de polido por Sancho.

Às duas horas, porém, no Bois de Boulogne, o sr. de Ronquerolles, passando ao lado de Montriveau numa aleia deserta, disse-lhe, sorrindo:

— Vai bem a tua duquesa! Ainda e sempre — acrescentou, aplicando uma chicotada em sua égua, que partiu como uma bala.

Dois dias depois do seu inútil escândalo, a duquesa de Langeais escreveu a Montriveau uma carta, que, como as precedentes, ficou sem resposta.

Resolveu então corromper Augusto, o camareiro de Armando. Assim, às oito da noite, conseguiu ser introduzida numa alcova bem diferente daquela onde se passara a cena que permanecera secreta. Soube a duquesa que o general não voltaria. Teria dois domicílios? O criado não quis responder. A sra. de Langeais comprara a chave daquela alcova e não toda a probidade do homem. Ficando a sós, viu as suas catorze cartas postas sobre a mesa de centro; não estavam nem amarrotadas nem sequer abertas; não tinham sido lidas. Ao vê-las, caiu numa poltrona e perdeu por momentos os sentidos. Ao voltar a si, viu Juliano a fazer-lhe aspirar vinagre.

— Um carro, depressa — pediu.

Chegado este, desceu com convulsa rapidez e voltou para casa, pôs-se ao leito e interditou a porta. Permaneceu vinte e quatro horas acamada, só deixando aproximar-se dela a criada de quarto, para levar-lhe algumas taças de infusão de folhas de laranjeira. Suzette ouviu a senhora murmurar algumas queixas e surpreendeu lágrimas em seus olhos brilhantes, mas pisados.

Ao terceiro dia, depois de meditar, entre lágrimas de desespero, no partido a tomar, a sra. de Langeais teve uma conferência com o encarregado de seus negócios e o incumbiu, sem dúvida, de certos preparativos. Depois mandou chamar o vidama de Pamiers. Enquanto esperava pelo comendador, escreveu ao sr. de Montriveau. O vidama foi pontual. Encontrou a jovem prima pálida, abatida, mas resignada. Eram mais ou menos duas horas da tarde. Jamais aquela divina criatura fora mais interessante que então, nos langores de sua agonia.

— Meu caro primo — disse ao vidama —, os seus oitenta anos lhe proporcionam este encontro. Oh! não sorria, suplico-lhe, ante uma pobre mulher no cúmulo da infelicidade. É um gentil-homem, e as aventuras da mocidade lhe inspiraram, decerto, alguma indulgência para com as mulheres.

— Nenhuma — disse ele.

— Verdade?!

— Claro. Não precisam dela — retrucou.

— Ah! Bem! Está no coração de minha família e será talvez o último parente, o último amigo a quem hei de apertar a mão; posso assim reclamar seus bons ofícios. Preste-me, caro vidama, um serviço que não poderei pedir ao meu pai nem ao tio Grandlieu nem a mulher alguma. Deve compreender-me. Suplico-lhe que me obedeça e que o esqueça depois, qualquer que seja o resultado de seus passos. Trata-se de ir, munido desta carta, à casa do sr. de Montriveau, de o avistar e mostrar-lha, de pedir-lhe, como o sabem fazer entre homens, pois têm eles, entre si,

probidade e sentimentos que esquecem para conosco, de pedir-lhe que a leia; não precisa que seja em sua presença, pois os homens escondem uns aos outros certas emoções. Autorizo-o para o decidir, se julgar necessário, a dizer-lhe que disto depende a minha vida ou a minha morte. Se ele dignar-se...

— Dignar-se?!

— Se ele se dignar a lê-la — continuou com dignidade a duquesa —, faça-lhe uma derradeira observação. Vê-lo-á às cinco, ele janta hoje a essa hora em casa, eu o sei; e, como única resposta, deve vir ver-me. Se três horas depois, se às oito horas, não houver saído, tudo estará acabado. A duquesa de Langeais terá desaparecido do mundo. Não estarei morta, meu caro, não; mas nenhum poder humano conseguirá encontrar-me nesta terra. Venha jantar comigo; terei ao menos um amigo para me assistir nas minhas últimas angústias. Sim, esta noite, meu caro primo, decidirei minha vida, que, aconteça o que acontecer, só poderá ser cruelmente ardente. Vamos, silêncio, não quero ouvir coisa alguma que se pareça quer a observações quer a conselhos. Conversemos, riamos — disse-lhe, estendendo-lhe a mão, que ele beijou. — Sejamos como dois velinhos filósofos que saibam gozar a vida até o último momento. Eu me enfeitarei, me farei bem garrida para o senhor. Será talvez o último homem a ver a duquesa de Langeais.

O vidama não respondeu, saudou-a, pegou a carta e cumpriu a incumbência. Voltou às cinco horas e encontrou a parenta vestida com apuro, deliciosa enfim. O salão estava ornado de flores, como para uma festa. O jantar foi magnífico. Para o velhinho, a duquesa fez cintilar todos os brilhos do seu espírito e se mostrou mais atraente que nunca. O comendador quis a começo ver uma brincadeira de moça em todos aqueles preparativos; mas, aos poucos, foi empalidecendo à falsa magia das seduções desdobradas pela prima. E, tão logo a surpreendia a tremer emocionada por uma espécie de terror súbito, como, pouco depois,



parecia perscrutar o silêncio. E então ele indagava:

— Que tem?

— Pst! — respondia ela.

Às sete horas, a duquesa deixou o velho e retornou prontamente, mas vestida como o faria sua criada de quarto para uma viagem; reclamou o braço do seu conviva, que desejou por companheiro, atirou-se num carro de aluguel e ambos se encontraram, faltando um quarto para as oito, à porta do sr. de Montriveau.

Armando, durante esse tempo, meditara sobre a seguinte carta:

Meu amigo,

Passei alguns momentos em sua casa, sem que o soubesse; retomei as minhas cartas. Oh! Armando, aqui entre nós, isso pode ser indiferença, e o ódio procede de outro modo. Se me ama, cesse este jogo cruel. Matar-me-ia. Mais tarde haverá de desesperar-se, sabendo o quanto é amado. Mas, se infelizmente o compreendi, se tem por mim apenas aversão, a aversão importa desprezo e desgosto; então toda esperança me abandonará: os homens não retrocedem desses dois sentimentos. Por terrível que seja, esse pensamento trará consolações ao meu longo sofrer. Não terá do que arrepender-se um dia. Arrependimento! Ah! meu Armando, que eu o ignore. Se eu lhe causasse um desgosto, um só?... Não, não lhe quero dizer que devastações faria em mim. Viveria e não poderia ser sua mulher. Depois de me ter dado inteiramente, em pensamento, a você, a quem então me dar?... A Deus. Sim, os olhos que você amou um momento não hão de ver mais rosto algum de homem, e possa a glória de Deus fechá-los! Não ouvirei mais voz humana depois de ter escutado a sua, tão doce a princípio, tão terrível ontem, pois que continuo sempre no amanhã de sua vingança; possa pois a palavra de Deus me consumir! Entre a cólera dele e a sua, meu amigo, não haverá para mim mais que lágrimas e orações. Perguntará talvez por que lhe escrevo? Ai de mim! só para conservar um vislumbre de esperança, exalar ainda um suspiro sobre a vida feliz, antes de a deixar para sempre. Estou numa situação horrível. Sinto toda a serenidade que uma grande resolução nos comunica à alma e ouço ainda os derradeiros ribombos da tempestade.

Nessa terrível aventura que tanto me ligou a você, Armando, você ia do deserto para o oásis, levado por um bom guia. Eu, ao contrário, me arrasto do oásis para o deserto, e você é o meu guia sem piedade. Não obstante, só você, meu amigo, poderá compreender a melancolia dos últimos olhares que dirijo à felicidade, e é a única pessoa a quem me posso queixar sem enrubescer. Se me atender, serei feliz; se for inexorável, expiarei meus erros. Não é, enfim, natural querer uma mulher permanecer na memória do seu amado, revestida de todos os

sentimentos nobres? Oh! meu único amor! Deixe a sua criatura sepultar-se na crença de que haverá de julgá-la grande. Suas severidades me fizeram refletir; e, desde que o amo inteiramente, encontro-me menos culpada do que pensa. Ouça, pois, a minha justificação, eu lha devo; e você, que é tudo para mim no mundo, deve-me, ao menos, um instante de justiça.

Sei, por meu próprio sofrimento, quanto as minhas faceirices o fizeram sofrer; mas, então, eu me achava na completa ignorância do amor. Você, entretanto, está no segredo dessas torturas e a elas me submete. Durante os oito primeiros meses que me concedeu, não se fez amado. Por que, meu amigo? Não lho sei dizer, como não sei explicar por que o amo. Ah! decerto eu me sentia lisonjeada por me ver objeto de suas frases apaixonadas, e por receber seus olhares de fogo, mas me deixava fria e sem desejos. Não, eu não era absolutamente mulher; eu não concebia nem a dedicação nem a felicidade de nosso sexo. De quem a culpa? Não me teria desprezado se eu me houvesse entregue sem resistência? Talvez seja o sublime em nosso sexo o dar-se sem experimentar prazer algum; mas haverá algum mérito em entregar-se a gozos conhecidos e ardentemente desejados? Ai de mim! meu amigo, posso dizer-lhe, tais pensamentos me ocorreram, quando eu era tão faceira para você; mas já então eu o julgava tão grande que não desejava que me devesse à piedade... Que palavra acabo de escrever! Ah! Retomei de você todas as minhas cartas, atiro-as ao fogo! Elas se queimam. Não saberá jamais o que elas acusavam de amor, de paixão, de loucura... Calo-me, Armando, paro; não quero nada mais dizer-lhe dos meus sentimentos. Se minhas palavras não forem compreendidas de alma para alma, não poderei então, eu também, eu, a mulher, dever seu amor apenas à sua piedade. Quero ser amada impetuosamente ou impiedosamente desprezada. Se recusar ler esta carta, ela será queimada. Se, havendo-a lido, não for, dentro de três horas e para sempre, o meu único esposo, não sentirei vergonha de sabê-la em suas mãos: a nobreza do meu desespero garantirá minha memória contra toda injúria e o meu fim será digno do meu amor.

Tu mesmo, não me vendo mais neste mundo, embora sabendo-me viva, não pensarás sem fremir numa mulher que, dentro de três horas, não respirará mais senão para te cumular de ternura, numa mulher consumida pelo amor sem esperança e fiel, não a prazeres compartilhados, mas a sentimentos menosprezados.

A duquesa de Lavallière[ ] chorava a felicidade perdida, e seu poder desvanecido, ao passo que a duquesa de Langeais será feliz no seu pranto e permanecerá para você um poder. Sim, há de ter pena de mim. Sinto que não era deste mundo, e agradeço-o por me haver demonstrado.

Adeus, não tocará em meu machado; o seu era o do carrasco, o meu é de Deus; o seu mata, o meu salva. O seu amor era mortal, não soube suportar nem o desdém nem a zombaria; o meu pode tudo sofrer sem fraquejar, porque é imoralmente vivaz. Ah! experimento uma alegria sombria em esmagá-lo, a você que se supõe tão grande, em humilhá-lo com o sorriso calmo e protetor dos débeis anjos que assumem, deitando-se aos pés de Deus, o direito e a força de velar em seu nome sobre os homens.

Você só teve passageiros desejos, enquanto a pobre religiosa iluminará incessantemente com as suas ardentes preces e o cobrirá sempre com as asas do amor divino. Pressinto a sua resposta, Armando, e lhe marco um encontro... no céu. Amigo, a força e a fraqueza são lá igualmente admitidas; ambas representam sofrimentos. Tal pensamento apazigua as agitações de minha última prova. Eis-me tão calma, que pensaria não mais te amar, se não fosse por ti que deixo o mundo.

ANTONIETA

— Caro vidama — disse a duquesa chegando à casa de Montriveau —, faça-me o favor de perguntar na porta se ele está em casa.

O comendador, obediente à maneira dos homens do século XVIII, desceu e voltou para dizer à prima um sim que a fez estremecer. A essa palavra, ela atraiu o comendador, apertou-lhe a mão, deixou-o beijar-lhe ambas as faces e pediu-lhe que se fosse sem a espiar ou pretender protegê-la.

— Mas e os transeuntes? — disse ele.

— Ninguém me poderá faltar ao respeito — respondeu ela.

Foram as últimas palavras da mulher da moda e da duquesa. O comendador se foi. A sra. de Langeais permaneceu na soleira da porta, envolta no *manteau*, e esperou que soassem as oito horas. O prazo expirou. A infeliz mulher concedeu-se mais dez minutos, um quarto de hora; por fim, viu uma nova humilhação naquele atraso e a confiança a abandonou. Não pôde reter uma exclamação:

— Ó meu Deus! — e deixou o funesto portal.

Foram as primeiras palavras da carmelita.

Montriveau estava em conferência com alguns amigos e apressou-os a dá-la por terminada, mas a sua pêndula estava atrasada e só saiu para ir ao palácio de Langeais no momento em que, levada por um frio furor, a duquesa fugia a pé pelas ruas de Paris. Ao atingir o Boulevard d'Enfer, ela chorou. Ali, pela última vez, contemplou a cidade confusa, ruidosa, coberta pela avermelhada atmosfera que suas luzes produziam; subiu depois para um carro de praça e saiu de Paris para nunca mais voltar.

Quando o marquês de Montriveau chegou ao palácio de Langeais, não encontrava a amante e acreditou-se logrado. Correu então à casa do vidama e foi recebido no momento em que o bom velho vestia o chambre, pensando na felicidade de sua jovem parenta. Montriveau lançou-lhe aquele olhar terrível cujo choque elétrico tocava do mesmo modo os homens e as mulheres.

— Senhor, ter-se-ia prestado a um cruel gracejo? — exclamou. — Venho de casa da sra. de Langeais, e os criados afirmam que saiu.

— Oh! aconteceu, sem dúvida, por culpa sua, uma grande desgraça — respondeu o vidama. — Deixei a duquesa à sua porta...

— A que horas?

— Às oito menos um quarto.

— Boa-noite — disse Montriveau, e regressou precipitadamente à casa, para perguntar ao porteiro se não vira, fazia pouco, uma dama à porta.

— Sim, senhor, uma bela senhora, que parecia sofrer grande desgosto. Chorava como uma Madeleine, sem fazer ruído, e permanecia ereta como uma estaca. Por fim disse um: “Ó meu Deus!” ao partir, que, com sua licença, nos cortou o coração, a mulher e a mim, que estávamos próximos sem que ela o percebesse.

Estas poucas palavras fizeram empalidecer aquele homem tão firme. Escreveu algumas linhas ao marquês de Ronquerolles, a cuja casa imediatamente as remeteu, e subiu para o quarto.

Cerca de meia-noite chegou Ronquerolles.

— Que tens, meu bom amigo? — disse, ao avistar o general.

Armando deu-lhe a ler a carta da duquesa.

— E então? — indagou Ronquerolles.

— Esteve à minha porta às oito horas e, às oito e um quarto, desapareceu. Eu a perdi e a amo! Ah! se a minha vida me pertencesse já teria feito saltar os miolos!

— Ora! Ora! — disse Ronquerolles —, acalma-te. As duquesas não

desaparecem como os passarinhos. Ela não poderá andar mais de três léguas por hora; amanhã, nós faremos seis. Irra! — continuou —, a sra. de Langeais não é uma mulher qualquer. Amanhã estaremos todos a cavalo. Durante o dia saberemos pela polícia para onde foi. Foi-lhe preciso um carro, esses anjos não têm asas. Quer esteja a caminho ou escondida em Paris, nós a encontraremos. Não dispomos do telégrafo para fazê-la parar sem a seguir? Serás feliz. Mas, meu caro irmão, cometeste o erro de que são mais ou menos culpados os homens de tua força: o de julgar as outras almas pela sua, sem saber onde acaba o humano ao lhe estirarem as cordas. Por que não me disseste uma palavra antes? Eu te haveria dito: sê pontual. Até amanhã, pois — acrescentou, apertando a mão de Montriveau, que permanecia mudo. — Dorme, se puderes.

Mas foram em vão empregados os maiores recursos de que jamais homens de Estado, soberanos, ministros, banqueiros, enfim, de que nenhum poder humano se haja investido.

Nem Montriveau nem seus amigos puderam encontrar vestígios da duquesa. Evidentemente estava enclausurada. Montriveau resolveu esquadrihar e mandar revistar todos os conventos do mundo. Queria a duquesa, ainda que custasse a vida de uma cidade inteira. Para fazer justiça a esse homem extraordinário, cumpre dizer que seu furor apaixonado se elevou dia a dia, sempre ardente, por cinco anos.

Somente em 1829, por acaso, soube o duque de Navarreins que a filha partira para a Espanha como criada de quarto de lady Julia Hopwood e que deixara essa dama em Cádiz sem que lady Julia se houvesse apercebido que a srta. Carolina era a ilustre duquesa cuja desapareição preocupava a alta sociedade parisiense.

Os sentimentos que animavam os dois amantes ao se reencontrarem na grade das carmelitas e em presença da madre superiora serão agora compreendidos em toda a sua extensão; e a sua violência, despertada de parte a parte, explicará, sem dúvida, o desenlace desta aventura.

#### IV — DEUS FAZ OS DESENLACES

Morto em 1823 o duque de Langeais, sua mulher estava livre. Antonieta de Navarreins vivia consumida pelo amor num rochedo do Mediterrâneo, mas o papa poderia anular os votos da irmã Teresa. A felicidade, adquirida com tanto amor, podia enfim desabrochar para ambos. Tais pensamentos fizeram Montriveau voar de Cádiz a Marselha, de Marselha a Paris.

Poucos meses depois de sua volta à França, um brigue mercante, armado em pé de guerra, partiu do porto de Marselha e seguiu pela rota da Espanha. O navio fora fretado por vários homens distintos, quase todos franceses, que, tomados de paixão pelo Oriente, desejavam visitar tais regiões. O grande conhecimento que Montriveau possuía dos costumes daqueles povos fazia dele precioso companheiro de viagem para tais cavalheiros, que lhe solicitaram fosse com eles, ao que acedeu. O ministro da Guerra nomeou-o tenente-general e transferiu-o para a Artilharia, a fim de lhe facilitar aquela viagem de recreio.

O brigue ancorou, vinte e quatro horas depois de sua partida, a noroeste de uma ilha, à vista das costas da Espanha. A embarcação fora escolhida de carena muito fina e de mastreação leve, para que pudesse sem perigo ancorar a uma meia légua mais ou menos dos recifes que, desse lado, impediam inteiramente a abordagem da ilha.

Se outros barcos, ou os habitantes, percebessem o brigue naquele ancoradouro, não poderiam conceber receio algum. Ademais, foi fácil justificar o estacionamento. Antes de chegar à vista da ilha, Montriveau fizera arvorar o pavilhão dos Estados Unidos. Os marinheiros engajados para o serviço eram americanos e só falavam inglês. Um dos companheiros de Montriveau embarcou-os numa chalupa e os conduziu para um albergue da cidadezinha, onde os mantinha num estado de embriaguez que não lhes deixava a língua solta. Fez constar, depois, que o

brigade fora equipado por buscadores de tesouros, gente conhecida nos Estados Unidos por seu fanatismo, e cuja história foi narrada por um dos escritores daquele país. Desse modo, a presença do navio nos recifes ficou suficientemente explicada. Os armadores e os passageiros procuravam ali, dizia o pretense contramestre dos marinheiros, os destroços de um galeão naufragado em 1788, com tesouros remetidos do México. Os hoteleiros e as autoridades locais não indagaram mais nada.

Armando e os devotados amigos que o secundavam na difícil empresa pensaram, de início, que nem a astúcia nem a força poderiam dar resultado no livramento ou rapto da irmã Teresa pelo lado da pequena cidade. Então, de comum acordo, aqueles homens audazes resolveram pegar o touro pelos chifres. Entenderam franquear um caminho até o convento pelos lugares que pareciam de todo impraticáveis e vencer a natureza, como o fizera o general Lamarque no assalto a Capri. Em tais circunstâncias, as paredes de granito talhadas a pique, na extremidade da ilha, lhes ofereciam menos possibilidades que as de Capri ofereceram para Montriveau, que fizera parte da incrível expedição, e as monjas lhes pareciam mais temíveis do que o fora sir Hudson Lowe.

Raptar a duquesa com escândalo encheria de vergonha aqueles homens. Seria o mesmo que sitiá-la a cidade, o convento, e não deixarem uma só testemunha da vitória, à maneira dos piratas. Para eles a empresa não tinha senão duas alternativas: ou um incêndio, um feito de armas que horrorizaria a Europa se conservada na ignorância do motivo do crime; ou um rapto aéreo, misterioso, que persuadissem às freiras que o diabo lhes fizera uma visita. Esse último partido triunfou no conselho secreto reunido em Paris antes da partida. Em consequência, tudo fora previsto para o bom êxito da empresa que oferecia àqueles homens, fatigados dos prazeres de Paris, verdadeira diversão.

Uma espécie de canoa de extrema leveza fabricada em Marselha, segundo modelo malaio, permitia vogar pelos recifes até o local em que

cessavam de ser praticáveis. Dois cabos de arame estendidos paralelamente à distância de poucos pés e inversamente inclinados, sobre os quais deviam deslizar os cestos também de arame, serviam de ponte, como na China, entre um rochedo e outro. Os escolhos foram assim unidos uns aos outros por um sistema de cabos e de cestos semelhante aos fios sobre os quais viajam certas aranhas e com os quais envolvem uma árvore: obra de instinto que o chinês, povo essencialmente imitador, copiou antes dos outros, historicamente falando. Nem as ondas nem os caprichos do mar poderiam desarranjar aquelas frágeis construções. Os cabos eram suficientemente folgados, a fim de oferecerem ao furor das vagas essa curvatura estudada por um engenheiro, o falecido Cachin, o imortal criador do Port de Cherbourg, a linha sábia além da qual cessa o poder da água enfurecida; curva calculada segundo uma lei roubada aos segredos da natureza pelo gênio da observação que é quase todo o gênio humano.

Os companheiros do sr. de Montriveau ficaram a sós no navio. Olhos de homens não podiam chegar até eles. Os melhores óculos de alcance assestados do alto dos conveses pelos marinheiros dos navios em trânsito não permitiriam descobrir nem os cabos perdidos nos recifes nem os homens escondidos no rochedo. Depois de onze dias de preparativos, os treze demônios humanos chegaram ao pé do promontório que se eleva umas trinta toesas sobre o mar, bloco tão difícil de ser transposto pelos homens como, talvez, a um camundongo o trepar pelo ventre polido de um vaso de porcelana. Felizmente o paredão de granito tinha uma fenda. Esta, cujos lados tinham a rigidez da linha reta, permitiu que se fixassem, a um pé de distância uma da outra, grandes cunhas de madeira nas quais os ousados trabalhadores cravaram grampos de ferro, os quais, preparados de antemão, terminavam numa palheta perfurada, sobre a qual fixaram degraus de madeira de pinho extremamente leve, que vinham adaptar-se aos entalhes de um mastro tão alto como o



promontório e fixado ao pé da rocha, na margem. Com habilidade digna de tais executores, um deles, profundo matemático, calculara o ângulo necessário para afastarem-se gradualmente os degraus do alto e debaixo do mastro de modo a colocar no centro o ponto a partir do qual os degraus da parte superior atingiam em leque o alto rochedo; figura que igualmente representavam, mas em sentido inverso, os degraus da parte inferior. A escada de miraculosa leveza e de solidez perfeita custou vinte e dois dias de trabalho. Um isqueiro, uma noite e a ressaca do mar eram suficientes para fazer desaparecer para sempre os seus vestígios. Assim, nenhuma indiscrição seria possível e pesquisa alguma contra os violadores do convento poderia dar resultado.

No alto do rochedo se encontrava uma plataforma limitada por três lados pelo precipício cortado a pique. Os treze desconhecidos, examinando o terreno através dos óculos de alcance do alto do cesto da gávea, haviam verificado que, não obstante algumas asperezas, poderiam facilmente chegar aos jardins do convento, onde árvores suficientemente copadas ofereciam seguros abrigos. Ali chegados, teriam de decidir ulteriormente por que meios se consumaria o rapto da religiosa. Depois de tão grandes esforços não queriam comprometer a empresa arriscando ser percebidos e foram, assim, obrigados a aguardar que expirasse o último quarto da lua.

Montriveau permaneceu durante duas noites envolto numa capa, deitado sobre o rochedo. Os cantos das Vésperas e os de Matinas causaram-lhe inexprimíveis delícias. Foi até o muro para poder ouvir a música do órgão e esforçou-se por distinguir uma voz naquela massa de vozes. Mas, apesar do silêncio, a distância não deixava chegar a seu ouvido senão harmonias em que os defeitos de execução não se faziam mais sentir e cujo puro pensamento de arte se desprendia, comunicando-se à alma sem lhe exigir nem os esforços da atenção nem as fadigas do entendimento. Terríveis lembranças para Armando, cujo amor refloria

por inteiro naquela brisa musical em que supunha encontrar aéreas promessas de ventura.

Na manhã que se seguiu à última noite, ele desceu antes do nascer do sol, depois de ter permanecido várias horas com os olhos fitos na janela sem grades de uma cela. As grades não eram necessárias no alto de tais abismos.

Vira ali uma luz durante toda a noite. E o instinto do coração, que tantas vezes engana como diz verdade, segredara-lhe: “Ela está lá”.

“Ela está certamente lá, e amanhã eu a terei”, pensou ele, mesclando alegres pensamentos aos sons de um sino que soava lentamente. Estranha bizzarria do coração! Amava com mais paixão a religiosa desfeita pelos transportes de amor, consumida pelas lágrimas, os jejuns, as vigílias e a prece, a mulher de vinte e nove anos fortemente posta à prova, do que amara a moça graciosa, a mulher de vinte e quatro anos, a sílfide. Mas não têm inclinações os homens de alma vigorosa que os arrastam para as sublimes expressões que nobres desventuras ou impetuosos movimentos de pensamento gravam na fisionomia da mulher?

A beleza de uma mulher mortificada não é a mais atraente de todas para os homens que sentem no coração um tesouro inesgotável de consolações e de ternuras para espargir sobre uma criatura graciosa pela fraqueza e forte pelo sentimento? A beleza fresca, corada, sem falhas, o bonito, numa palavra, é o atrativo vulgar a que se prende a mediocridade.

Montriveau devia amar os rostos em que o amor ressalta entre as rugas da dor e as ruínas da melancolia. Um amante faz brotar, pela atração de seus poderosos desejos, um ser inteiramente novo, jovem, palpitante, que rompe por si só um envoltório belo para ele, desfeito para o mundo. E não possui ele duas mulheres — a que se apresenta aos outros, pálida, descorada, triste; e a do coração, que ninguém vê, um anjo que compreende a vida pelo sentimento e que só se manifesta em toda a sua glória nas solenidades do amor?

Antes de deixar o seu posto, ouviu o general fracos acordes que partiam daquela cela, doces vozes cheias de ternura. Ao encontrar-se na base do rochedo sob o qual se conservavam os seus amigos, disse-lhes em poucas palavras impregnadas da paixão comunicativa, embora discreta, de que os homens sempre respeitam a expressão grandiosa, que jamais na vida experimentara tão cativante felicidade.

Chegada a noite, onze companheiros devotados se içaram na sombra para o alto do rochedo, tendo cada um deles um punhal, uma provisão de chocolate e todos os instrumentos que comporta o ofício de ladrão. Franquearam o muro do recinto por meio de escadas que haviam fabricado e viram-se assim no cemitério do convento.

Montriveau reconheceu a longa galeria abobadada pela qual chegara ao parlatório e as janelas da sala. Num momento elaboraram um plano e o adotaram. Consistia em abrir uma passagem pela janela do parlatório que iluminava a parte deste reservado às carmelitas, penetrar nos corredores, verificar se havia nomes inscritos em cada cela, ir até à da irmã Teresa e surpreender e amordaçar a religiosa durante o sono, manietá-la e roubá-la. Todas as partes do programa eram fáceis para homens que à audácia, à desenvoltura de forçados, aliavam os conhecimentos próprios das pessoas da sociedade, e para os quais era indiferente dar uma punhalada para garantir o silêncio.

A grade da janela foi serrada em duas horas. Três homens se puseram de sentinela no exterior e dois outros ficaram no parlatório. O resto, de pés descalços, postou-se de distância em distância através do claustro onde penetrou Montriveau oculto por trás de um jovem, o mais ágil de todos, Henrique de Marsay, que, por prudência, vestia um hábito de carmelita absolutamente igual aos do convento. O relógio batia três horas quando a falsa religiosa e Montriveau chegaram ao dormitório. Imediatamente verificaram a situação das celas. A seguir, não ouvindo ruído algum, leram, com auxílio de uma lanterna surda, os nomes felizmente inscritos

em cada porta, acompanhados de estampas de santos ou santas e de divisas místicas, que cada religiosa tomava como epígrafe do novo capítulo de sua vida e nas quais revelava seus últimos pensamentos.

Na cela da irmã Teresa, leu Montriveau esta inscrição:

SUB INVOCATIONE SANCTÆ MATRIS THERESÆ

E a divisa era:

Seu companheiro, pondo-lhe uma mão no ombro, chamou-lhe a atenção para um raio de luz que iluminava as lajes do corredor pela fresta da porta. Nesse instante o sr. de Ronquerolles alcançou-os.

— Todas as religiosas estão na igreja e começam a rezar o ofício dos mortos — disse.

— Fico aqui — respondeu Montriveau —, retirem-se para o parlatório e fechem a porta deste corredor.

Entrou rapidamente fazendo-se preceder pela falsa religiosa, que baixara o véu. Viram então, na antecâmara da cela, a duquesa morta, posta no chão sobre a tábua de seu leito e iluminada por dois círios. Nem Montriveau nem De Marsay disseram uma só palavra ou soltaram uma só exclamação, entreolharam-se apenas. E o general fez um gesto que queria dizer: “Levemo-la”.

— Fugam — gritou-lhes Ronquerolles. — A procissão das religiosas se põe em marcha e serão surpreendidos.

Com a rapidez mágica que um extremo desejo comunica aos movimentos, a morta foi levada para o parlatório, passada pela janela e transportada para o pé do muro, no momento em que a Madre Superiora, seguida pelas religiosas, chegava para carregar o corpo da irmã Teresa. A

freira que velava a morta tinha cometido a imprudência de remexer na cela para conhecer-lhe os segredos e se absorvera tanto na revista que nada ouviu e saía então de lá, espavorida por não ver mais ali o corpo. Antes que aquelas mulheres estupefatas tivessem pensado numa busca, o corpo da duquesa fora descido por uma corda para a base do rochedo e os companheiros de Montriveau tinham destruído a sua obra. Às nove horas da manhã nenhum vestígio existia nem da escada nem das pontes de cabos; o corpo da irmã Teresa estava a bordo; o brigue foi até o porto para embarcar os marinheiros e desapareceu no mesmo dia.

Montriveau ficou sozinho na sua cabina com Antonieta de Navarreins, cujo rosto, durante algumas horas, resplandeceu para ele das sublimes belezas que a calma particular da morte empresta aos nossos despojos mortais.

— Ah! Aquilo — disse Ronquerolles a Montriveau, quando este reapareceu no convés — era uma mulher, agora não é nada. Atemos-lhe uma bala em cada pé e atiremo-la ao mar; e não penses mais nela senão como pensamos num livro lido durante a infância.

— Sim — disse Montriveau —, pois que isto nada mais é que um poema.

— Vejo-te, afinal, ajuizado. Daqui por diante tem paixões, mas quanto ao amor é preciso saber bem empregá-lo; e só o último amor de uma mulher pode satisfazer o primeiro amor de um homem.